



**Diagnóstico Arqueológico na Área do Cinturão das Águas do
Ceará (CAC) – ETAPA 1- Trecho Jati/ Cariús
Processo n.º 01496.000773/2012-76
RELATÓRIO FINAL**

Rosiane Limaverde
Nova Olinda, FEVEREIRO/ 2013



EMPREENDEDOR

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
SECRETARIA DOS RECURSOS HÍDRICOS - SRH
CINTURÃO DE ÁGUAS DO CEARÁ – CAC
PROJETO EXECUTIVO DO TRECHO 1 – JATI-CARIUS

EMPRESA EXECUTORA

RAZÃO SOCIAL DA EMPRESA - VBA TECNOLOGIA E SERVIÇOS DE ENGENHARIA S.A.
RESPONSÁVEL - EDNARDO CARDOSO FERNANDES
CNPJ - 06.082.846/0001-02
ENDEREÇO PARA CONTATO - AV. PADRE ANTÔNIO TOMÁS, 2420. 80 E 90 ANDAR
FORTALEZA/CE
FONE: (85) 3261.1077.

ENDOSSO INSTITUCIONAL



Fundação Casa Grande- Memorial do Homem Kariri
Casa do Patrimônio da Chapada do Araripe
CNPJ 41.337.569/0001-24

Responsável Legal: Francisco Alemberg de Souza Lima

Conselho Científico:

Rosiane Limaverde

Vanessa Louise Batista

Fabiana Barbosa

Endereço: Av. Jeremias Pereira, 444

Nova Olinda, CE

CEP: 63.165-000

Telefone/ fax: 88- 35218133

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação: Rosiane Limaverde.

Doutoranda investigadora do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto/ CEA UCP/ Fundação da Ciência e Tecnologia, Portugal;
Mestre em Arqueologia e Preservação do Patrimônio- Universidade Federal de Pernambuco- UFPE.

Historiadora. Universidade Regional do Cariri, URCA.
Presidente do Conselho Científico da Fundação Casa Grande- Memorial do Homem kariri, Nova Olinda-CE. Curadora de Arqueologia do Museu Pré- Histórico de Itapipoca- MUPHI.

CPF: 312.957.113-20

Endereço: Rua Ratisbona, 564, Crato-CE

Fone: (88) 35218133/ 99616916

E-mail: rosilimaverde@gmail.com

Consultorias:

Professora Tânia Peixoto

Historiadora

Universidade Regional do Cariri

Liz Cordeiro.

Arquiteta.

Universidade Federal do Paraíba- UFPB.

Arqueólogos:

Amanda Carol Siqueira

Pablo Roggers Amaral Rodrigues

Assistentes de pesquisa:

Jonas Fernandes Lima Neto

Heloisa Bitú Ferraz

Topografia e Geoprocessamento:

João Paulo Marôpo

ARQ- Laboratório de Arqueologia da Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri

ÍNDICE

1- APRESENTAÇÃO.....	06
1.1. Localização.....	06
2- OBJETIVOS.....	06
2.1. Objetivos específicos.....	07
3- METODOLOGIA ADOTADA.....	07
4- CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA PESQUISADA.....	09
4.1. O Caminho das Águas.....	15
5- ESBOÇO HISTÓRICO: POVOAMENTO E COLONIZAÇÃO NA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE.....	21
6- ANTECEDENTES INDÍGENAS.....	49
6.1. Missão e Aldeamento indígena.....	52
7- ANTECEDENTES DA ARQUEOLOGIA NA ÁREA DE PESQUISA.....	54
8- LEVANTAMENTO DO PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL DOS MUNICÍPIOS DE CRATO - BARBALHA - NOVA OLINDA - MISSÃO VELHA - ABAIARA - PORTEIRAS - BREJO SANTO – JATI.....	64
8.1. CRATO.....	65
8.2. BARBALHA.....	75
8.3. NOVA OLINDA.....	83
8.4. MISSÃO VELHA.....	90
8.5. ABAIARA.....	95
8.6. PORTEIRAS.....	97
8.7. JATI.....	100
8.8. BREJO SANTO.....	102
9- PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	105
9.1. Palestras de Educação Patrimonial.....	112
9.2. Oficinas de Educação Patrimonial.....	114
10- PESQUISA DE CAMPO- ÁREA DIRETAMENTE AFETADA- ADA.....	115
11- RESULTADOS.....	140
11.1. Ocorrências e sítios arqueológicos identificados.....	140
11.2. Recomendações.....	141
12- BIBLIOGRAFIA.....	142

1- APRESENTAÇÃO

O presente relatório constitui-se dos resultados finais da Etapa I – Diagnóstico Arqueológico na Área do Cinturão das Águas do Ceará (CAC) – Trecho Jati Cariús, em execução pela Arqueóloga Rosiane Lima Verde e equipe, no âmbito do Contrato Nº 002/SRH/CE/012, firmado entre a SRH – Secretaria dos Recursos Hídricos do Ceará e a VBA – Tecnologia e Engenharia S/A para “Elaboração do Projeto Executivo do 1º Trecho Jati / Rio Cariús, com 153,6 km do Projeto Cinturão das Águas do Ceará – CAC”.

1.1. Localização

O Trecho Jati/Cariús do Projeto do Sistema Adutor Cinturão das Águas do Ceará - CAC impactará áreas rurais e urbanas dos municípios de Jati, Porteiras, Abaiara, Brejo Santo, Missão Velha, Barbalha, Crato e Nova Olinda. Definiu-se a área de influência direta do CAC como sendo a faixa de 2 km para cada lado ao longo do eixo do sistema adutor.

2- OBJETIVOS

O objetivo do presente projeto de Diagnóstico Arqueológico é verificar o impacto cultural na área de implantação do Projeto cinturão das Águas- CAC, diagnosticar o potencial arqueológico no trajeto selecionado, ou seja a área afetada diretamente pelo empreendimento- ADA e elencar os aspectos do patrimônio histórico-cultural, visando a obtenção da Licença Prévia (LP) junto ao IPHAN SEMACE em dois escopos:

- Elaborar um quadro cultural da região,
- Atender à legislação nacional quanto à proteção e preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro.

Esta pesquisa permitiu minimizar o dano causado, através dos resultados que possibilitaram a obtenção de conhecimento sobre as formas de apropriação, ocupação e modos de vida de populações pretéritas da região.

2.1. Objetivos específicos

2.1.1. Levantar o potencial cultural, o Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural na área de influência direta e indireta do Projeto Cinturão das Águas-CAC.

2.1.2. Seguir a legislação pertinente, para intervir junto a esses patrimônios, tais como a Constituição Federal de 1988, a Lei 3924/61, e as Portarias IPHAN de n. 007, de 01/12/88 (SPHAN), de n. 230, de 17/12/02 e a de n. 28, de 31/01/03.

2.1.3. Identificar as culturas que ocuparam a área em estudo ao longo do tempo, caracterizando-as material, espacial e cronologicamente, para uma posterior inserção num quadro cultural macro- regional.

2.1.4. Elaborar um quadro da ocupação local, dentro de um marco teórico de micro-história, sem perder de vista o processo de colonização do país e do Nordeste.

2.1.5. Fazer o levantamento dos bens de natureza imaterial e material do Municípios afetados diretamente.

2.1.6. Elaborar e executar um Programa de Educação Patrimonial no Municípios afetados diretamente.

3- METODOLOGIA ADOTADA

A metodologia de trabalho foi dividida em 5 fases:

A) - FASE PREPARATÓRIA: Com duração de 01 (um) mês, envolveu as seguintes tarefas: Plano de Trabalho consolidado, autorização emitida pelo IPHAN e declaração de aceitação do material arqueológico emitido por instituição do Estado do Ceará (Fundação Casa Grande) que atuará como depositária; toda a infra- estrutura de campo deverá estar pronta ao final desta fase para dar início os serviços na área de influência do empreendimento.

B) - FASE EXECUTIVA: Nesta fase para obtenção da LP (Licença Prévia) foram executados os trabalhos prospectivos de campo em superfície, incluindo atividades de laboratório, registro fotográfico e dos vestígios localizados.

- Coleta sistemática de vestígios localizados em superfície durante as prospecções, com posicionamento topográfico das evidências descobertas (vestígios, sítios, fósseis

e estruturas) com vistas à elaboração de mapa e valoração arqueológica dos municípios impactados.

- Acondicionamento do material coletado em superfície em sacos plásticos, etiquetar com número de ordem, nome do sítio, instituição depositária, material (louça, cerâmica, ferro, vidro, metal, madeira, osso, etc. data da coleta e nome do pesquisador responsável.

- Desenho e fotografias das peças coletadas para composição do banco de dados da instituição receptora da coleção arqueológica.

- Elaboração da carta topográfica para fundamentar a leitura da distribuição espacial dos vestígios e estruturas identificados em superfície.

- Realização do cadastro dos vestígios e sítios arqueológicos existentes na área do empreendimento, georreferenciando os locais estudados, com o auxílio do GPS. Plotar mapa.

- Cadastramento dos sítios estudados junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

- Análise em laboratório do material coletado em superfície devendo ser descrito o resultado a ser apresentado como uma primeira síntese sobre os grupos culturais que habitaram a região no passado.

C) FASE- PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Nesta fase foram executadas as ações de educação e preservação patrimonial incluindo atividades de campo e escritório, organização de palestras, promoção do autoconhecimento de valores imaterial.

s e materiais junto à comunidade local. também realizados estudos etno- históricos e ambientais, incluindo uso e ocupação do solo.

D) ESTUDOS HISTÓRICOS

Realizou-se os estudos bibliográficos em fontes documentais que fundamentem inferências sobre a presença humana no período proto-histórico, que forneceram também informações sobre as comunidades atuais, suas atividades econômicas e uso da terra. Se fez à contextualização e caracterização da área de abrangência do

empreendimento, considerando os termos etno- histórico e arqueológicos, a análise da ocupação e uso do solo, pontos de erosão ou degradação do solo causado por qualquer ação antrópica ou natural e que possam estar afetando os sítios arqueológicos identificados. Esta fase concluiu-se com a identificação e a avaliação do impacto potencial da construção sobre o patrimônio cultural a partir das características e meios tecnológicos do empreendimento e a elaboração do quadro com a identificação dos impactos sobre o patrimônio arqueológico.

D) FASE DE CONSOLIDAÇÃO

Nesta fase foi consolidado o Relatório Técnico Final que será enviado ao IPHAN para a sua aprovação, conforme Portaria nº 07/88. No Relatório Técnico Final estão incluídos todos os serviços realizados, mapas, fotografias, palestras de educação patrimonial; os resultados serão consolidados e apresentados na forma de texto, tabelas numéricas, gráficos, ilustrações fotográficas, desenhos e mapas, devendo o relatório ser encaminhado ao IPHAN do Ceará.

Esta fase concluiu-se com a apresentação do Relatório Técnico Final aprovado preliminarmente aprovado pelo IPHAN. O prazo final para a conclusão dos serviços é de 6 meses (6 meses) após a emissão da ordem de início dos serviços.

4- CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA PESQUISADA

O semiárido do Nordeste abriga ilhas de umidade. São paisagens de exceção. A biodiversidade dessas florestas úmidas do sertão ainda é pouco conhecida. Essas “ilhas verdes” podem guardar relíquias do tempo em que a Mata Atlântica e a Amazônia formavam uma única grande floresta. A Chapada do Araripe é uma dessas manchas de vegetação sempre verde em um “mar de caatinga” .

No Nordeste do Brasil as paisagens predominantemente mais características são: a caatinga, o cerrado e o cerradão, onde as plantas são adaptadas à seca. A Chapada do Araripe mantém um diferencial importante nessa paisagem nordestina, graças a sua dimensão e seu relevo, permitindo às nuvens formarem e trazerem chuvas às

encostas, dando origem a densas florestas caducifolheadas e, inclusive, nos locais mais protegidos, a uma floresta densa e úmida comparável a Amazônia e a Mata Atlântica.



Figure 1: Cartograma do Nordeste. Destaque Bacia Sedimentar do Araripe. Fonte: Limaverde (2006).

O Araripe destaca-se na paisagem sertaneja com sua forma tabular alongada. De longe aparece como uma linha contínua e azulada a riscar o infinito. Pode-se compreender que, morfologicamente, a Chapada do Araripe se apresenta como uma mesa, sustentada pela formação Exu, com eixo maior leste/oeste, possuindo cerca de 180 Km de comprimento. O eixo norte/sul tem uma variação entre 30 a 70 quilômetros. No extremo ocidental, uma projeção de cerca de 80 quilômetros prolonga o platô em ângulo reto, servindo de limite entre Pernambuco e Piauí. No topo, a chapada, cuja área se estima em sete mil e quinhentos quilômetros quadrados, mantém-se geralmente em altitudes de 750 metros, com leves ondulações, sendo mais elevado o lado oriental. A superfície se apresenta plana, possuindo na parte leste, entre as cidades de Crato, Jardim, no Ceará, e Exu, em Pernambuco, uma altitude superior a 900 metros. Nas vizinhanças de Araripina - PE, diminui gradativamente até um pouco mais de 700 metros.



Figure 2: Chapada do Araripe. Fonte: Expedição Caminhos da Chapada (Fundação Casa Grande, 2011).

A Chapada do Araripe é uma das feições topográficas mais importantes que se encontram em toda região Nordeste do Brasil, consistindo geologicamente em uma série de rochas sedimentares, cobrindo a antiga série de schistos crystallinos, gneiss e granitos (Small, 1979). Do ponto de vista geomorfológico essa chapada é apresentada como testemunho resultante da erosão de uma sequência sedimentar, com cerca de 600 a 700 metros de espessura, que foi depositada nesta extensa área em tempos mesozoicos, observando, porém, que a área de deposição desses sedimentos transcende em muitos quilômetros os limites da chapada. A sedimentação da Bacia do Araripe principiou-se no âmbito da água doce, mas o mar invadiu a região, formando camadas de gípso e rochas associadas. Peixes fósseis característicos de ambiente marinho testemunham a presença do mar na região em épocas pretéritas. A ligação com o mar interrompeu-se temporariamente e a redução de salinidade propiciou o desenvolvimento de faunas não marinhas.



Figure 3: Fósseis da Bacia do Araripe. Acervo do Museu de Paleontologia (Santana do Cariri, CE).

A Bacia sedimentar do Araripe é um planalto isolado, composto por unidades estratigráficas denominadas formações. Nuvens (1994) explica que a Chapada do Araripe é formada por uma série sedimentar quase horizontal, a série Araripe, que é constituída de quatro formações distintas que são:

I - Formação Mauriti ou Arenito conglomerático, que é o membro mais inferior de aspecto quartizítico e que aflora apenas na região do Cariri, Ceará.

II - A Formação Missão Velha ou arenito inferior, de cores vermelhas ou amareladas, estratificação cruzada que está bem presente nos municípios de Missão Velha e Brejo Santo, no Ceará.

III - A Formação Santana que é constituída na base de um folhelho betuminoso fóssilífero, seguindo-se de um siltito argiloso, tendo acima calcário laminado, ocorrendo ainda à gipsita, cujas jazidas representam um grande valor econômico e

acima um calcário margoso com concreções calcárias fossilíferas. Na região de Crato - CE, essa formação apresenta sua maior espessura, chegando acerca de 250 metros.

IV - A Formação Exu, Arajara ou Arenito superior, se constitui no membro mais constante de toda a série. É formado por arenitos clínicos de cores variegadas, onde predomina o vermelho escuro dispostas em camadas espessas sub horizontais, tendo um máximo de 250 metros no Crato. Quanto à área, o arenito se estende para o norte e leste a alguma distância da Chapada, enquanto a Oeste, os xistos cristalinos e granitos ficam muito perto do flanco escarpado da serra. (Small,1979).

A superfície da Chapada é tabular estrutural seccionada por erosão com grande homogeneidade fisiográfica. A drenagem superficial é inexpressiva, atestando a elevada porosidade e permeabilidade das rochas que a capeiam. A Chapada do Araripe acha-se limitada por toda a sua extensão por escarpas erosivas, sendo mais pronunciadas nos setores nordeste e sul, onde se tornam mais abruptas. A oeste, a escarpa que liga esta superfície à depressão sertaneja é menos ressaltada, por vezes, a ser esboçada.

Cerca de 95% do território do Ceará é dominado pelo clima semiárido quente, segundo a classificação de Koppen. As variações de temperaturas nas diferentes regiões do estado são: no litoral 27°C, serras 22°C e sertão: 33o C, durante o dia, e 23o C à noite. O índice pluviométrico é superior a 1.000mm na Chapada do Araripe, Serra de Uruburetama e Baturité e Serra da Ibiapaba onde as chuvas ocorrem com mais frequência. Nestas serras e chapadas as chuvas são mais regulares e com período mais longo, tornando as temperaturas amenas, chegando na Chapada do Araripe nas épocas mais frias ao 10o C e em seus vales a 18o C. As águas pluviométricas da Chapada do Araripe caem de Janeiro a Junho, podendo retardar-se. Nos anos secos são mais demoradas, mas nunca desaparecem totalmente.

A camada de calcário representa, segundo Small (ob. cit.), papel importante na estrutura da Chapada, quanto ao suprimento de água. “É uma imensa esponja as três primeiras camadas do planalto, nas quais se embebem todas as águas pluviais

que nele caem”. Ao atingirem as águas da chuva o calcário impermeável, forma-se um depósito, origem das fontes de pé de serra. Explica Small (ob. cit.) que a inclinação dessas camadas produziu ainda a concentração d’água numa linha norte e sul através dos Municípios de Crato e Jardim. Nos flancos da chapada que são cortados por esta linha, há grande abundância de água, que brota de uma altura de 725 metros sobre o nível do mar. No Crato é comum na época chuvosa, a população dos pés de serra ouvir ruídos produzidos pela corrente das águas que formam as nascentes, a quem o povo chama de “gemidos da serra”. No vale, em alguns lugares distantes vários quilômetros da Chapada brotam olhos d’água derivados, talvez do grande depósito existente acima umas dezenas de metros.

A litologia, da Chapada é constituída por rochas sedimentares cretáceas. Os estratos mergulham suavemente para norte e leste, o que possibilita a ocorrência de inúmeras nascentes responsáveis pela presença dos "brejos" de pé serra. O contato dos sedimentos cretáceos com as rochas Pré-Cambrianas é feito na cota média de 480m. A presença de morros testemunhos só chegou a ser constatada na porção meridional; os mesmos se mantêm no mesmo nível altimétrico da superfície do Araripe.

Nos contrafortes do Araripe cearense, a chapada esconde o seu mais rico tesouro: as fontes de águas cristalinas que jorram de suas nascentes para o verde vale do Cariri. Foi esse tesouro que o homem pré-histórico caminhante pelo Nordeste buscou e reconheceu. A água, a vida, a necessidade de sobrevivência em um ambiente inóspito como a caatinga, o fez trilhar em busca dos ambientes amenos, onde um refúgio fosse possível.



Figure 4: Fontes da Chapada do Araripe. Fonte: Expedição Caminhos da Chapada (Fundação Casa Grande, 2011)

4.1. O Caminho das Águas

São três as unidades hidrológicas que encontram suas nascentes na Chapada do Araripe:

I - Ao sul, a Bacia do Riacho da Brígida, no estado de Pernambuco, integrando-se à Bacia do Rio São Francisco;

II - Ao Norte, o alto Jaguaribe, no Ceará, com seus componentes: a oeste a Sub-bacia do Cariús e, a leste, a Sub-bacia do Salgado;

III - À oeste, a Sub-Bacia do Rio Canindé, afluente do Rio Parnaíba, no estado do Piauí.

- A Sub-bacia do Cariús e a Sub-bacia do Salgado

Pertencendo a Sub-bacia do Rio Cariús e do Rio Salgado nascem no Cariri os riachos e demais rios que cortam o vale, os mais significativos são: Riacho dos Porcos, Riacho Seco, Riacho Salamanca, Rio Batateira, Riacho dos Cárias, Rio Carás, Riacho Corotá, Rio Cariús, Rio dos Bastiões e Riacho da Conceição.



Figure 5: Cachoeira de Missão Velha. Fonte: Expedição Caminhos da Chapada (Fundação Casa Grande, 2011)

A bacia do Alto Jaguaribe, que se localiza na porção meridional do Estado, a montante do açude de Orós, seu principal reservatório. De suas nascentes à barragem do mencionado açude percorre 325 km, abrangendo área de 24.538 km², correspondendo a 16,75% do território estadual e 34,06% da área drenada pelo rio Jaguaribe. A bacia caracteriza-se pela ausência de escoamento perene e de cotas altimétricas variáveis entre 200 e 400 m, sendo os valores mais elevados concentrados nas suas cabeceiras. A declividade da bacia varia entre 0,03 e 2,5%, com média em torno de 0,06%. O cristalino representa a quase totalidade da bacia, sendo sua maioria composta por gnaisses, granitos, migmatitos, homogêneos e heterogêneos, com apenas 14,6% representada por terrenos sedimentares (IPLANCE, 1995). Pertencente ao Alto Jaguaribe, na sub bacia do Rio Cariús, os municípios por ela abrangido dentro da área do CAC é o de Santana do Cariri, Nova Olinda, Segundo a descrição do historiador Joaquim Alves (1945) na Revista do Instituto do Ceará a respeito da hidrografia regional, as águas do vale do Cariri convergem quase na sua totalidade, para o Rio Salgado, um dos grandes tributários do Rio Jaguaribe, as quais são oriundas das fontes perenes que provêm das faldas da serra e alimentam os riachos que drenam as suas terras.

Riacho dos Porcos- tem as suas origens no município de Jardim, no extremo sul do Estado. As fontes Cravatá, que vem da encosta meridional da Serra e a Boca da Mata que desce da oriental, formam dois pequenos cursos fluviais que se encontram na entrada da cidade, dando origem ao Rio Jardim, denominação que se adaptou ao município. Segue em direção á fronteira pernambucana, passa pelos sítios Mãe D'Água, Lobato e 'Cutuvelo', ponto em que a estrada se bifurca em dois ramos, um que segue para o município de Salgueiro, passa pelo sítio Bom Sucesso, extrema interestadual, e outro que se dirige para o município de Belmonte, passando no distrito cearense Macapá, ponto extremo da rodovia Ceará- Recife, em seguida atravessa a linha divisória de Brejo Santo.



Figure 6: Orquídeas da Chapada do Araripe. Fonte: Expedição Caminhos da Chapada (Fundação Casa Grande, 2011)

São afluentes do Rio Jardim, pela margem direita, os riachos Cipó, Fazenda Nova, Baixio, Pinto, Riacho abelha e Riacho Mandacaru. Pela esquerda os riachos Correntinhos, São José, Ludovico, Algodão e João Vieira. Depois de contornar as divisas de Pernambuco, segue para o Brejo Santo onde recebe, em frente a cidade, o riacho Balsamo, oriundo do serrote Inveja, continuando seu curso, recebe no território de Milagres o riacho Porteiras, oriundo do distrito do mesmo nome, engrossado pelas águas do riacho Oitizeiro. Ambos entram no Rio Jardim pela margem direita. Pela esquerda despejam os riachos das Pombas e Três Olhos d'água, entre outros. Quando chega ao distrito Podimirim, antigo Rosário, continua com o nome de Riacho dos Porcos, fazendo foz no Rio Salgado, entre os municípios de Missão Velha e Aurora.

Rio Missão Velha- Vem da reunião das águas das nascentes localizadas no sopé da Serra do Araripe, sul do município. Banha o distrito de Missão Nova e recebe pela margem direita, os riachos Fundo e Seco e pela esquerda, os riachos Palmeiras e

Freitas. De uma e outra margem, pequenos córregos vêm engrossar as suas águas. Na Serra da Mãozinha distrito de Goianinha, desce o Riacho Mãozinha que faz fo no Riacho Varzinha, despejando este no Riacho Coité, nas divisas interdistritais de Missão Velha e Missão Nova, onde formam o Riacho Seco, afluente do Missão Velha.

Rio Salamanca- As nascentes do Caldas e Santo Antônio, a Oeste do município de Barbalha, no sopé da Chapada do Araripe, são formadoras do Rio Salamanca que, pela margem esquerda, recebe os riachos – do Melo formado pela nascente de igual nome, sendo engrossado pelo Rosário, das Lages e o Seixinho aumentado pelas águas de Salobro e Água Suja formado pelos córregos Macaúba, Gitó e riacho Podre. As águas do Riacho Caldas são engrossadas pelas do Santo Antônio no sítio Frutuoso e pelas do Podre, no sítio Caça. Toma o nome de Riacho Caldas, quando recebe o riacho do Melo no sítio Cabaceiras, a 18 Km aproximadamente da cidade e a 9 Km da sua fonte. Ainda pela margem direita, recebe o riacho São Francisco, formado pelas águas dos sítios Boa Vista e Riacho do Meio, despejando no Salamanca distante da cidade de Barbalha, a 12 Km, mais ou menos e as do Riacho Seco, despeja suas águas na saída da rua e a Malhada, último tributário da margem esquerda.

O Rio Batateira- É formado pelas águas das nascentes Carrapateiras e Batateiras, dando esta o nome ao rio, ambas a Sudeste da cidade do Crato, ao Sopé da Chapada do Araripe, no Sítio Corujas. A terceira grande nascente que engrossa as suas águas é a do Granjeiro, passando, logo após a cidade do Crato, recebe, em seguida o Ponto e o Miranda, depois da reunião destes, com largura de 1 a 2 km, atravessa uma planície de 16 km e então entra no Município de Juazeiro. No Juazeiro são afluentes do Batateira pela margem direita, os Riachos São José, Pedrinha e Chumbada. Pela esquerda, o Riacho do Pau Seco, o Rio Carás e os Riachos São Gonçalo, Amaro e Coelho. Pau Vermelho e Malhada das Pedras.

Rio Carás- Nasce no Município de Nova Olinda, no Sítio Olho D'Água de Santa Bárbara e margeando a Chapada do Araripe, penetra no Município de Crato, atravessando-o para então penetrar no do Juazeiro a Nordeste, cortando-o na

direção Sudeste. No Município de Crato o Rio Carás recebe pelas margens direitas, os riachos Carneiro, Jardim, Inferno, Cotias, Correntim e pela esquerda os riachos Mata, Correntinho e Catingueira. São afluentes do Rio Carás no Juazeiro, pela margem direita os riachos Alegre e Marieta e pela margem esquerda, Carneiro e Espinho, originários do Município de Caririaçu.

O Rio Batateiras recebe o Rio Carás próximo ao distrito Marrocos, no município de Juazeiro. O Rio Salamanca encontra-se com o Batateira no Município de Missão Velha a 12 Km da Cachoeira, onde as suas águas se reúnem as do Missão Velha e descem juntas todas reunidas, para se despejarem no Riacho dos Porcos a 15 Km de Missão Velha, entre os distritos de Ingazeira e Aurora vão formar o Rio Salgado.

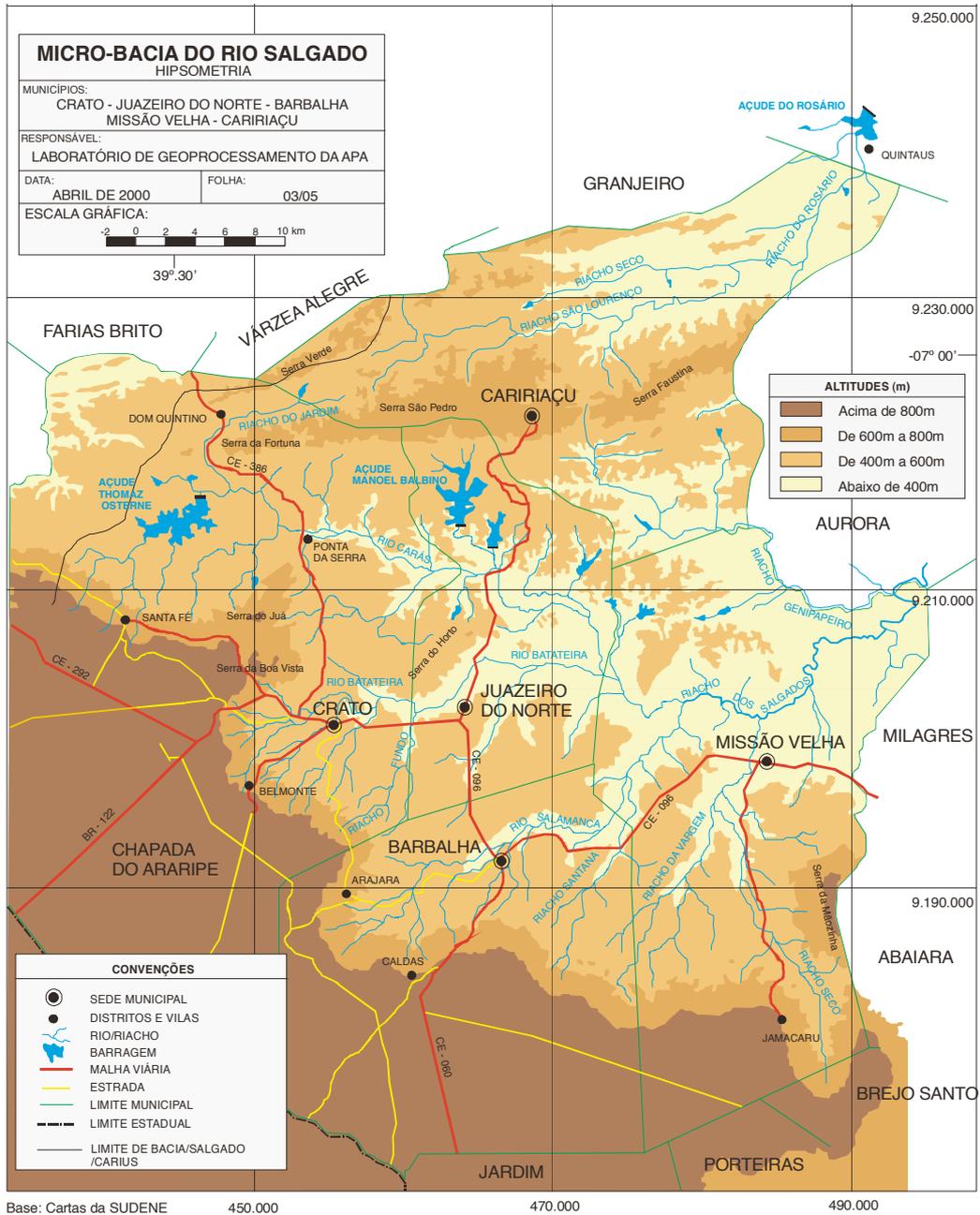


Figure 7: Localização das nascentes da Bacia Hidrográfica do Rio Salgado na região do Cariri Cearense. FONTE: COGERH, 2004.

5- ESBOÇO HISTÓRICO: POVOAMENTO E COLONIZAÇÃO NA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE

Pode-se afirmar, indubitavelmente, que o território localizado no entorno da Chapada do Araripe e hoje conhecido como Região Metropolitana do *Cariri*, em tempos remotos fora amplamente habitado por índios de nome homônimo. Vestígios arqueológicos, documentos eclesiásticos, tradição oral, assim como registros deixados por parte dos primeiros colonos do lugar e, posteriormente, pesquisas de caráter acadêmico, sobretudo na área de História, evidenciam e corroboram tal assertiva.

Em pleno semiárido nordestino, o Cariri cearense se destaca das demais regiões por apresentar, ainda, uma considerável incidência de fontes de água cristalina e natureza abundante, mesmo em períodos de estiagem, peculiaridades que lhe conferiram ao longo do tempo, o epíteto de *Oásis do Sertão*. É igualmente no Cariri, que os principais registros fossilíferos do chamado *Período Cretáceo* são encontrados e onde o Geopark Araripe, reconhecido pela UNESCO como o primeiro das Américas e do Hemisfério Sul, estabeleceu-se desde 2006.

A presença dos Índios *Kariri* no Nordeste, do Brasil, antecede consideravelmente a chegada daqueles aos quais foi delegada a incumbência de dar início ao processo de povoamento e colonização na região. No Ceará, os nativos não chegaram a ocupar maciçamente as suas regiões centrais, limitaram-se a habitar, em larga escala, o sul de toda a extensão territorial da Capitania. O Vale do Rio Salgado e seus respectivos afluentes, dentre os mais conhecidos o Rio Cariús e o Riacho dos Porcos, foram os caminhos naturais tomados para a fixação dos *Kariri* nas áreas mais férteis daqueles limites geográficos. Há quem afirme que a migração dos mesmos e o seu consequente estabelecimento, remonta aos longínquos séculos IX e X. Suposições, no entanto, que ainda não foram devidamente comprovadas.

A relação dos Índios *Kariri* com a natureza que o cercava, não se diferenciava daquela que outras nações indígenas, de forma geral, noutros lugares, mantinham para com o seu entorno. A terra não representava para eles, por assim dizer, um objeto do qual pudessem apropriar-se, tampouco esta era concebida como propriedade privada, dotada de um caráter pecuniário.

Da natureza subtrai-se, tão-somente, o necessário para sobreviver e socializar entre os integrantes das tribos, ou da aldeia. A garantia desta sobrevivência decorria, invariavelmente, da caça, da pesca, da coleta e da agricultura de subsistência. É plausível afirmar, considerando o caráter desta relação, que a terra representava não só o suporte ou a base da vida social dos indígenas. Em outras palavras, estava intrinsecamente ligada ao seu sistema de crenças e de conhecimentos em relação à vida, como um todo.

O mesmo não se pode asseverar a respeito do homem branco e a forma como este lida com o meio ambiente, até os dias atuais. O modo pelo qual as sociedades modernas estabelecem a sua relação para com a natureza, tem como fio condutor, dentre outras coisas, a exploração dos seus recursos com o fim de transformá-la para atender interesses unicamente especulativos. As motivações que levaram os futuros colonizadores a adentrarem o interior do Nordeste e do Ceará, eram permeadas pelo desejo, pela ambição incomensurável de acumular terras e riqueza por meio de mecanismos diversos. A conquista de poder e de prestígio, por conseguinte, seriam apenas conseqüências desse processo civilizatório que nascera na Europa e que irradiava-se pelo mundo, sobretudo na América.

A descoberta do território brasileiro e, num momento subsequente, do interior, alterou definitiva e irreversivelmente a vida dos indígenas que aqui habitavam. Tentativas houve de escravizá-los e de amansá-los através da imposição da doutrina cristã e da catequização, em detrimento da cultura peculiar que estes preservavam.

O movimento conhecido como *Confederação dos Cariris, ou Guerra dos Bárbaros* envolvendo várias etnias e os portugueses no sertão nordestino, surge como forma de resistência a esse estado de coisas, durando cerca de 30 anos. O episódio, que não ficara circunscrito apenas ao Ceará, difundiu-se por outras capitanias do Nordeste, numa demonstração contundente do quanto os indígenas não aceitavam, passivamente, a chegada avassaladora dos colonizadores, rebelando-se no sentido de resguardar não só a sua cultura, mas, por outro lado, as terras que ocupavam.

Segundo alguns estudiosos, o povoamento e a colonização do interior do Nordeste deram-se mais precisamente entre os séculos XVII e XVIII, tendo como um dos pontos de partida o conhecido “ciclo do couro” ou a expansão da pecuária, sob a égide da Capitania de Pernambuco. O Cariri, semelhante às demais áreas do semiárido nordestino, é inserido nesse contexto cuja dinâmica é a de dilatar a margem de lucro com a conquista de novos domínios. A doação de sesmarias e a posse e utilização das terras por parte dos sesmeiros, obedeciam, no entanto, às exigências impostas pela lógica econômica da época, pautada no sistema mercantil e atendiam estritamente os interesses da metrópole, levados a cabo pela Coroa Portuguesa. Dentre outros objetivos, a concessão de terras trazia embutidos dois propósitos indissociáveis: o de acelerar o projeto colonizador nos “Sertões de Dentro”, tendo-se em vista que o do Litoral já se encontrava em curso e o de lograr retorno econômico por meio de tributações, como a cobrança do dízimo, cujo controle, paradoxalmente, não se dava pela Igreja, mas, pela Coroa, revelando a unidade econômico-ideológica entre esta e a nobreza. O Catolicismo se apresentava como a religião oficial “(...) e a Coroa Portuguesa assumia perante a Igreja Católica o papel de gestora da missão evangelizadora.” (FERREIRA, 2002:33) durante o processo de expansão marítimo-comercial. Cabia à colônia, na verdade, tão-somente provê a metrópole com recursos que pudessem colocá-la em condições de competir com as demais nações europeias.

Embora a difusão do gado Vacum tenha servido de estímulo à incursão pelos interiores do Nordeste, a monocultura da cana-de-açúcar, entretanto, despontava como a atividade econômica preponderante até determinado período, restringindo a liberdade do posseiro no tocante ao usufruto propriamente dito, da terra que lhe era concedida, enquadrando-o numa conjuntura complexa que caracterizava-se, principalmente, pelo modelo agrário exportador. É sabido que a extensa aceitação do açúcar no mercado europeu fora determinante na incrementação do cultivo desse produto na zona litorânea, substituindo inúmeras outras culturas e reduzindo as áreas anteriormente reservadas à pecuária. Daí a necessidade de redirecionar a criação de gado para o interior, igualmente com a intenção de considerar as necessidades de abastecimento de carne, no litoral e de guarnecer, com animais de tração os primeiros engenhos instalados na região. A rota do gado na direção do interior do Nordeste e do Cariri desenhou-se, portanto, em consonância com o curso natural dos rios, outrora o mesmo caminho trilhado pelos índios quando de sua chegada em terras caririenses.

Outra hipótese aventada para o processo de povoamento do Cariri, está relacionada ao *Ciclo do Ouro* nas Minas de São José dos Cariris Novos, na segunda metade do século XVIII, local que corresponde ao atual município de Missão Velha. Difundiuse a notícia de que, no Cariri, havia riquezas a serem exploradas e para a região acorreram novas correntes migratórias em busca de jazidas e de metais preciosos. Todavia, o fracasso das minas estimulou a Coroa Portuguesa a expedir uma Ordem Régia suspendendo os trabalhos de mineração, ao se constatar que o empreendimento não era compensador.

Atentando para estas e outras suposições acerca dos fatores que contribuíram para a entrada de colonos na região do Cariri, é possível inferir que nenhuma delas, isoladamente, concorrera para a consolidação do projeto de povoamento conduzido pelos portugueses. Tanto a expansão da pecuária, quanto da agricultura e as possibilidades de mineração constituíram parte integrante de um projeto ousado e extremamente amplo de ocupação em âmbito regional, não obstante uma ou outra

atividade ter se sobressaído em algum momento com relação às demais, em termos de influência. Entretanto, é oportuno lembrar que a pecuária, mesmo como atividade econômica secundária necessitava, para desenvolver-se, de grandes extensões de terra para a pastagem e de água em abundância para a implantação das fazendas de gado e cultivo da agricultura de subsistência. No Ceará, o sertão dos Inhamuns e o Cariri ofereciam as condições favoráveis para a sua expansão, instigada pela demanda de carne nas regiões que se destacavam pela produção de açúcar e pela difusão em larga escala, dos canaviais.

Estes, por sua vez, impunham um alto índice de desmatamento da floresta nativa, “(...) fazendo desaparecer (...) a caça que outrora era abundante. Foram então trazidos para o Brasil animais que podiam ser utilizados para auxiliar no trabalho ou servir de alimento como: bois, porcos, cabras, cavalos, burros, carneiros etc.” (FILHO, 2007: 25)

Num período caracterizado pelas concessões de sesmarias, pela implantação e incremento de atividades econômicas diversas em lugares distintos do Brasil e do Nordeste, vale salientar que a procedência das correntes migratórias que deitaram suas raízes no Cariri advinham, da mesma forma, de várias localidades diferentes. Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Goiânia e, sobretudo, a Bahia e Sergipe, contribuíram significativamente para a formação sócio cultural e o caldeamento da região, conferindo-lhe uma feição peculiar, mas que tratava-se da síntese do próprio Brasil, nas suas devidas proporções.

Contudo, a investida na direção do Cariri, convém evidenciar, não se dera pacificamente. Conforme supra mencionado, índios habitavam os vales e serras do Sul do Ceará muito antes do homem branco aportar por estas plagas. Semelhante a outras regiões do país, os sesmeiros e pretensos novos habitantes do lugar traziam na bagagem além da cobiça e anseio de desbravamento, todo o conjunto de particularidades sócio-espaciais de seus lugares de origem, assim como privilégios, poderes, ideologia e tudo o mais que vigorava, especificamente, no tocante às

relações de produção quando do exercício das atividades açucareiras na zona litorânea. “O modelo de sociedade das fazendas litorâneas era marcado pela prepotência do senhor de engenho que guiava sua vida e a de todos que os cercava por padrões aristocráticos. Seu objetivo era o lucro ou a racionalidade empresarial, mais a acumulação de escravos e terras, fatores de honraria e poder” (FERREIRA, 2002:60)

Para levar os seus planos adiante e manter o *status quo* do qual usufruía no litoral, os sesmeiros, ao chegarem à região do Cariri encontraram na Igreja Católica - que acompanhava o processo de colonização do Brasil desde os primórdios e encontrava-se a serviço da metrópole, colocando-se como aparelho ideológico e ponto de apoio para a dominação, repressão e subordinação não somente do negro, mas também do índio nas fazendas que se iam estabelecendo - uma forte aliada, em vários aspectos. Dentre as estratégias de contenção dos ânimos com relação aos indígenas, a Igreja esmerou-se cotidiana e eficazmente na instituição de aldeamentos, que nada mais eram que núcleos para onde os nativos viam-se conduzidos com o intuito de catequizá-los e convertê-los ao Cristianismo, através de formas coercitivas de disciplinamento. Dominar as consciências fazia-se necessário no sentido de moldar hábitos, introduzir novos valores, normas e costumes, na medida em que se combatia aquilo que poderia representar supostos desvios de crença e de comportamento. Submeter os nativos a um processo de aculturação interessava à Coroa Portuguesa, pois estes, ao serem reprimidos “(...) serviam de mão-de-obra nas diversas atividades existentes (...) e ao mesmo tempo atuavam como guerreiros, reforçando a segurança das terras conquistadas pelos sesmeiros em relação a uma possível invasão de outras tribos na propriedade”. (FERREIRA, 2002: 41) Em síntese, a Igreja Católica mantinha para com a metrópole uma relação profundamente assinalada pelo aparelhamento ideológico pertinente ao período, na medida em que, nas missões e aldeamentos por ela organizados, o chamado clero regular (frades, monges), membros das ordens religiosas como franciscanos, capuchinhos, jesuítas atuavam de forma peremptória. A catequização compulsória imposta aos índios pelos padres e monges europeus, portanto, juntamente com os

colonizadores, significara uma das mais eficientes formas de mantê-los sob o domínio dos portugueses, facilitando a sua penetração nos territórios disputados.

No ensejo da política de colonização e levando-se em conta a realidade da região e as suas particularidades, a Igreja instala na primeira metade do século XVIII, em Missão Nova, distrito pertencente à atual Missão Velha, o primeiro templo católico do Cariri, dedicado a Santo Antônio. Registros históricos apontam o município de Missão Velha como a freguesia-mãe, ou a povoação mais antiga caririense, sob o aspecto eclesiástico. Outras informações indicam que a Missão do Miranda – dirigida pelo italiano Frei Carlos Maria de Ferrara -, atualmente a cidade do Crato, representa o aldeamento mais significativo e de maior densidade demográfica. A capela precariamente erguida, no local, tivera como orago Nossa Senhora da Penha, cuja devoção teve origem na Espanha e fora importada para o Brasil pelos capuchinhos missionários. A Missão do Miranda durou aproximadamente 17 anos, sendo extinta no ano de 1759, por determinação da Capitania de Pernambuco. Era corrente naquele período, a extinção dos aldeamentos, privando dos missionários a administração temporal das aldeias e as convertendo “(...) em vilas ou povoações sob a autoridade de administradores civis”. (FILHO, 2007:46)

Os primeiros núcleos urbanos caririenses originaram-se, majoritariamente, a partir das concessões de terras àqueles que as requeriam para o estabelecimento de suas fazendas, provenientes das mais diversas localidades. Ali eram estruturados, além de casas, do aldeamento, do curral e de outros prédios típicos da época, uma capela sob a invocação de um santo. Boa parte das vilas no Vale do Cariri evoluiu tendo como base essas primitivas manifestações de “civilização”. A população, habitualmente, tornava-se devota do santo de preferência do fazendeiro e as vilas, ao evoluírem para o status de cidade, o elegiam como o padroeiro do lugar. Cidades como Crato, Missão Velha, Barbalha - as mais antigas - e Nova Olinda, Brejo Santo, dentre outras, surgiram dessa maneira.

O **CRATO**, historicamente uma das cidades mais antigas do Cariri e divisa com o Estado de Pernambuco, tivera como núcleo embrionário a remota *Missão do Miranda*. Instituída como vila em 1762 e devidamente instalada somente em 1764 como *Vila Real do Crato*, é considerada um dos lugares mais aprazíveis da região dada a sua vocação para o turismo ecológico e cultural. Sua elevação à categoria de cidade deu-se em 17 de outubro de 1853.

Detentora de um número considerável de fontes naturais que brotam da Chapada do Araripe, juntamente com Missão Velha, Barbalha, Juazeiro do Norte, Jardim, Santana do Cariri e outros municípios, integra a Região Metropolitana do Cariri, criada pelo governo estadual, em 2009.

Também conhecida como “Princesa do Cariri” e “Cidade da Cultura”, o Crato, paradoxalmente, não possui centro histórico conservado. Sucessivas administrações municipais, adotando intervenções urbanas drásticas com o intento de modernizar a zona urbana do município e equipará-lo a outros em desenvolvimento noutras regiões do Estado, demoliram praticamente o casario colonial que figurava no centro da cidade e imediações e alargaram ruas e vielas. Subsistem precariamente, alguns poucos prédios que remontam à segunda metade do século XIX, como o Seminário São José e a Casa de Caridade, a 4ª criada no Cariri pelo missionário Pe. Ibiapina com a finalidade de prestar assistência e promoção humana às pessoas mais carentes.

O epíteto “Crato – Cidade da Cultura” ou “Capital da Cultura”, segundo CORTEZ (2000:2) é uma construção ideológico-cultural que remonta à segunda metade do século XIX, conduzida pelas elites cratenses (econômicas e políticas) com o objetivo de consolidar a imagem da cidade como um referencial de superioridade em vários âmbitos na região do Cariri, sobretudo em relação à Juazeiro do Norte, tomada como um espaço no qual, desde os acontecimentos relacionados aos “fatos extraordinários” envolvendo o Padre Cícero e a beata Maria de Araújo, em 1889, imperam o fanatismo e a barbárie como um indício de “ameaça à civilização e desobediência ao catolicismo romanizado”. Tal discurso, cujo teor é o de afirmação

do Crato como um município diferenciado invoca, até os dias atuais, “(...) uma memória indicadora do altruísmo, do patriotismo, do heroísmo e do pioneirismo do Crato e dos cratenses em várias áreas sociais, principalmente no campo da cultura letrada” (Id, p. 1), levando-o a cultivar, deliberadamente, um bairrismo exacerbado e um comportamento hostil em relação às demais localidades caririenses.

De acordo com Figueiredo Filho (1971: 17) a outrora “Vila do Crato era um pequeno aglomerado urbano. O centro da vila era o quadrado da matriz, tendo a Igreja como edifício principal. Tal local era primitivamente chamado de Praça dos Índios que depois passou a se chamar Praça da Matriz”.

No tocante ao processo de urbanização, pode-se afirmar que este sucedera à luz de uma herança rural oscilante economicamente. FILHO (2007:76) informa que o crescimento e modernização do Crato “(...) foi resultado das atividades primárias: criação de gado, cultura canavieira e do algodão; fato comum a várias cidades do Nordeste. [Portanto] A cidade crescia ou estagnava ao ritmo do crescimento ou estagnação destas produções”.

A ebulição política alimentou o espírito de muitos cratenses e correligionários, transformando o Crato em palco de acontecimentos históricos memoráveis. Convém mencionar alguns deles dado o mérito que tiveram ou a importância com a qual foram revestidos, em âmbito estadual e nacional:

Revolução Pernambucana de 1817 (Revolução de 3 de maio de 1817): apoiada pela Província do Ceará, contou com a participação ativa de José Martiniano de Alencar, cuja atuação fora decisiva na deflagração do movimento no Vale do Cariri, tendo o Crato como o local privilegiado para a possível concretização do sonho revolucionário de instituir, no Brasil, o sistema republicano e de libertá-lo de Portugal. Martiniano “proclama” a independência do país no púlpito da Igreja Matriz (hoje Paróquia Nossa da Penha) e o fato é considerado, por muitos memorialistas e historiadores, como o primeiro grito da independência do Brasil e da Proclamação da República.

Insurreição de Fidiê: em 1823 o Crato envia para o Maranhão uma força expedicionária, comandada por Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves de Alencar, com o objetivo de auxiliar na independência daquela província e do Piauí em relação a Portugal.

Confederação do Equador: com origem também em Pernambuco, o movimento de natureza revolucionária, expande-se pelo Ceará e pelo Cariri. O Crato, seguindo o exemplo da vila de Campo Maior, de Quixeramobim, rejeita a autoridade do imperador Pedro I e novamente adere à luta pela causa republicana.

Campo de Concentração do Buriti: por ocasião da Seca de 1932, temendo a invasão de Fortaleza e de cidades mais abastadas por parte das vítimas da estiagem que assola o Nordeste, o governo federal instala, no Ceará, vários campos de concentração. Tais espaços ficaram popularmente conhecidos como os *Currais do Governo* e surgem, inicialmente, como uma espécie de assistência àqueles que se encontravam desprovidos das condições mínimas de sobrevivência, inclusive de trabalho nas frentes de serviço do período. Todavia, segundo a historiadora Kênia Rios (2000:27),

a realidade destoava totalmente do que era apresentado na imprensa. “Os famintos eram atraídos com a promessa de comida, assistência médica e segurança. Lá não encontravam a estrutura prometida e não podiam sair do campo, sendo mantidos presos. Tudo para evitar que Fortaleza fosse invadida por famintos”.

Um desses campos fora estabelecido no Crato, no atual Bairro Muriti, fronteira com Juazeiro do Norte. Considerado o maior do Estado, reuniu cerca de 65 mil pessoas.

Caldeirão da Santa Cruz do Deserto: numa conjuntura em que a conhecida *Política do Café com Leite* desenhava o cenário político do país, surge, em 1894, no Sítio Baixa Dantas – faixa de terra doada pelo Pe. Cícero ao beato José Lourenço e primeiro lugar onde fora estabelecida -, em Crato, uma comunidade alternativa cujas características principais estavam fortemente ligadas à vivência da religiosidade popular e ao cooperativismo e distribuição de tudo que se produzia no local, conforme a necessidade de cada família. Por causar incômodo aos latifundiários da região, o sítio fora vendido e os seus moradores, expulsos pelo novo proprietário e

transferidos para outra propriedade do Pe. Cícero, de nome “Caldeirão da Santa Cruz do Deserto”, também no município do Crato.

De acordo com o historiador e professor Regis Lopes, o aspecto religioso do Caldeirão era algo extremamente forte, que

“(...) explica o caráter da comunidade que tinha como princípio básico a irmandade – todos eram iguais porque todos eram irmãos, filhos de Deus. “Esse discurso do Padre Cícero e do Beato Lourenço, muito parecido com o de outras lideranças religiosas, como Antônio Conselheiro, de Canudos, não era novo”, afirma Ramos. “A novidade foi colocar isso em prática de maneira radical, numa espécie de rebeldia no meio da tradição. Ou seja, a partir da tradição criou-se algo novo, que contrasta com o latifúndio, a exploração, a diferença de classe.”

Analisando por outro prisma e tomando como fundamento as contribuições da professora e antropóloga Luitgarde Barros (1998:94-95), o Caldeirão, pode-se inferir, constituiu uma espécie de movimento social, cuja ideologia e práticas cotidianas eram, na verdade, “manifestações históricas do Catolicismo Popular”. Comumente, a marcha dos beatos, dada a sua característica aglutinadora e subversiva, “(...) entrava em conflito com a sociedade capitalista e, conseqüentemente, com a alta hierarquia da Igreja Católica (...)” ao promulgar um modo de vida e uma sociedade mais igualitária, num momento em que a Igreja, enquanto instituição religiosa reivindicava para si o papel de direcionamento cultural e moral dos indivíduos. Logo, para não perder a hegemonia, convinha-lhe manter “(...) a forma vigente de organização social (...) e isso só seria possível por meio da “(...) sacralização da autoridade civil e eclesiástica”.

Radicalmente extinto em 1937 pela conjunção de forças dos governos federal e estadual e apoio da Igreja Católica através da Diocese de Crato, o Caldeirão sobrevive, nos dias atuais, como um fato histórico que requer estudos mais aprofundados e criteriosos. Na atualidade, o que restara do lugar em se tratando de

patrimônio edificado – apenas uma capela - encontra-se sob a tutela do poder público municipal.

Outras questões historicamente relevantes permeiam o processo de formação da cidade do Crato em seus vários aspectos, considerando a posição destacada que lhe é conferida na própria história do país. Parte delas é de caráter interno e convém destacar.

Segundo FILHO (2007:90), o Crato foi

“(...) tomado e ocupado, em 1831, pelos homens do coronel Pinto Madeira (monarquista, restaurador e inimigo da família de José Martiniano de Alencar) e do Cônego Manuel de Sousa (vigário de Jardim), ambos contrários à política dos cratenses.

A seita dos “Serenos”, provavelmente fruto das “Santas Missões” do Padre Agostinho, causou desconforto por algum tempo, à população da vila do Crato. Durante a primeira metade do século XIX, os sacerdotes seculares enfrentavam o descrédito do povo. A quebra dos votos de castidade, padres casados e com filhos, o concubinato e a assistência religiosa precária afastavam os fiéis da Igreja. Em face a esta situação, eram vistos pela população como distanciados da palavra de Deus...”

No tocante à sua divisão administrativa e aspecto econômico, o município do Crato compõe-se de dez distritos: Crato (sede), Baixio das Palmeiras, Belmonte, Campo Alegre, Dom Quintino, Monte Alverne, Bela Vista, Ponta da Serra, Santa Fé e Santa Rosa. Economicamente, o comércio e a agricultura têm como sustentáculo o cultivo de gêneros alimentícios primários como milho, feijão, mandioca e arroz e secundários, a monocultura de algodão, cana-de-açúcar, castanha de caju, hortaliças, banana, abacate, e diversas outras frutas. Complementam a economia cratense, dentre outras atividades, o extrativismo vegetal, a extração de madeiras diversas para lenha e construção de cercas, uso em padarias e fabricação de carvão vegetal.

No curso da política de povoamento do Cariri, outros aglomerados foram surgindo e outros evoluindo, tomando assento e ganhando novas configurações e traçados.

MISSÃO VELHA, por muitos considerada o *Portal do Cariri*, de acordo com o que fora informado anteriormente abriga o primeiro templo católico da região. Tem suas origens, também, no século XVIII e mais precisamente no dia 08 de novembro de 1864, é alçada à categoria de vila, sendo sua evolução para cidade transcorrida somente no século XX, em 28 de julho de 1931.

Um dos fatos mais marcantes da sua história está relacionado à descoberta, no chamado “Morros Dourados”, de prováveis minas de ouro, notícia surpreendente que trouxera para a região, como um todo, grupo de indivíduos de procedências várias interessados em explorá-las, com a anuência da Coroa Portuguesa. Os trabalhos nas minas seguiram ininterruptamente até meados de 1758, quando a comprovação de que as mesmas não continham metais preciosos arrefeceu o ânimo de investimentos no local. Naquele ano, por Ordem Régia da metrópole, são suspensas todas as escavações.

Freguesia de São José dos Cariris Novos em tempos passados, Missão Velha já estivera eclesiasticamente vinculada à atual paróquia Nossa Senhora da Penha, do Crato, desta sendo desmembrada em janeiro de 1768, em atendimento às ordens do bispado de Pernambuco. Juridicamente, pertencera ao município de Barbalha.

Em 1832, Missão Velha toma parte na insurreição levada a cabo pelo Cel. Joaquim Pinto Madeira e o seu aliado, Pe. Antônio Manuel de Sousa, vulgarmente conhecido como “Padre Benze Cacete”. O movimento de caráter monarquista alimentava como um dos seus principais objetivos a restauração, ao trono, do Imperador Pedro I, que, diante das circunstâncias políticas que se apresentavam, abdicara em favor de seu filho mais novo, de apenas cinco anos. A então Vila Real do Crato, partidária da implantação do Sistema Republicano no Brasil, é invadida pelos monarquistas e nela instalada um governo provisório para a região do Cariri. A abdicação de Pedro I é

tornada nula. Depois de vários combates, inclusive no território de Missão Velha, o General Pedro Labatut reprime o movimento, ocasião em que Pinto Madeira é aprisionado, julgado e condenado à morte na Vila Real do Crato, por seus opositores.

Como outras localidades do Nordeste e igualmente do Vale do Cariri, Missão Velha é assolada pela incidência da epidemia do Cólera Morbus, sendo infectadas, segundo dados estatísticos do período, aproximadamente 400 pessoas com casos comprovados de mortalidade.

Outro fato histórico digno de nota e aqui já mencionado, refere-se à passagem do missionário Pe. Ibiapina quando das suas peregrinações pelo interior do Nordeste, na segunda metade do século XIX. Posicionado à frente do seu tempo, Pe. Ibiapina optou por viver junto às comunidades rurais, compartilhando das suas angústias e necessidades e a elas solidarizando-se na medida em que colocava, em comum, os conhecimentos dos quais dispunha no sentido de implementar mudanças sociais e educacionais significativas. Imbuído desse espírito, funda em Missão Velha a primeira Casa de Caridade da região, inspirada em princípios cristãos.

Mais precisamente na primeira década do século XX, com origem em Missão Velha, sucedera uma espécie de guerra civil a partir da qual são sucessivamente depostos alguns dos mais notáveis (ou temidos) coronéis da região. Alimentando o sonho de dominar o sul do Ceará, colocando na chefia de cada município um descendente seu, pela força das armas, o Coronel Antônio Joaquim de Santana movimentou-se no sentido de destituir os chefes políticos da própria Missão Velha, Crato, Barbalha, Campos Sales, Aurora e Araripe (FERREIRA, 2002:90).

Assim como o Crato, Missão Velha está integrada ao Geopark Araripe, representando um dos seus geotopos. Dentre os seus atrativos turísticos, vale elencar a Cachoeira de Missão Velha, situada no sítio Cachoeira, a 3km da sede do município, caracterizada por quedas de até 12 metros de altura, formadas pelo Rio Salgado e a Floresta Petrificada do Cariri, esta disposta geograficamente no Sítio

Olho D'água Comprido, a 6km do sudeste de Missão Velha, conhecida como Grota Profunda. A Floresta conserva uma riqueza paleontológica de valor incomensurável e, decididamente, imprescindível para o estudo e mapeamento da paleobotânica e da evolução geológica no planeta e no Cariri.

Limitada pelos municípios de Caririaçu, Aurora, Brejo Santo, Porteiras, Milagres e Abaiara, Missão Velha compõe-se dos distritos: Missão Velha (sede), Missão Nova, Aleixo, Jamacaru (antiga Goianinha) e Quimami.

Levando-se em conta a formação de núcleos urbanos, ou povoados a partir da doação de sesmarias, o longínquo *Brejo da Barbosa*, atual **BREJO SANTO**, tivera suas origens em princípios do século XVIII, no ano de 1714. Somente no século XIX, em 25 de julho de 1874 é tornado município.

Brejo Santo está devidamente situado na Bacia Hidrográfica do Rio Salgado, um dos afluentes do Rio Jaguaribe, sendo banhado pelos riachos do Bálsamo, Jenipapeiro e dos Porcos, constituindo este último um dos mais prováveis caminhos tomados pelos colonizadores durante o processo de povoamento da região do Cariri. O *Açude Atalho*, um atrativo turístico relevante do município, de acordo com dados publicados na internet, possui capacidade de armazenamento de cerca de 108 milhões de metros cúbicos de água, representando o reservatório mais apropriado no território caririense, para captar as águas do Projeto de Integração das Bacias do Rio São Francisco – ou transposição do Rio São Francisco -. O lote 05, dos 16 existentes do projeto em foco, rasga o território brejo-santense ao lado dos vizinhos Mauriti e Jati.

Outro ponto turístico que vale mencionar dadas as suas peculiaridades, diz respeito à *Pedra do Urubu*, localizada no alto da Bela Vista, outrora Serrote. A pedra conta com 8 metros quadrados e integra-se a um complexo de rochas que "(...) formam um conjunto de esculturas naturais, esculpidas pela ação das águas e do tempo." A designação está ligada à presença de urubus no topo da pedra, mas, na realidade,

um dos ângulos do rochedo lembra o perfil de uma face humana, que, de acordo com os moradores do bairro, corresponde à imagem de Jesus Cristo. Acreditam estes, principalmente os mais velhos, que a pedra abrigava um mistério a ser desvendado: “a presença de Cristo no alto do Serrote”, velando por Brejo Santo”.

Segundo informações mais gerais, a denominação original de Brejo Santo faz alusão ao nome de uma fazendeira e eminente figura política, ali estabelecida, cujo sobrenome era *Barbosa*. Na ausência de dados precisos ou registros históricos que tratem mais detalhadamente da participação dessa senhora na formação e evolução do município, necessário se faz recorrer à tradição oral ou às contribuições deixadas pelos memorialistas do local. Referências há, mas, sem um devido aprofundamento. A menção mais significativa encontrada e que justifica o antigo nome do lugar, resume-se a um relato curioso, que remonta a um período de seca profunda no Nordeste:

O sítio de sua preferência inicial, abrangendo vasta porção de terras, conta como tendo sido o lugar das Porteiras. Comenta-se, em termos de fantástica plenitude de sorte, que Dona Barbosa chegou a prosperar, reunindo em torno da fazenda expressivo contingente animal, notadamente em relação à bovinocultura, caprinocultura e suinocultura. Tornara-se grande criadora de porcos. Diante das quadras de estiagem, em que vertentes e córregos desapareceram, viu-se ela em grande abertura. Faltavam alimentos para os animais e, sobretudo, com relação às fontes de bebedouro. Desses animais, por serem mais vulneráveis à escassez de água, destacaram-se os porcos sequiosos e sufocados pelo calor. Dona Barbosa, então, resolveu entregá-los à própria sorte, abrindo os chiqueiros e empurrando-os córrego abaixo. A manada se foi. Ao cabo de alguns dias, quando esperava terem os porcos, morrido na aridez da estiagem veio a grande surpresa. Os porcos não só retornaram, como ainda traziam nas patas e no lombo sinais evidentes de que haviam encontrado água. Esses indícios, quando se sabia estar tudo estorricado, denunciavam que não muito distante havia água. Confiante, Dona Barbosa dobrou a ração dos animais, reforçando o tempero de sal e logo em seguida tocou-os de volta. Seguindo-lhes encalço, grupos de vaqueiros os acompanharam. Surpreenderam-se. Ao longo do córrego seco e numa baixada que se estendia por

entre serrotes, deram com os olhos em vasto brejo, mantido e alimentado por vertentes próprias. Retornaram. Diante da informação, D. Maria autorizou a mudança da fazenda, instalando-se na prodigiosa terra e dando-lhe a denominação de Brejo da Barbosa.

Com relação a outros aspectos, mais especificamente no tocante aos limites geográficos, o município de Brejo Santo é região fronteira com Missão Velha, Abaiara, Milagres, Jati, Mauriti, Porteiras e o Estado de Pernambuco.

A base de sua economia é a agricultura. O cultivo de feijão e de milho, especialmente, o colocam em posição de destaque junto com outros municípios, no Estado do Ceará. Projetos voltados para a fruticultura irrigada (uva, banana e coco) e uma pecuária destinada à produção de leite em regime extensivo, conferem à Brejo Santo o status de município em desenvolvimento contínuo, com uma pujança econômica notória. Brejo Santo (sede), Poço e São Felipe são os distritos que integram a divisão administrativa do município.

A ocupação do território cearense e conseqüentemente, do Cariri, assim como a proliferação de pequenos núcleos urbanos, não sucederam em áreas e épocas isoladas, mas, como resultado de um processo contínuo. Muitas vezes, o intervalo de tempo entre o surgimento de um e outro era relativamente curto, permeado por influências das mais variadas, em consonância com a origem daqueles que adentravam os sertões do vale movidos por interesses, sobretudo, de acumular terras férteis e obter lucro.

PORTEIRAS, também localizada no extremo sul do Estado, geograficamente limitada na atualidade pelos municípios de Missão Velha, Brejo Santo, Jardim e Jati, surge num contexto similar. Sua autonomia político-administrativa dá-se somente no final do século XIX, em 1889, mas, é sabido que, como praticamente todos os demais, têm raízes mais longínquas. Juridicamente, pertencera aos territórios de Jardim, na

condição de distrito, no ano de 1858 e de Brejo Santo, em 1920, como Conceição do Cariri.

Relatos da tradição oral contam que o lugar no qual hoje está estabelecido o município de Porteiras, já fora uma grande lagoa chamada Ariosa. Agricultores da época, para controlar o fluxo intenso de pessoas, no local, puseram duas porteiras, uma na entrada do terreno e outra, na saída, dando-lhes os nomes de “Porteira de Fora” e “Porteira de Dentro”. Daí a origem do topônimo, empregado no plural.

Narrativas da tradição oral dão conta que Lampião, quando de sua ida à Juazeiro do Norte no início de 1926, passara pelo município de Porteiras, na época “Conceição do Cariri”. Considerando o ano mencionado, é importante salientar que, de fato, o “Rei do Cangaço” estivera no Cariri naquela ocasião, atendendo a uma convocação de Floro Bartolomeu, não do Pe. Cícero, conforme amplamente divulgado. É provável que, antes de seguir para Juazeiro, tenha hospedado-se em alguma fazenda local, levando-se em conta que, durante o tempo de vigência do Cangaço – que antecede a chegada de Lampião e sucede aproximadamente da segunda metade do século XIX até a década de 1940, Virgulino Ferreira estabeleceu relações fecundas com alguns coronéis da região e estes forneciam-lhe abrigo, alimentos e armas, principalmente.

Contrariando o que afirma a academia, de forma geral, é oportuno informar que BARROS (2000:268) defende que o Cangaceirismo não fora apenas um fenômeno social típico do sertão nordestino. Há registros, segundo a antropóloga, de cangaceiros em Minas Gerais e Goiás, ou seja, para além das fronteiras da caatinga do Nordeste e do Cariri.

Após passar pernoitar em Porteiras, Lampião chega à Juazeiro do Norte em circunstâncias bastante específicas em âmbito nacional. O Governo Federal, sob o comando do então Presidente Artur Bernardes, com o fim de extinguir a Coluna

Prestes, – movimento político liderado por militares que surgira dentro de uma mobilização mais ampla, o Tenentismo, contrário ao governo da República Velha

(1889-1930) e às elites agrárias, no período de 1925 a 1927 -, cria vários grupos armados em território nacional para dissolver o bando. Informado de que a Coluna Prestes percorria o interior do Brasil e direcionava-se para o Nordeste, no Cariri, Floro Bartholomeu torna-se a pessoa responsável pela organização da milícia, na região. Valendo-se do nome do Pe. Cícero, de quem Lampião era um admirador, Floro o atrai com a promessa de que receberia a patente de capitão e a liderança de um dos destacamentos do Batalhão Patriótico, assim como a anistia pelos crimes cometidos. No entanto, Virgulino Ferreira não recebe a patente prometida, suas ações criminosas não são perdoadas e deixa Juazeiro, sem a oportunidade de enfrentar a Coluna.

Outro fato que tivera certa notoriedade no Cariri e que se pode assinalar no contexto da formação histórica de Porteiras, refere-se à *Tragédia das Guaribas*, em 1927, tendo como palco o sítio do mesmo nome, de propriedade do coronel Chico Chicote. A contenda, por si só, revela com relação aquele período, especificamente, que o uso indiscriminado da violência era considerado natural e parte integrante da vida cotidiana, quando a conquista de poder e de terras, pelas armas, alimentava os interesses de determinados grupos nos limites dos sertões nordestinos. Tudo entrava em questão: a defesa da honra pessoal e familiar, a lei do mais forte, a lealdade aos amigos. No caso da Tragédia das Guaribas, os poucos estudos encontrados afirmam que mais um elemento fora posto em jogo: a astúcia. Na realidade, tratava-se de rivalidade entre iguais, de medição de forças entre as famílias dominantes na região. O episódio traz à tona, igualmente, os meandros da política brasileira durante a República Velha e a sua repercussão no Nordeste e no Cariri. As pelejas e disputas entre as famílias locais constituíam parte integrante de uma conjuntura mais ampla, na qual estavam envolvidas correntes políticas representativas das principais cidades da região.

Sob o pretexto de perseguir Lampião, a família Salviano, inimiga de Chico Chicote urdira uma trama sangrenta na qual o coronel fora executado, sob intensa pressão de homens armados. Em relato de Manoel Severo, da SBPC – Sociedade Brasileira para os Estudos do Cangaço -, pode-se ter uma ideia aproximada do nível de truculência e da falta de limites legais no trato de assuntos de caráter político e da disputa pelo poder, também no Cariri:

“Chico Chicote era contumaz desordeiro, quando bebia quase sempre acabava se envolvendo em problemas. Por seu temperamento difícil, já tinha sobre seus ombros vários crimes e um número sem fim de inimigos. Dentre esses se destacava a família Salviano, mentora da tragédia de Guaribas. Entre Chico Chicote e Lampião sempre houve um respeito mútuo , apesar da distância. Lampião que até ali não tinha inimigos no estado do Ceará, acabou sendo o álibi perfeito para o início da trama que daria cabo a vida de Chico Chicote. Virgulino sempre que passava pelas terras do Cariri cearense, vinha pelos lados de Jati, Porteiras, Brejo dos Santos, Jardim e Missão Velha, para as paragens do poderoso Cel. Santana, da fazenda Serra do Mato. Em uma dessas oportunidades seus cabras acabaram matando e se alimentando de animais do rebanho do também coronel Pedro Martins de Oliveira Rocha, da fazenda Cacimbas de Brejo dos Santos. Diante do acontecido o líder cangaceiro mandou informar ao referido coronel que o autor do morticínio de seus animais teriam sido homens de Chico Chicote e não, seu bando. Ato contínuo o Coronel Pedro Martins mandou chamar à sua fazenda, Chico Chicote, que refutou as acusações, desmascarando a acusação infundada lhe imputada por Lampião. A partir dali nascia mais um inimigo de Virgulino Ferreira, o primeiro em terras do Cariri cearense. Mesmo depois do incidente, pelo menos por duas vezes os coronéis do Cariri tentaram a aproximação de Chico Chicote e Lampião. Uma das vezes o próprio coronel Pedro Martins através de seu genro, Antônio Xavier, quis promover este encontro na fazenda Crioulo, também em Brejo dos Santos, Chico Chicote lá não apareceu. A outra oportunidade foi na Fazenda Serra do Mato do Coronel Santana, quando ao saber que ali se encontrava Sabino Gomes, Chico Chicote não desceu nem de seu cavalo. Era do conhecimento de todos a rixa entre os dois, entretanto, foi a partir dessa rixa que se arquitetou o trágico fim de Chico Chicote.

Primeiro vamos nos deter em Antônio Gomes Granjeiro, de tradicional família sertaneja e amigo fiel de Chico Chicote. Sua propriedade, o sítio Salvaterra, seria a primeira parada da volante assassina de José Bezerra. O Tenente havia partido de Brejo Santo dizendo aos quatro ventos que iria em perseguição a Lampião, que de fato se encontrava ali perto, também na Serra do Araripe. Entretanto, naquela madrugada do dia 1 de fevereiro de 1927, a volante seguiu direto para o sítio Salvaterra, com o intuito de efetivar o primeiro "acerto" daquela fatídica empreitada: Matar Antônio Gomes Granjeiro, crime encomendado pela família Salviano, inimiga de Chico Chicote e que se encontrava sob a proteção do poderoso Zé Pereira de Princesa. Cercaram a casa de Antônio Gomes Granjeiro pouco antes do alvorecer, dali levaram o dono da propriedade e mais os companheiros Louro, Joaquim de Barros e Aprígio, todos violentamente mortos, degolados e queimados, a poucos quilômetros de Guaribas. A primeira etapa da empreitada a que foi contratado Zé Bezerra, estava cumprida. Mais uma vítima seria assassinada covardemente pelas costas nesta manhã tenebrosa de fevereiro, no Cariri cearense. Antônio Marrocos, o Nêgo Marrocos, era cobrador de impostos em Macapá, atual Jati, na época município de Jardim. Ali mantinha antiga rixa com lideranças políticas locais que aproveitaram a oportunidade para também "peitarem" o tenente Zé Bezerra e acabar com a vida do referido inimigo. Depois de passarem no Salvaterra, foram à casa de Marrocos e praticamente o induziram a acompanhar a malta "oficial" até a propriedade de Chico Chicote, uma vez que o mesmo mantinha boas relações com Marrocos. Era o começo da manhã daquele dia e ao se aproximarem de Guaribas, Zé Bezerra deixou o grosso da tropa, composta por cerca de 70 homens e partiu junto com Marrocos, o tenente Veríssimo e com o sargento Antônio Gouveia e ainda o corneteiro Louro, de encontro a Guaribas.

Quando os moradores de Chico Chicote avistaram o pequeno grupo, avisaram ao patrão: "É o Nêgo Marrocos!" Naquele momento o segundo "acerto" da empreitada seria efetivado: O tenente Veríssimo imediatamente disparou um tiro de revólver nas costas de Antônio Marrocos, que ainda permaneceu vivo por algumas horas no cenário do grande combate. Ao ouvir aquele primeiro tiro, Chico Chicote voltou rapidamente com os seus para dentro de casa; começava ali um dos mais ferozes combates da era do cangaço, em terras cearenses.

A manhã daquele primeiro de fevereiro de 27, avançava nas Guaribas. A força comandada pelo tenente José Gonçalves Bezerra, após o assassinato do grupo de Antônio Gomes Granjeiro em Salvaterra e Antônio Marrocos no terreiro de Chico Chicote, iniciava um dos mais terríveis cercos da história do cangaço. De dentro de casa, acompanhado apenas pela esposa, Dona Geracina, da filha Josefa, do filho Vicente Inácio, e os cabras Sebastião Cancão e Mané Caipora, Chico Chicote numa das resistências mais célebres do sertão, sustenta uma verdadeira chuva de bala de seus oponentes, que mantinham Guaribas quase que totalmente cercada. O tenente Zé Bezerra ordena avançar e antes mesmo que o corneteiro Louro pudesse fazer soar o instrumento, foi mortalmente atingido por um balaço vindo da arma de Sebastião Cancão. A fuzilaria se fazia ouvir por todos os recantos daquele sovaco de serra; Lampião estacionado a poucas léguas dali, no local chamado Malhada Funda, na serra do Araripe, ouviu o combate, mas não daria retaguarda a um inimigo confesso: Chico Chicote.

(...) Na vila de Porteiras a repercussão do cerco a Guaribas já havia chegado. Os muitos amigos de Chico Chicote se organizaram para auxiliar na defesa do lugar, achavam que o mesmo estava sendo atacado por Lampião e seus homens e partiram para as Guaribas para atacar o cangaceiro. Eram dez horas da manhã quando o grupo partiu de Porteiras, entre os cerca de 50 homens sob o comando do cabo Cesário, dentre esses, um grande amigo de Chico Chicote, Antônio da Piçarra. O grupo de Porteiras sustentava o fogo na defesa de Chico Chicote, pelas quatro da tarde o fogo recuou um pouco e Antônio da Piçarra chamou Chico Chicote para romper o cerco e vir se refugiar ao lado da tropa, no que foi rechaçado pelo sitiado, ele ficaria ali até a morte. Uma hora depois, outro componente do plano, se evidenciaria. Chegava no campo de batalha a volante pernambucana de Arlindo Rocha e a volante paraibana do tenente João Costa; a esses se somavam homens do poderoso Zé Pereira, comandados por Sinhô Salviano, terrível inimigo de Chico Chicote e protegido do coronel de Princesa.

Com a chegada do reforço das volantes o fogo intensificou, já eram mais de 10 horas de combate ferrenho, àquele momento o grupo de Porteiras percebeu que combatia

forças policiais e não o bando de Lampião, supostamente atacante das Guaribas, ali, o grupo recuou e acabou deixando Chico Chicote entregue a seu próprio destino”.

A descrição de Manoel Severo, certamente baseada em relatos da tradição oral, exemplifica e ilustra a força, o impacto que o Cangaço e os primeiros anos da República Velha tiveram no interior do Nordeste brasileiro e, conseqüentemente, no

Cariri. Em Porteiras não fora diferente. Muitos municípios, inclusive alguns dos mais jovens, despontaram e desenvolveram-se sob o predomínio desse tipo “(...) unânime de reciprocidade de apoios mútuos entre as esferas federal, estadual e municipal e entre as facções das elites no poder nestas esferas, ou das rupturas abruptas das deposições armadas de grupos estabelecidos no poder e em seguida o restabelecimento do mesmo esquema totalizante.” (CAMURÇA, 37:2012).

Hoje, Porteiras é considerado um dos mais notáveis produtores de grãos da região e, igualmente, de verduras e legumes. Concentra em sua área uma considerável quantidade de gado de corte e dedica-se, da mesma forma, à produção de leite.

O imaginário dos habitantes do lugar, como em outros municípios, é repleto de lendas que concorrem para a manutenção da memória das várias gerações, dentre elas, a da Pedra Branca, rochedo com aproximadamente 30 metros de altura, eleito como o cartão postal do território porteirense. Desde 2011, tramita na Câmara Municipal, um projeto cujo objetivo é criar a “Unidade de Conservação de uso sustentável da Pedra Branca”, através de leis específicas voltadas para o meio ambiente, com foco nas ações definidas pelo Plano Diretor do município. Os distritos de Porteiras (sede), Simão e Barreiros compõem a circunscrição territorial daquela localidade.

Antigo distrito do Crato, **BARBALHA** representa, no presente, o município que mais se destaca na área de saúde, comprovadamente a partir da instalação de hospitais e

clínicas renomadas abrangendo várias especialidades, e de faculdades de medicina. No que diz respeito ao complexo hospitalar, é importante ressaltar que este integra, eficazmente, a rede de assistência médica de alta complexidade do SUS e do Governo do Estado do Ceará, dando suporte necessário ao mais recente Hospital Regional do Cariri.

Diga-se de passagem, foi em território barbalhense que o missionário e padre Ibiapina promovera a instalação da segunda Casa de Caridade do Cariri, mais exatamente em março de 1869, levando para a localidade, naquela época, um conjunto de valores e práticas voltado para a valorização do ser humano na sua totalidade.

Com vocação econômica primária para o cultivo da cana-de-açúcar, Barbalha ganhara a alcunha de “Terra dos Verdes Canaviais”, detendo, durante um intervalo de tempo relativamente considerável, o monopólio de engenhos de rapadura e de produção de açúcar cristal no Vale do Cariri. Segundo o memorialista Napoleão Tavares Neves, os primeiros sítios a se fazer o plantio de cana, foram o Salamanca, o Brito e o Lama, sob os cuidados de Antônio de Souza Goulart. São mais de 160 anos dedicados à plantação em larga escala, no entanto, boa parte dos engenhos encontra-se em precário estado de conservação, dada à introdução de um maquinário mais moderno e o processamento de outras atividades econômicas, que incluem a fabricação de cimento, de ladrilho cerâmico e o cultivo de gêneros alimentícios diversos. Das moendas sobreviventes, o Engenho Tupinambá destaca-se entre os demais.

Ainda de acordo com NEVES (9:1996), Barbalha importara do Rio de Janeiro, no início do século XX, em 1904, um prelo considerado moderno, para época, por meio do qual, afirma o autor, fora levada a cabo “(...) a mais bem organizada empresa jornalística do interior do Nordeste, editando o jornal “Correio do Cariri (...)”, cuja direção fora compartilhada pelo Dr. Soriano de Albuquerque, Joaquim Teles Marrocos e José Bernardino de Carvalho Leite. Contudo, durante a conhecida

“Guerra de 1914” – ou Sedição de Juazeiro -, a tipografia fora extinta e o prelo confiscado.

O topônimo Barbalha refere-se ao nome de uma moradora de um determinado sítio da região, cuja residência servira de albergue, de apoio para os tropeiros que, oriundos do Estado de Pernambuco, conduziam rebanhos para pastarem na Chapada do Araripe, durante os períodos de longa estiagem. Considerando a condição de proprietária da principal hospedaria do Vale do Cariri, tornara-se amplamente conhecida pela hospitalidade com que tratava quem quer que passasse pelas terras nas quais estava estabelecida. Tal fato, em conformidade com a tradição oral, contribuíra para que a localidade herdasse o seu nome.

Canonicamente ligada à Freguesia de Missão Velha na primeira metade do século XIX, o município já fora denominado, também, Freguesia de Santo Antônio de Barbalha. Sua emancipação política deu-se em 17 de agosto de 1846 e em agosto de 1876, fora elevada à categoria de cidade.

Barbalha é, incontestavelmente, um das cidades do Ceará – assemelhando-se a Sobral, na Zona Norte e a Icó, no Centro-sul - que melhor conserva o seu patrimônio cultural - com a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio - e arquitetônico, assim como a única, no Cariri, detentora de um centro histórico que remonta ao período do Império, com cerca de 40 prédios, encontrando-se este em processo de tombamento pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional -. O município, levando-se em conta tais características, fora incluído no Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) das cidades históricas do Brasil, entretanto, ainda não há incentivos federais para o incremento do turismo, nesse aspecto.

O município representa, na região, pioneirismo na organização de um estabelecimento de ensino nos padrões dos existentes nos grandes centros nacionais e seguindo uma tendência social da época, intitulado “Liga Barbalhense contra o analfabetismo”, em 1917. Dentre as 200 ligas fundadas no Brasil, a de

Barbalha ainda sobrevive. Naquela ocasião, as ligas inspiraram o governo federal a criar o MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização -.

Barbalha não conta com açudes e reservatórios de grande volume, mas, possui um patrimônio natural expressivo. Além das nascentes, comprova-se a existência de vários riachos intermitentes, como o Boa Esperança, do Saco, São Francisco, da Onça e Santana. O Rio Salamanca é o seu principal curso fluvial. Dentre os atrativos turísticos, pode-se destacar o Arajara Park, o Balneário do Caldas e o “Riacho do Meio”, um dos 9 geossítios catalogados pelo Geopark Araripe. Nele, encontram-se relativamente preservadas a fauna e a flora nativas da região do Cariri, com raras espécies endêmicas. O Soldadinho-do-Araripe é uma delas, encontrando-se em avançado processo de extinção.

A subdivisão administrativa do município de Barbalha conta com 4 distritos: Barbalha (sede), Arajara, Caldas e Estrela.

No percurso histórico do surgimento de povoados e, num momento posterior, de cidades e municípios, pode-se mencionar, entre os vários existentes na microrregião do Cariri, além dos já citados, Jati, Abaiara e Nova Olinda. Os poucos registros históricos encontrados, talvez resultem do fato destes constituírem municípios jovens, quando comparados com os que já foram tratados até aqui.

Subordinada a Jardim até novembro de 1951, a conhecida Macapá, atual **JATI**, está situada geograficamente no extremo-sul do Ceará, limitada pelos municípios de Jardim, Porteiras, Brejo Santo, Penaforte e, como outros, com o Estado de Pernambuco, mais precisamente com São José do Belmonte. A base da sua economia é a agricultura, detendo-se ao cultivo de milho, feijão, mamona e algodão.

A origem de Jati remonta ao início do século XIX, no sítio Macapá, núcleo embrionário a partir do qual formou-se o seu povoado. Naquele período, o local era

ponto de convergência dos caminhos de Serra Talha e Cabrobó, em Pernambuco, para as vilas de Jardim e Porteiras, no Ceará. Criadores e curtidores de couro e peles, pequenos agricultores, constituíam a aglomeração primária.

Dos poucos registros encontrados acerca da formação histórico-cultural de Jati, vale afirmar que, a exemplo de outras localidades do Cariri cearense, esta se convertera em palco de constantes investidas por parte de integrantes do Cangaço,

notadamente do bando de Cláudio Antônio *Quelé*. A presença de outros cangaceiros na região, indica que não apenas Lampião frequentava o território caririense. O movimento assumia uma dimensão considerável, congregando várias facções, com seus respectivos líderes.

Jati tem o seu significado toponímico na variação da palavra Jataí, que remete à “pequena abelha”, ou “abelha silvestre”, dada à produção proeminente de mel em determinado trecho daquela localidade, quando ainda era Vila Macapá.

ABAIARA vem do tupi e significa “pessoa importante”, homem ilustre”. Antigo distrito de Milagres, teve sua origem num pequeno arruado em torno da capelinha de São Pedro, daí sua primeira denominação como povoado: Vila de São Pedro.

Com o contínuo desenvolvimento e adensamento populacional, a outrora vila recebera o nome de Pedro II, em homenagem ao imperador do Brasil. Somente em 1938, após a vigência do Estado Novo, emancipa-se politicamente de Milagres, recebendo a atual denominação de Abaiara.

Localizado na mesorregião do sul cearense e na microrregião do sertão do Cariri, o município de Abaiara limita-se com Milagres, Brejo Santo e Missão Velha e possui dois únicos distritos, um dos quais Abaiara (sede) e o outro, São José.

Sua economia está assentada, especialmente, nas produções agrícola e agropecuária, valendo destacar o cultivo de algodão, cana-de-açúcar, milho e feijão.

Embora não disponha de um parque industrial consolidado, Abaiara conta com duas indústrias: uma voltada para produtos minerais não metálicos e outra na área de gêneros alimentícios.

Seus cursos fluviais mais relevantes são os riachos Rompe Gibão, Sabonete, São Pedro e Jitirama.

Tendo sua origem nas últimas décadas do século XIX, **NOVA OLINDA** já fora “Tapera”, sua mais remota denominação. Segundo a tradição oral, a alteração toponímica deu-se por influência de um missionário pernambucano, que, conhecendo o local, desejava homenagear a cidade de Olinda.

Até 1933, o território nova-olindense figurava na divisão municipal do Estado como pertencente, juridicamente, ao município de Santana do Cariri, na condição de distrito. Sua autonomia político-administrativa dera-se somente 24 anos depois, sendo instalada oficialmente em abril de 1957.

O Rio Cariús é o seu mais notável curso fluvial. Ribeirinhos que moravam às suas margens, podem ser considerados, dentre outros, os responsáveis pela formação do núcleo embrionário do antigo povoado.

Nova Olinda não conta com um centro histórico digno de nota, por assim dizer, no entanto, destaca-se entre os poucos prédios que constituem a sua arquitetura antiga, a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri, o Educandário da Casa Grande e a Igreja de São Sebastião, padroeiro da localidade.

A ausência de um patrimônio histórico edificado é compensada por mais de uma dezena de lendas, sítios arqueológicos, todos mapeados, identificados e preservados

pela Fundação Casa Grande, como parte da memória do município e, igualmente, da região do Cariri. Pontos turísticos muito significativos conferem ao município a capacidade de atrair visitantes de vários estados do Brasil e do exterior, ao longo do ano, sobretudo, por parte de estudiosos e pesquisadores de áreas distintas do conhecimento.

É válido mencionar:

A Lenda dos Cajueiros: conta-se que quando Neco Trajano comprara a Fazenda Tapera, nela existiam cinco cajueiros devidamente enfileirados. Cada filho seu adotara um cajueiro e à medida que faleciam, as árvores morriam com eles.

Fundação Casa Grande: reconhecida nacional e internacionalmente pelo seu trabalho junto às crianças e adolescentes, capacitando-as nas áreas de comunicação, gestão, música, cinema, vídeo e teatro. Possui estudos relevantes voltados para a arqueologia, mitologia e história da região do Cariri.

Pedra da Coruja e Torre de Pedra: sítio mitológico que representa o município de Nova Olinda, situado no Sítio Olho D'água.

Ponte de Pedra: formação rochosa natural que lembra uma ponte e constitui um dos geossítios do Geopark Araripe. De acordo com informações encontradas, é delimitada por uma área entre a Chapada do Araripe, com sua floresta abundante e a coleta anual do pequi, e o Sertão.

Além desses atrativos, outros podem ser citados: oficina de “Seu Expedito Celeiro”, Poço do Inferno, Furna Pintada, Cavernas do Sítio Olho D'água.

O território de Nova Olinda faz fronteira com Farias Brito, Santana do Cariri e Crato. A base de sua economia movimenta-se em torno da produção de algodão, arroz, milho, mandioca, feijão e cana-de-açúcar. Em outras palavras, Nova Olinda se sobressai pela preservação da memória e pelo protagonismo juvenil, ambos idealizados e desenvolvidos pela Fundação Casa Grande, desde dezembro de 1992.

Praticamente, todos os municípios aqui referenciados, em maior ou menor grau, tiveram suas origens intimamente ligadas à expansão da pecuária – ou do ciclo da

civilização do couro , no interior do Nordeste e à doação de sesmarias. O criatório de gado, na verdade, e a conseqüente organização de fazendas, sempre próximas às margens dos rios, constituíam apenas uma economia de respaldo, ou de apoio, à principal atividade econômica do período, que concentrava-se na produção, em larga escala, do cultivo de cana-de-açúcar e seus derivados, através da instalação de engenhos. O açúcar era considerado um produto nobre, com vocação para o mercado internacional, colocando a metrópole portuguesa em condições de competir, em igualdade de condições, com outros países da Europa. A Igreja Católica a ela aliava-se e legitimava os seus interesses.

As heranças desse lento processo de povoamento e colonização do Brasil, do Nordeste e do Cariri, perduram até os dias atuais na política, na cultura nos seus mais variados aspectos e linguagens, nas visões e concepções de mundo. Raízes foram deitadas, tanto nas terras conquistadas, quanto na mentalidade e comportamento dos indivíduos que, tomando o curso dos rios, adentravam os “Sertões de dentro” e neles se estabeleciam.

6- ANTECEDENTES INDÍGENAS

O nome ‘Kariri’ é uma herança dos indígenas submetidos em aldeamento na Missão do Miranda, hoje Município de Crato-CE, pelo Capuchinho italiano Frei Carlos Maria de Ferrara, no século de XVIII. Segundo Figueiredo Filho (1964:6): a palavra ‘Kariri’ tem origem Tupi e quer dizer “calado, tristonho, taciturno”. Para outros escritores como Pompeu Sobrinho (1918), a palavra Kariri tem sua origem de ‘Kari’ – peixe– ou “água que emana aqui”, daí a explicação da forte ligação do indígena com a água.

Segundo STUART FILHO(1939:124):

“No alto sertão do Cariri viviam tribos irrequietas, cuja braveza indômita lhes propiciara a posse de tão ricas e opulentas terras. Aí vagueavam, entre outras, os Cariús, que ocupavam as nascentes do Rio Cariús e Bastiões, os ferozes calabaças, que habitavam a margem esquerda do Salgado, os Carcuassús e a nação erradia dos Cariris, Caririés ou Kiriris. Estes últimos silvícolas, oriundos da Chapada da Borborema, vieram habitar o vale e a serra do Araripe, em cujas

faldas íngremes, emboscados, resistiram opinosa tenazmente ao invasor branco”.

No livro “Os Cariris do Nordeste” de Batista Siqueira, publicado em 1978, é feito um estudo linguístico do dialeto Kipéia (Cariri Paraibano) e Dzubucúá das tribos Kariri ribeirinhas do São Francisco. Neste trabalho ele cita a região do Cariri cearense e as tribos Kariri Xocó e Umãs que habitavam nas proximidades do Rio Jardim; segundo ele, as tribos do Cariri pertenciam ao grupo linguístico Kariri e falavam provavelmente uma língua distinta dos dialetos por ele estudado. Vieram do Norte ou Noroeste, provenientes de um ‘lago encantado’, como era a tradição deles próprios. O caminho percorrido teria sido os cursos dos rios navegáveis. A princípio foram senhores da orla marinha de onde foram expulsos pelos Tupi. Com o crescimento das tribos foram se expandindo para o interior do sertão, alcançando a Chapada da Borborema até as nascentes do Rio Salgado, afluente do Jaguaribe, no Ceará, onde ocuparam o vale da Chapada do Araripe e a Serra de São Pedro, as bacias dos Rio Cariús, Rio Carás, dos Porcos, Rio das Antas, do Rosário e outros afluentes do Salgado.

As pesquisas arqueológicas e etno- históricas em desenvolvimento hoje na região do Cariri cearense buscam na intrincada e alguma vezes contraditória teia de fontes históricas disponíveis, a compreensão de aspectos identitários dos povos que foram encontrados habitando a Chapada do Araripe, no início da colonização do interior sul cearense (LIMAVERDE, 2006). O estudo da pré-história do Cariri lentamente vem se revelando, a partir dos trabalhos científicos em curso, desde 2006 e de algumas pesquisas realizadas na área através da arqueologia de contrato¹. As fontes proto-históricas do período colonial, a historiografia antiga sobre a região, embora não sejam obras de estudos específicos sobre o tema, podem fornecer, sobretudo informações de ordem etno-histórica, como os relatos de cronistas e viajantes acerca dos indígenas que habitaram o Cariri Cearense.

¹ Limaverde, Rosiane. (2006).

Lage, Maria da Conceição Meneses e Silva & Coelho, Jacionira. (2007).

O século XIX está marcado, na história do Brasil, por inúmeras visitas mais ou menos prolongadas de viajantes europeus, entre elas, a do naturalista Inglês George Gardner (1836/1841) que em “Viagem ao interior do Brasil”, descreveu suas impressões ao chegar na Vila Real do Crato:

“Toda a população da vila chega a dois mil habitantes, na maioria todos índios ou mestiços que deles descendem(...) Os habitantes desta parte da província, geralmente conhecidos pelo cognome de Cariris, são famigerados no país por sua rebeldia às leis”

Mais adiante, George Gardner refere-se aos grupos indígenas encontrados na Vila de Jardim:

“Há duas pequenas tribos, os huamães, com cerca de oitenta indivíduos, habita geralmente a umas sete léguas a sudoeste da vila. A outra, a dos xocós, em número de setenta mais ou menos, tem morada habitual a cerca de treze léguas para o sul. Embora normalmente inofensivos por índole, tinham sido, pouco antes de minha visita, apanhados a roubar gado nas fazendas vizinhas. Aparecem às vezes na vila. Diz-se que têm hábitos pouco limpos e, na falta de melhor alimento, comem cascavéis e outras cobras”.

Nos registros antigos, sobre a catequese e aldeamento do Cariri e que foram pesquisadas em fontes de arquivos públicos e cúrias diocesanas, encontra-se o relatório do Padre Miguel Couto, que refere-se à Chapada do Araripe e comentando que é “muito alta, tem 50 léguas de chapada e está rodeada de índios”.

Segundo BRÍGIDO (2001), o Cariri foi povoado a partir do Rio São Francisco com vinda de aventureiros baianos da Casa da Torre. Em 1610 veio o Coronel João Mendes Lobato e um filho, o Padre Antônio Mendes Lobato, com uma força de cem homens, os quais foram até o Icó e se identificaram com a tribo Calabaça, conseguindo que eles recebessem o batismo e estabelecendo relações com os Cariri. Isso feito subiram Rio Salgado á cima e chegando a Missão Velha, fizeram junção com os Cariri que igualmente receberam o batismo e se fizeram comunicáveis. O

Padre Lobato mandou a Pernambuco uma comissão composta da sua gente dos indígenas, pedindo ao Bispo Dr. Estevão Brioso, um Missionário. O bispo atendendo o importante pedido, enviou para catequese o italiano Frei Carlos Maria de Ferrara do Convento da Penha que estabeleceu Missão primeiramente em Missão Velha, depois em Missão Nova e em sequência na Missão do Miranda.

6.1. Missão e Aldeamento indígena

“O aldeamento foi uma ilha pré-histórica na paisagem histórica, apenas aflorante, do vale do Batateira”. (ARAUJO, 1970).

Segundo relatos proto-históricos e históricos, foram aldeados no Cariri cearense, em 1740, os grupos humanos pertencentes à família tronco-linguística Kariri. O aldeamento recebeu o nome de Missão do Miranda. Os citados representantes do referido grupo compreendiam grupos destacados das tribos dos Quixeréu, Curianense, Calabaça, Icó, Jucá e Cariú, tendo estes últimos, concorrido como elemento primaz (aos que se juntaram os demais antes de 1749), e quantitativamente predominavam em relação aos outros. Apesar dessa referência da historiografia, encontramos contradições nesses relatos históricos, no que se refere as descrições das características dos vestígios arqueológicos pré-históricos encontrados na região. Não está claro ainda, como se configurava o Cariri pré-histórico e se os grupos humanos que o habitaram antes da colonização, pertenceram todos ao tronco-linguístico cultural Kariri (LIMAVERDE, 2008). Segundo BEZERRA (1918), os índios da Missão do Miranda vieram diretamente de outras paragens, estranhas ao vale do Cariri: do Rio do Peixe, os icozinho (Missão de São João Batista, hoje Antenor Navarro); do Iguatu (Missão da Telha); do rio Jucás (Missão de N. S. Da Paz, depois de Armeiros) etc.

Acrescenta Araújo (ob.cit):

“Os Cariri que habitavam a região antes do aldeamento, não habitavam terras molhadas, preferindo elevações ensolaradas e arejadas, longe perto das águas potáveis, piscosas e fertilizantes, não seria crível que fossem escolher para

inumar os seus maiores, terras que condenavam para suas habitações. Se aqui houve exceção, ocorreu que eles fixaram neste brejo, não espontaneamente, mais dirigidos”.

O que hoje nos chama atenção e que parece-nos contraditório é que os inúmeros vestígios dos grupos ceramistas, inclusive alguns anotados pelo próprio autor em seu livro “ A cidade de Frei Carlos” estão todos associados as áreas de brejos do Cariri. As pesquisas arqueológicas tem demonstrado também um preferencia para os sepultamentos indígenas relacionados a grupos ceramistas da área, às regiões ribeirinhas.

A cidade do Crato nasceu de uma redução ou aldeamento de índios Cariri, sendo fixamente erigido a margem direita do Rio Granjeiro, depois de os índios estacionarem provisoriamente à margem direita do vizinho riacho do Miranda, em trânsito para aldear-se com saldos dos Jucás, Cariú, Quixereu, Icozinho (o grupo étnico- linguístico-cultural dos Cariri chegou a contar até 28 tribos) então situados fora do Vale do Cariri, inclusive os Calabaça, provavelmente associados no tempo aos Inxu da Missão do Senhor Santo Cristo do Brejo do Exu (PE).

Os índios do Crato foram os mais numerosos que se arrailaram no Cariri, congregados no Miranda, atravessaram o riacho, hoje da Ponte, e vieram aldear-se onde hoje está o quadro da Matriz. Fizeram uma pequena capela, que ficou sob a regência de um padre missionário. BRÍGIDO (2001) descrevendo o aldeamento do Miranda: “Além dos exercícios religiosos, os índios ocupavam-se da caça e plantavam em um brejo que ficava em frente ao arraial, o qual está hoje aterrado e nenhum vestígio apresenta de seus antigos pântanos nem de uma lagoa, ora convertida em plano e duro chão. Além da capela e de uma cabana de palha no fundo desta, servindo de aposento do missionário, algumas escolas havia em torno da lagoa e mais ou menos no lugar onde foi a antiga ribeira, havia uma longa casa igualmente coberta de palha, com aviamentos de fazer farinha. Ali os índios, homens

e mulheres, trabalhavam por tarefa, debaixo da foz de um feitor índio e de um diretor branco”.

De acordo com os relatos de ARAUJO (ob. cit.), os índios do aldeamento possuíam terra suas, doadas pelo capitão-mor aos índios do Cariri Novo, Domingos Álvares Matos e sua mulher Maria Ferreira da Silva. Essas terras ficavam nas cabeceiras do Miranda dos Cariri Novos, correndo pela barreira, rumo ao sul, até a ponta da serra do Araripe. Ocupavam todo o saco ou enseada que ficava para dentro, e para parte norte, até o lugar que faz barra o riacho da missão, e daí dando as costas ao Brejo, cortando direto a uma ponta grande da serra para a parte do Rio São Francisco.

7- ANTECEDENTES DA ARQUEOLOGIA NA ÁREA DE PESQUISA

As primeiras notícias dos achados arqueológicos do Cariri datam de trabalhos publicados por escritores da região desde os meados do século XX, entre eles BEZERRA (1918) e BRÍGIDO (1919), FIGUEIREDO FILHO (1964) e ARAUJO (1971). Sítios com material lítico e cerâmico, também urnas funerárias foram encontrados através de descobertas fortuitas por ocasiões de construções, em empreendimentos econômicos, no cultivo da lavoura, ou durante a caça de animais nos pés de serra do Araripe e no Município do Crato.



Figure 8: Artefato Cerâmico pintado. Encontrada casualmente em Barbalha, CE. E doada ao acervo do Memorial do Homem Kariri.

Nos anos 60, foi doado ao acervo do Museu Histórico do Crato pelo historiador José de Figueiredo Filho, uma coleção de referência sobre a arqueologia da região. Essa coleção foi formada pelo Instituto Cultural do Cariri- ICC, através de descobertas casuais.

A primeira dessas descobertas foi a do Sítio Fernando, em Crato, CE, em 1933, por ocasião da construção de um campo de pouso improvisado para avião, da Continental, o primeiro a pousar no Cariri, nas terras do Brigadeiro José Sampaio de Macêdo, lugar conhecido como atualmente como 'Palmeiral' e nas proximidades da Vila São Bento e Sítio Lagoa Encantada. Neste campo, foi encontrado por operários, segundo a descrição de ARAUJO (1971), dois ossos humanos dentro de uma urna e também um cachimbo: "Os despojos humanos tinham-se confundido com a massa da camada do terreno de cobertura, que media uns 30 cm da superfície ao depósito funerário".

Em 1959, foi encontrado casualmente por operários da rede hidráulica, durante a reforma da Praça da Sé, na calçada do antigo cinema Paraíso, também Crato, CE, duas urnas. Uma delas contendo ossos humanos e um prato cerâmico. No mesmo ano, também foram encontradas na construção da Faculdade de Filosofia do Crato, cinco urnas, duas as quais foram destruídas pelos operários. Nas urnas foram encontrados alguns utensílios líticos e cerâmicos, um crânio e um dente. Não se sabe o paradeiro dos ossos humanos encontrados nas descobertas. Parte desse acervo lítico e cerâmico encontra-se na guarda do Museu Histórico do Crato, no Museu do Ceará e Museu Rocha, em Fortaleza. Estes achados foram associados, na época, aos indígenas submetidos a aldeamento na antiga Missão do Miranda, pertencentes às tribos Kariri e foram publicados pelo historiador Padre Antônio Gomes de Araújo, em seu livro intitulado a "Cidade de Frei Carlos" (1971).

O que chama à atenção são as descrições das citadas urnas relatadas pelo padre Antônio Gomes de ARAUJO (1971), como descreve a urna encontrada no Sítio Fernando:

“Material da urna: tabatinga, vermelhado, com areia e bem queimado. Forma: elipsóidica. Extremo do bordo: saliente na parte extensa; grosseira, e interna, perfeita. Ornato; tênue camada de tinta branca cobrindo a superfície da zona inferior, dotada de gregas. Desenhos: gravados. Nos interstícios: paralelas duplas e tríplexes de pingos pretos em artísticos serpenteados. Na zona superior interna da urna: retas paralelas, circulares, em cores, vermelha e preta”. O autor ainda afirma depois das descrições das urnas: *“A arte cerâmica dos descobertos do ‘Fernando’, da Praça da Sé e da Rua Coronel Antônio Luís, trazem-nos à lembrança, por semelhanças, a cerâmica Marajoara.”*

O historiador José de Figueiredo Filho (1964), faz referência a estes achados e publica suas considerações sobre as características dos vestígios:

“Numa delas, havia cachimbo de pedra entalhado com o máximo de perfeição, inteiramente em estilo incaico... O objeto, pelo bom acabamento, mostra que tivemos, em tempos remotos, povoadores mais adiantados do que o aborígene Cariri, que foi encontrado pelo colonizador, em fins do século XVII para começo do século XVIII.”



Figure 9: Urna funerária encontrada casualmente no Sítio Mata, Município de Crato, CE. Doada ao acervo do Memorial do Homem Kariri, Nova Olinda, CE.

Dando prosseguimento aos estudos iniciados pelo Pe. Antônio Gomes de Araújo e José de Figueiredo Filho, em sua análise espacial do contexto arqueológico da Chapada do Araripe, LIMAVERDE (2006) procurou dividir em três vertentes, toda a encosta Norte da Chapada do Araripe “o Cariri cearense” que se constitui a Área Arqueológica do Araripe, que como supra se afirmou, se afirma como uma unidade diversa e que, por isso, reúne condições particulares para uma observação dos modos de apreensão sócio-espacial das sociedades pretéritas que se instalaram ou cruzaram esta região.

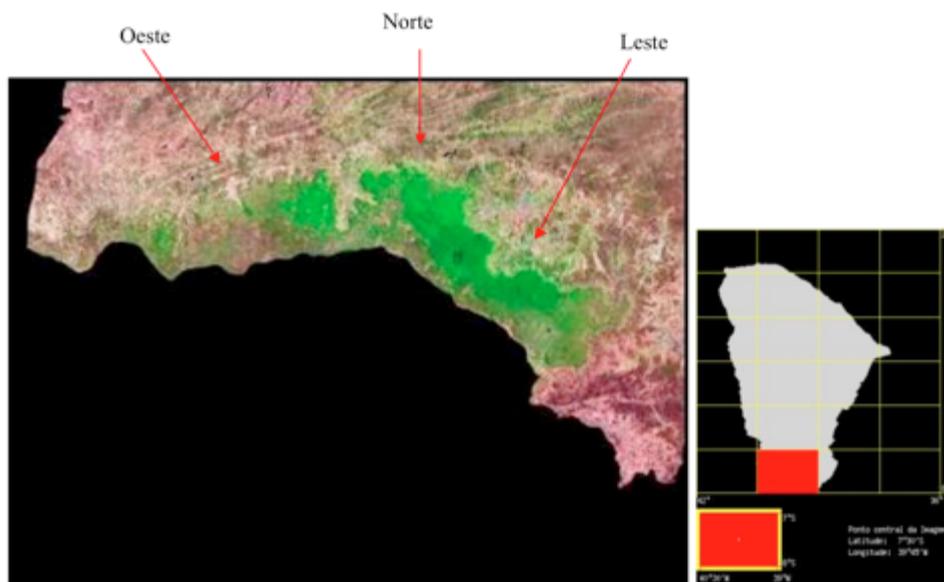


Figure 10: Vertentes do Araripe. Limaverde, 2006.

Denominou-se de “Vertente Norte” da Chapada, a vertente retilínea mais avançada em direção norte, a qual do vale sinclinal, os veios d’água correm para a sub-bacia do Rio Salgado a leste. As outras duas vertentes são côncavas: A Vertente Leste, sub-bacia do Rio Salgado, que forma no município de Crato, o fundo de um vale côncavo que se abre depois para uma várzea em direção aos Municípios de Milagres e Mauriti, fronteira paraibana e acesso para a Bacia do São Francisco, contornando à ponta Leste da Chapada ao encontro do vale pernambucano. E a Vertente Oeste, formando o vale estrutural da sub-bacia do Rio Cariús, entrada para o semiárido cearense e a fronteira do Piauí.

Contornando a Vertente Leste no sentido Sul/Norte, subindo do Rio São Francisco pelo Riacho da Brígida, o homem penetrou até o vale do Cariri, seguindo pelos leitos dos rios, onde encontram-se sítios portadores de registros rupestres pintados no Riacho Soledade e Riacho dos Porcos. Esses sítios se localizam na cota de 300 e 400m, sempre a beira rio ou dentro do leito deles, e se caracterizam pela presença de mãos em carimbo, pequenas figuras antropomorfas esquemáticas que se repetem em vários painéis gráficos. Algumas dessas figuras humanas estão desenhadas com certa leveza, tentativa de movimento, possuem mais detalhes e estão caracterizadas com vestimentas. Há uma predominância de figuras geométricas, sendo raros os zoomorfos e os painéis pictóricos sempre pintados com vermelho ocre em variadas tonalidades se apresentando com superposições gráficas.



Figure 11: Sítio Pedra do letreiro, Mauriti, CE. Fonte: Memorial do Homem Kariri.

Para alcançar vertente Oeste da Chapada do Araripe, entrada do Cariri pela zona mais seca da caatinga, o caminho utilizado pode ter se iniciado pela Serra dos Cariris Novos (parte da Serra da Ibiapaba), Município de Parambu, fronteira do Piauí com o Ceará, a 700 m de altitude, em abrigos sob rocha arenítica, onde encontram-se figuras antropomorfas minúsculas (1cm), pintadas de vermelho ocre, elaboradas com detalhes, leveza, movimento, compondo-se de cenas de caça com arcos e

flechas e cenas lúdicas. Algumas dessas figuras apresentam o sexo. Para verificação da hipótese da entrada desses grupos no vale do Cariri, prospecções no entorno estão em curso. Outro caminho, segue o leito dos secos rios do sertão, ou de secos baixios de rios pretéritos, onde as gravuras – Itacoatiaras – estão presentes em abrigos graníticos e alcançam a borda do Araripe pelo vale Oeste.

As Pinturas rupestres também aparecem em matacões graníticos nesses baixios, na cota de 400m, onde há predominância de figuras geometrizadas pouco elaboradas. Nesse contexto, aparecem além do vermelho ocre, a tinta de cor preta. Essas pinturas alcançam à vertente Oeste do Araripe onde se pronunciam nos afloramentos de abrigos calcários do tipo laminado, a 500 e 600 m de altitude na região do Açude Tatajuba (Santana do Cariri, CE).



Figure 12: Sítio Santa Fé, Crato, CE. Fonte: Memorial do Homem Kariri.

Na Vertente Norte do Araripe estão localizados os dois sítios de maior altitude, na cota de 750 a 850m que são os Sítios Olho D'água de Santa Bárbara e o Santa Fé . Estes, são abrigos sob rocha arenítica portadores de gravuras, pinturas e gravuras pintadas. Ainda não se sabe o percurso utilizado pelos autores, pois a maioria dos

grafismos se apresentam com perfis distintos dos grafismos do vale, embora no sítio Olho D'água, estejam presentes, além das gravuras e gravuras pintadas, pinturas semelhantes as do vale Leste que estão em superposição às gravuras, o que pode significar que são posteriores.

Em continuidade a esta pesquisa, novos sítios com pinturas e gravuras estão sendo prospectados, ampliando-se o número de sítios com registros rupestres e aumentando também o número de ocorrências de material lítico e cerâmico que apontam para a presença também de grupos ceramistas no Cariri. Essas ocorrências de material cerâmico se localizam nas proximidades dos terraços fluviais dos rios, em baixas cotas altimétricas, onde a argila como matéria prima, é comercializada. Em 2008, foi realizada pela equipe da Fundação Casa Grande uma escavação para salvamento arqueológico numa propriedade do Sítio São Bento, o qual um empreendimento cerâmico localizou uma urna com vestígios osteológicos. Do sítio foram retirados material lítico polido e lascas finamente retocadas, associadas a uma cerâmica policrômica pertencente ao que a análise do material ósseo indicou, a grupos ceramistas contemporâneos ao Aldeamento da Missão do Miranda.

Até o momento, na vertente Oeste, foram encontrados dois sítios cerâmicos em cotas mais altas, o Sítio Tabuleiro (Município de Altaneira, CE) a 628m de altitude, bem próximo a rede hidrográfica e numa região de lagoas naturais, onde atualmente ocorre um intenso comércio de areia para construção civil e o Sítio Mororó, a 636 m de altitude, no Município de Santana do Cariri. Recentemente, em Maio de 2012, uma nova descoberta fortuita em uma extração de areia no Sítio Lagoa Encantada em Crato, CE, identificou um sítio Cerâmico que em Dezembro/2012 foi escavado por Rosiane Limaverde com a colaboração da Dra. Claudia Oliveira (UFPE) e sua equipe. O resultado dessa pesquisa ainda não divulgado e o material encontra-se em análise no ARQ- laboratório de Arqueologia e Arquitetura do Memorial do Homem Kariri (Fundação Casa Grande).

Encontram-se hoje, no acervo da Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri, em Nova Olinda, CE, uma coleção lítica e cerâmica que aponta para a presença de grupos pré-históricos de uma notória diversidade cultural na região, na medida em que avançam os resultados das pesquisas, formulam-se novas hipóteses a respeito dos grupos pré-históricos habitantes do Cariri e sua convergência cultural.

No Cariri foram identificados 17 Sítios com registros rupestres². No conjunto de registros rupestres dos sítios prospectados, predomina pinturas e gravuras, constituídos de antropomorfos, zoomorfos, mãos e figuras não reconhecíveis. A técnica de execução das pinturas é diversificada indicando a utilização de instrumentos distintos na sua realização. A cor predominante é o vermelho. Os dois sítios de maior altitude, entre as cotas de 750 a 850, apresentam uma técnica diferenciada dos demais, com a presença de gravuras pintadas.

Em Araripina, Pernambuco, que também está inserido na região da Chapada do Araripe foram identificados vinte e dois sítios arqueológicos. Esse número de sítios é o resultado das prospecções realizadas por dois projetos de pesquisa desenvolvidos na área pela UFPE, o primeiro teve seu desenvolvimento na década de 1980 e o segundo teve início no ano de 2005 e até o presente se encontra em desenvolvimento.

Esses sítios apresentaram algumas diferenças, tanto em relação a implantação no relevo, quanto a densidade, dispersão e características técnicas do material arqueológico. Essas diferenças podem estar relacionadas a escolhas culturais,

funcionalidade, cronologia ou presença de grupos distintos na área. Os sítios arqueológicos identificados nas áreas de vale fluvial apresentam como característica principal, o fato de estarem posicionados em áreas de fundo de vale ou baixas e

² Pesquisa em curso de Doutorado em Arqueologia de Rosiane Limaverde no Centro de Arqueologia da Universidade de Coimbra e Porto.

médias vertentes com altitudes variando entre 650 e 550 m. Estão nas proximidades de fontes d'água, de matéria-prima e em solos mais férteis. (OLIVEIRA, 2006).

Segundo SENNA (2007), foi observado que o conjunto de sítios dos grupos ceramistas analisados na região de Araripina, apresenta características diferenciadas quanto à sua disposição nas áreas. Uma parte dos sítios fica localizado nas áreas da depressão sertaneja, onde os solos são mais profundos e há maior quantidade de recursos hídricos. Outra parte se dá sobre a Chapada do Araripe, sendo a maioria deles assentados no Topo Plano da Chapada. Nos sítios assentados sobre a depressão sertaneja, observa-se a preferência desses grupos pela ocupação de áreas destacadas na paisagem. Sendo assim, a maioria deles se encontra em Topos Planos de Relevos Baixos e Topos Arredondados, que possuem uma altimetria variando de 600m a 750m aproximadamente. Essas áreas possuem um solo com boa fertilidade e aceitação ao cultivo da mandioca. Apesar de um clima mais seco, nessas áreas a disponibilidade dos recursos hídricos é bem maior.

Com os trabalhos de salvamento arqueológico da Ferrovia Transnordestina no trecho Missão Velha/Salgueiro, obteve-se o seguinte resultado de datações para os grupos ceramistas do Cariri cearense, pela equipe da Zannetini Arqueologia (2008), ampliando o quadro cronológico no estado do Ceará, com datações C14 (Beta Analytic, EUA):

- Sítio Baixio dos Lopes, município de Brejo Santo: 1020+/- 40 BP e 1260 +/- 50 BP
- Sítio Baixio dos Caboclos, município de Abaiara: - 1530 +/- 50 BP
- Sítio Lage, Município de Milagres: - 2630 + 40 AP

Este novo quadro cronológico para grupos ceramistas no Cariri, cujo a cerâmica foi associada aos grupos Tupinambás, ampliam a percepção de uma cerâmica Tupi na região, em datas mais recuadas.

Também VIANA et al (2007) na pesquisa realizada “Estudos integrados do Patrimônio Cultural na área da LT 230 KV Milagres-CE/Coremas-PB (CHESF)”, escavou e datou um sítio cerâmico em Milagres, CE, a 25 cm de profundidade, em área antropizada por plantação de macaxeira, e o resultado (BETA/AMS) foi 640 anos AP.

O que LIMAVERDE (2009), concluiu preliminarmente, pelas características geoambientais dos sítios analisados na Área Arqueológica da Chapada do Araripe, é que o Cariri foi um lugar de convergência de culturas pré-históricas do Nordeste, que seguindo o caminho das águas, encontrou no Araripe, um refúgio para a sobrevivência.

8- LEVANTAMENTO DO PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL DOS MUNICÍPIOS DE CRATO - BARBALHA - NOVA OLINDA - MISSÃO VELHA - ABAIARA - PORTEIRAS - BREJO SANTO - JATI

Essa pesquisa de campo foi realizada percorrendo os Municípios impactados diretamente pelo empreendimento. Foi inventariado o patrimônio arquitetônico e cultural das localidades sedes dos Municípios, como também aspectos paisagísticos, arquitetônicos e culturais das áreas rurais. O patrimônio imaterial dos municípios supra citados também catalogado, teve como inspiração o que recomenda o Decreto Nº 3.551, de 04 de Agosto de 2000, e procedeu o levantamento dos saberes, celebrações, formas de expressão e lugares.

Sabendo-se da importância da região do Cariri como celeiro cultural do Ceará procurou-se identificar e mapear um extrato significativo da cultura regional, uma vez que seria impossível caber neste projeto de pesquisa um aprofundamento nessa área do conhecimento, o que deve ser alvo de projetos específicos apoiados ou promovidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Portanto buscou-se mapear os bens culturais dos Municípios impactados tendo como referência (e não modelo), o Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC.

8.1. CRATO



Figure 13: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha

HISTÓRICO

Os arredores da Chapada do Araripe eram habitados desde tempos imemoriais por diversas tribos indígenas, destacando-se a tribo dos Kariri que hoje dá nome à região. O Crato foi inicialmente colonizado por missões religiosas dos portugueses, italianos, baianos, paraibanos e sergipanos. Acredita-se que primeira penetração no território do Cariri aconteceu durante século XVII, com a bandeira dos irmãos Lobato Lira. Desta bandeira, participaram dois religiosos: um padre secular e um frade capuchinho, que ganharam a confiança dos índios kariri e conseguiram aldeá-los. A povoação de Miranda (primeiro nome) elevou-se à categoria de vila em 16 de dezembro de 1762, tendo sido instalada em 21 de junho de 1764 como Vila Real do Crato, no século XVIII, constituindo um dos mais importantes núcleos de povoamento na época colonial no interior do Nordeste.

ASPECTOS ARQUITETÔNICOS



Figure 14: Gradis de ferro encontrados no centro histórico de Crato, herança do período imperial

Arquitetura Residencial - Assim como praticamente todas as cidades do Cariri cearense, o núcleo urbano do Crato se desenvolveu a partir da Igreja Matriz. Em Crato, diversas casas foram erguidas ao redor da praça central (hoje Praça da Sé), local do antigo aldeamento dos índios Kariri. Durante o século XX, no entanto, a maior parte do conjunto arquitetônico foi derrubada para dá espaço para a abertura de avenidas ou simplesmente foram substituídos por prédios modernos.



Figure 15: Exemplos do que restou do casario ao redor da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha

A maioria das casas que sobreviveram ao sistemático processo de descaracterização é constituída de casas térreas, no chão, quase sem elevação, cuja planta baixa repete os padrões coloniais que, originalmente, lançavam as águas da chuva no leito da rua, mas que com a adaptação aos novos padrões e materiais construtivos, a exemplo das calhas, passaram a contar com platibandas, evitando assim esse incômodo para o pedestre.

TÉCNICA CONSTRUTIVA: A técnica construtiva da maioria das casas do centro histórico de Crato é rudimentar. As grossas paredes externas estruturais são de tijolos assentados com argamassa de areia, argila e cal. O telhado possui duas águas de telha canal, que se apoiam nas duas laterais e em “mãos” intermediárias. As fachadas são uniformes, com aberturas regularmente ritmadas e emolduradas por

vergas geralmente retilíneas, mas também em arco abatido ou pleno. Elementos de distante influência neoclássica são as platibandas com ornamentação discreta ou, às vezes, balaustrada.



Figure 16: A maior parte do casario antigo foi descaracterizada em função do comércio

Arquitetura pública e religiosa



Figure 17: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha - Os trabalhos da primitiva Igreja, dedicada a Nossa Senhora da Penha de França, tiveram início em 1745, tendo como responsável frei Carlos Maria de Ferrara e seu companheiro frei Fidélis de Sigmaringa. Em 1762, foi criada a Paróquia, na aldeia do Miranda, sob a invocação de Nossa Senhora da Penha. A edificação original do templo foi erguida com paredes de taipa, piso de barro batido e coberta de palhas, tendo ainda os caibros e ripas trançados de cipós. Depois de várias reformas, a Igreja Matriz adquiriu as

características atuais, com duas torres sineiras. O frontispício é marcado por detalhes que remetem á arquitetura neoclássica, com frontão triangular.



Figure 18: Detalhe de uma das torres sineiras da Igreja Matriz

Seminário São José - Em 20 de outubro de 1914, é criada a Diocese de Crato pelo papa Bento XV através da Bula "*Catholicae Ecclesiae*". A Igreja Católica foi responsável pelo progresso material e social do Crato, iniciando esse processo pela fundação do Seminário Menor de São José (primeiro do Interior cearense). O prédio é caracterizado pela sequência ritmada de janelas e possui uma parte avançada no lado da entrada principal, sustentada por colunas com tímpano triangular, remetendo à época clássica.



Figure 19: Detalhes do Seminário Menor de São José, o primeiro do interior do Ceará.

CASA DE CÂMARA E CADEIA



Figure 20: Casa de Câmara e Cadeia.

A fundação de vilas, como afirmação do poder real, data do primeiro século de colonização. O edifício símbolo dessa autoridade era a Casa de Câmara e Cadeia, cujo programa e partido arquitetônico são uma herança portuguesa. Na demarcação das primeiras vilas, a situação desse edifício era já definida e ele também pode ser considerado como símbolo do plano colonizado, isto é, a organização da ocupação do território com a criação de municípios.

No Crato, a Casa de Câmara e Cadeia é um dos poucos exemplares da arquitetura original que se mantém preservado. O edifício possui dois pavimentos, o térreo, destinado à cadeia e o superior, destinado à câmara. Os pavimentos térreos eram construídos com cuidados especiais, para evitar fugas e invasões. As paredes foram erguidas com taipa de pilão, reforçada com madeira na parte interior. Algumas paredes chegam a medir mais de 80 centímetros.

ASPECTOS CULTURAIS

A cidade de Crato possui um rico repertório de manifestações culturais, herança da forte influência pernambucana e principalmente pela localização geográfica, no sopé da Chapada do Araripe e próximo às fronteiras de quatro estados (Ceará, Pernambuco, Paraíba e Piauí). Entre as manifestações culturais destacam-se as de caráter popular, a exemplo das bandas de pífano, os reisados, as lapinhas e as dançarinas de coco de roda. No artesanato o destaque é o trabalho com a argila, realizado na zona rural e vendido nas feiras públicas das cidades do Cariri.



Figure 21: Apresentação de Reisado na Praça da Sé, em Crato

Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto - Formado no século 19 pelo “Véi Anicete”, ou José Lourenço da Silva, que mais tarde se tornaria José Aniceto, um descendente de índios do Cariri, o grupo se encontra na terceira geração — a quarta já está sendo formada — e não deixa de lado a música antiga do sertão. A primeira formação tinha Anicete, amigos e parentes. Depois, o fundador foi ensinando o ofício para os herdeiros. Raimundo, o caçula de dez filhos, conta que o pai passou tudo que sabia adiante. “Todos os seis filhos homens aprenderam a tocar”, diz. Aos 75 anos — começou a tocar com seis -, ele acompanhou de perto a renovação da banda. A formação atual é composta por cinco integrantes. Além de Raimundo, sobem ao

palco Adriano, Antônio (seu irmão), Jeová e Ciço. Eles têm um sexto integrante, Ugui, escalado em situações especiais. “Continuamos em família, não podemos perder essa característica”, diz. Mestre Raimundo, como é chamado, sabe que o apelido de infância do pai deu nome à primeira formação da banda, mas não sabe dizer por que Anicete virou Aniceto. “Foi mudando na boca do povo”, lembra. O nome virou marca registrada da família. “Todos passaram a ser conhecidos como Aniceto”, diz o mestre.



Figure 22: Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto, representantes máximos da cultura popular local



Lapinhas – A tradição medieval das lapinhas vivas se mantém no Crato. Os grupos se apresentam em frente aos presépios de Natal. O brilho das festividades natalinas vai até o Dia de Reis, em 6 de janeiro, e assume um colorido especial. Os

personagens principais são dramatizados na recepção ao Menino Deus: Jesus, Maria, José e o anjo Gabriel. Os reis magos Gaspar, Melchior e Baltazar, além dos animais, pastorinhas, caboclinhos, índios, astros, entre outros integrantes da lapinha, fortalecem as comemorações e trazem consigo os traços culturais de cada região. No Bairro Granjeiro, Zulene Galdino, mantém viva uma tradição iniciada há mais de 40 anos. Cerca de 30 crianças e adolescentes participam da encenação. "É uma forma de não apenas mostrar o aspecto verdadeiro do Natal, contando a história do Menino Deus, mas um momento de alegria, que deve ser levado a todos", diz a Mestre da Cultura Popular.



Figure 23: Mestre Zulene Galdino, defensora da tradição da Lapinha em Crato

ARTESANATO

Oleiros – O artesanato em barro é o mais tradicional, sendo sua feitura realizada essencialmente na zona rural do município. As peças são produzidas durante todo o ano e vendidas nas feiras públicas de diversas cidades do Cariri. Um bom exemplo é a oficina de Seu Iêdo Silva, de 46 anos, localizada na saída da cidade em direção ao município de Farias Brito. Iêdo conta que aprendeu a técnica com o pai, quando tinha apenas 10 anos de idade. Em média trabalham na oficina 10 oleiros, durante todo o ano. Parte da produção é enviada para cidades vizinhas como Iguatu, Juazeiro do Norte e Várzea Alegre. Para Jailson Nogueira, oleiro que trabalha na oficina, o trabalho pode render até um salário mínimo por mês. As peças são as mais variadas

possíveis, de simples bonecos até fogões de barro e peças produzidas sob encomenda. Os mais comuns são os jarros para plantas. O barro é extraído da própria encosta da Chapada e o trabalho é realizado de forma manual.



Figure 24: Trabalho com argila, tradição manual preservada em alguns pontos da zona rural

ASPECTOS PAISAGÍSTICOS

Floresta Nacional do Araripe – o Crato é repleto de clubes e balneários serranos com natureza abundante. Ali nascem a maioria das trilhas que levam o visitante por banhos em fontes naturais e agradáveis, momentos de encontro com a natureza da primeira Floresta Nacional criada no Brasil, em 1946. Com quase 40 mil hectares, a floresta abriga diversas espécies da fauna e da flora típicas dessa região do Nordeste, além de importantes sítios arqueológicos. Cortada por trilhas bem sinalizadas e uma boa base de apoio oferecida pelo IBAMA, a floresta é hoje o cartão postal do ecoturismo nessa região que esconde ainda muitos outros tesouros, como os fósseis de milhões de anos que fazem da região do Cariri uma das maiores jazidas do planeta. Parte desse material está exposto no Museu dos Fósseis, instalado num antigo casarão colonial do que sobrou do complexo urbano original.



Figure 25: Fontes naturais, fósseis, trilhas e belas paisagens, atrativos e patrimônio da primeira Floresta Nacional do país

Já foram catalogadas 88 espécies de aves pertencentes a 34 gêneros distintos. Destaca-se o Soldadinho-do-Araripe, ave que somente é encontrada na região da FLONA Araripe. A fauna do local é composta, ainda, por diversas espécies de répteis, insetos e mamíferos. A vegetação predominante é de cerrado, embora existam faixas de transição que apresentam traços de Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga.

8.2. BARBALHA



Figure 26: Igreja Matriz e casario antigo da cidade de Barbalha

HISTÓRICO

O nome Barbalha é uma referência ao sobrenome de uma moradora da zona rural do atual município, cuja casa servia de albergue para os tropeiros de gado que traziam os rebanhos de Pernambuco para passar os períodos de estiagem na região da Chapada do Araripe. Por ser proprietária do principal ponto de apoio e hospedagem da região, tornou-se bastante conhecida por sua hospitalidade, o que contribuiu para que a localidade herdasse seu nome. A denominação original da cidade era Freguesia do Santo Antônio de Barbalha. Em 1838 passou a chamar-se apenas Barbalha. As terras localizadas às margens do Riacho Salamanca, eram habitadas originalmente pelos índios Kariri, antes da chegada dos colonizadores durante o século XVII. Os integrantes das entradas, militares e religiosos, catequizaram os indígenas e os agruparam em aldeamentos ou missões. Os resultados destes contatos fomentaram notícias que na região havia ouro em abundância e em seguida desencadeou-se uma verdadeira corrida para os sertões brasileiros, aonde famílias oriundas de Portugal chegaram à região. A busca do metal precioso trouxe a colonização e com consequência a doação de sesmarias, o que

permitiu o surgimento de lugarejos e vilas. Deste contexto surge Barbalha, um núcleo urbano que cresceu ao redor da capela de Santo Antônio.

ASPECTOS ARQUITETÔNICOS

Arquitetura pública e Residencial – Das cidades do Cariri cearense, Barbalha é a que possui o mais preservado casario colonial. O núcleo central parte da Igreja Matriz de Santo Antônio e segue pela Rua da Matriz, Rua do Vidéo e chega até a capela de Nossa Senhora do Rosário.



Figure 27: sinalizações urbanas.

A cidade se destaca na região do Cariri por possuir um vasto e preservado sítio arquitetônico composto por diversos prédios públicos e particulares que atraem estudiosos e interessados no turismo histórico. O Centro Histórico de Barbalha se caracteriza pela arquitetura do período imperial com prédios construídos nos séculos XVIII e XIX. O Centro Histórico de Barbalha se localiza no centro da cidade, numa área que compreende aproximadamente 20 ruas. Seus limites vão desde o entorno do largo do rosário até o largo do Colégio Nossa senhora de Fátima e da Rua do Vidéo à Praça Engenheiro Dória (Estação). Além das históricas Igreja Matriz de Santo Antônio e Igreja de Nossa Senhora do Rosário, prédios como o antigo Casarão Hotel e Palácio 3 de Outubro fazem parte da composição. Barbalha tem o patrimônio arquitetônico mais preservado da região, com 44 casas inventariadas, formando um conjunto de edificações que foi incluído há cerca de dois anos no Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) das cidades históricas, do Governo Federal.

Mesmo com várias edificações históricas, Barbalha tem apenas dois prédios tombados pelo Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Arquitetônico do Ceará (Copac), o Casarão Hotel, na Rua da Matriz, no centro da cidade e o Palácio 3 de Outubro. As residências históricas apresentam diversos traços e estilos da arquitetura – fachadas neoclássicas, platibandas, cornijas, arcos romanos, azulejos portugueses, resquícios do estilo gótico, eclético e alguns traços do Art Déco.



Figure 28: Arquitetura colonial.



Figure 29: Diversos estilos arquitetônicos compõem o preservado casario do centro histórico de Barbalha, desde exemplos do período neoclássico, até detalhes em azulejos portugueses

Arquitetura Religiosa

Igreja Matriz de Santo Antônio – A Igreja Matriz de Santo Antônio foi edificada nas terras doadas pelo Capitão Sá Barreto e data de 1778. Possui duas torres bem características em formato de cones e está localizada no marco zero da cidade, de onde se iniciou toda a edificação histórica da cidade.



Figure 30: Igreja Matriz de Santo Antônio

Igreja de Nossa Senhora do Rosário – A Igreja é uma das mais belas do interior do Ceará, com traços simples, mas ao mesmo tempo peculiares e uma localização geográfica interessante, entre duas praças. A ideia da construção surgiu entre os escravos negros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, ainda no século XIX. Os primeiros alicerces foram cavados em 1860. A pedra angular, no entanto, só foi estabelecida em 1892, pelo Padre Manoel Cândido dos Santos. Durante muitos anos a igreja não pôde ser concluída em função de fortes chuvas e diversos outros problemas que acabaram adiando a construção. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário só foi concluída em 1921, com uma missa inaugural. O altar-mor, entalhado à mão em madeira, é obra do mestre artesão Manoel Roque. A imagem de Nossa Senhora do Rosário presente no altar foi trazida da França.



Figure 31: Igreja de Nossa Senhora do Rosário, construída por iniciativa dos escravos.

ASPECTOS CULTURAIS

Barbalha é considerada a capital cultural do Cariri cearense, reunindo em seu repertório de manifestações culturais os mais diversos folguedos populares. O ponto alto desse rico patrimônio é a Festa de Santo Antônio, realizada sempre no mês de junho que reúne no centro histórico boa parte da cultura popular do sul do Ceará. O destaque é o ritual de carregamento do Pau da Bandeira, uma tradição secular em homenagem ao santo católico e que constitui importante patrimônio imaterial do Estado.



Figure 32: Festa do Pau da Bandeira, Patrimônio cultural da cidade de Barbalha

Além da realização da tradicional trezena religiosa em homenagem ao santo padroeiro, ocorrem os festejos sociais como a quermesse e shows de grande porte no Parque da Cidade. A festa tem início com o dia do Pau da Bandeira, tradição local com mais de 100 anos de existência. Neste dia, o primeiro da Festa de Santo Antônio, os homens devotos vão às cinco horas da manhã em busca do mastro, previamente escolhido e preparado, em um sítio localizado no pé da serra há 6 km de distância do centro da cidade. Acompanhados por uma multidão de pessoas, os homens trazem o Pau da Bandeira nos ombros até a frente da Igreja Matriz de Santo Antônio para hastear a bandeira do padroeiro e simbolizar que a cidade está em festa. Além da celebração, dezenas de grupos folclóricos tomam conta das ruas da cidade, a exemplo de Reisados, Bandas de Pífano, Lapinhas, Caretas, Vaqueiros, Maneros Pau e Quadrilhas Juninas. No dia 13 de Junho acontece a procissão de Santo Antônio, que reúne milhares de pessoas vindas de todas as comunidades do município, além de cidades vizinhas. O carro andor com a imagem do padroeiro em tamanho natural é acompanhado pelas estátuas dos padroeiros das capelas de todas as comunidades e segue em cortejo pelas principais ruas da cidade.



Figure 33: Barbalha resguarda um verdadeiro relicário de manifestações da cultura popular nordestina

ENGENHOS DE CANA-DE-AÇÚCAR



Figure 34: Engenhos de Cana de Açúcar.

Barbalha possui uma larga tradição de engenhos de cana-de-açúcar, muitos ainda em atividade na zona rural e que produzem a rapadura, iguaria considerada uma espécie de patrimônio da gastronomia nordestina. Os primeiros engenhos carienses eram feitos de madeira e movimentados por juntas de burros e bois e por correnteza d'água. Entre os engenhos que sobreviveram destaca-se o Engenho, uma construção de 1830, considerado o último exemplar do nordeste de “casa grande e engenho conjugado”.



Figure 35: Alguns engenhos mantêm viva a produção de rapadura, iguaria tradicional no interior do Nordeste

O ciclo da rapadura teve uma grande importância econômica para a região do Cariri, além de ter deixado verdadeiros patrimônios arquitetônicos, muitos deles hoje desativados e em fase de abandono. Durante o período da moagem, os engenhos de Barbalha produzem a iguaria que é distribuída para as feiras de diversos municípios da região do Cariri.



Figure 36: Alguns engenhos guardam peças que são verdadeiras relíquias do ciclo da cana-de-açúcar

8.3. NOVA OLINDA

HISTÓRICO

A cidade de Nova Olinda surgiu como consequência de um dos mais interessantes capítulos da história da colonização do interior nordestino, ocorrida entre o final do século XVII e início do século XVIII, e que ficou conhecido como “ciclo do couro”. Garcia D’Avila aportou no litoral da Bahia e criou a Casa da Torre. Por meio do seu imediato Afonso Sertão, ele estendeu os limites do território até o Município de Oeiras, que foi a primeira capital do Piauí. Esse ciclo migratório deu origem as Sesmarias, de onde surgiu a cidade de Nova Olinda, a partir da Fazenda Tapera. O Distrito de Nova Olinda pertenceu originalmente ao município de Santana do Cariri. Em 1957 foi criado o município de Nova Olinda.



Figure 37: Casa Grande da Fazenda Tapera, hoje sede da Fundação Casa Grande, Memorial do Homem Kariri

ASPECTOS ARQUITETÔNICOS

Arquitetura Residencial e religiosa – A Casa Grande da Fazenda Tapera, que deu origem ao município de Nova Olinda é uma típica sede de fazenda do período colonial. O terreiro em frente à casa, está orientado para o antigo caminho das boiadas, época em que a residência servia de ponto de apoio para os tropeiros que atravessavam o Nordeste brasileiro. Ainda hoje é possível ver no terreiro da casa, o antigo marco de pedra, que originalmente limitava as terras. As janelas são direcionadas para a direção dos ventos (nascente), as colunas internas são vazadas, promovendo a iluminação, a ventilação natural e a acústica da construção. A sala de entrada, popularmente chamada de Sala do Coração de Jesus, é tida pelo povo da época como um recinto sagrado, onde são realizadas até hoje as renovações do Sagrado Coração de Jesus, manifestação típica da cultura popular religiosa do interior do país.



Figure 38: Sala do Sagrado Coração de Jesus e detalhe da fachada da Casa Grande, antiga Fazenda Tapera.

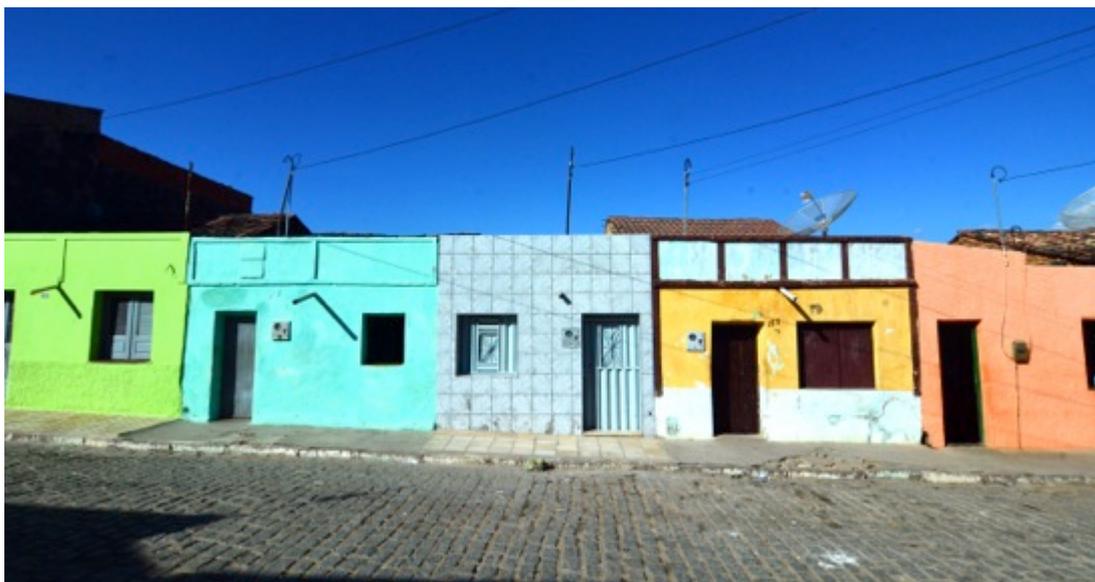


Figure 39: Casa de arquitetura popular, hoje raras no município em função da descaracterização das fachadas originais

O núcleo urbano de Nova Olinda se desenvolveu a partir da Casa Grande da Fazenda Tapera e posteriormente da Igreja Matriz, onde estão localizadas as residências mais antigas do município, tendo como características as casas de platibanda implantadas no limite da calçada com cobertura de duas águas, geralmente são construções de tijolo e telha cerâmica com pintura em tinta a cal. As fachadas são compostas por porta e janela, tendo como ornamento os desenhos de formas geométricas,

possuindo cores vibrantes em toda sua fachada. As formas raramente se repetem, sendo obras criativas dos próprios moradores.

Em Nova Olinda restam hoje poucas casas com as características originais, sendo sua maioria revestida atualmente com azulejos e cerâmicas, além de outros materiais construtivos atuais.



Figure 40: Igreja Matriz de São Sebastião e Educandário, dois exemplos do patrimônio histórico da cidade de Nova Olinda

ASPECTOS CULTURAIS

Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri – Criada em 1992, pelo músico Alemberg Quindins e a Arqueóloga Rosiane Limaverde, a Casa Grande é uma Organização Não Governamental que busca formar crianças e jovens do Cariri através da arte e da comunicação. Com um trabalho social premiado e reconhecido a nível internacional, a Casa Grande é hoje uma referência quando o assunto é educação. São as próprias crianças que administram e coordenam os projetos, da rádio á televisão, passando pela oficina de histórias em quadrinhos, o museu arqueológico e muitas outras atividades que envolvem as crianças e oferecem aos pequenos uma nova perspectiva quanto ao futuro numa região onde até pouco tempo atrás apenas o trabalho na roça era tido como certo. Com estrutura que inclui, gibiteca, videoteca, sala de informática, estúdio de rádio e televisão, museus, alojamentos e um belo teatro, a Casa Grande é o exemplo vivo de um projeto nascido na simplicidade do interior nordestino e que hoje ganha o mundo através de exposições, shows palestras e ainda funciona como uma espécie de portal para quem quer conhecer a Chapada do Araripe. A Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri celebrou em dezembro de 2009, com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, o termo de cooperação técnica que a tornou a “Casa do Patrimônio da Chapada do Araripe”.



Figure 41: Com 20 anos de história, a Fundação Casa Grande vem transformando a vida de crianças e jovens em Nova Olinda

Patrimônio histórico e cultural – A Fundação Casa Grande desenvolve um importante trabalho de resgate do patrimônio arqueológico da região da Chapada do Araripe, através de projetos de educação patrimonial e de turismo de base comunitária. Diversos sítios estão nos arredores da cidade de Nova Olinda, constituindo um importante patrimônio natural e arqueológico que vem servindo de laboratórios para as pesquisas científicas na área, assim como salas de aula a céu aberto para os meninos e meninas da Casa Grande. Além do aspecto histórico, a fundação preserva ainda parte das manifestações culturais. No dia 19 de dezembro é realizada a tradicional festa de renovação do Sagrado Coração de Jesus da Casa Grande, quando grupos de cultura popular se apresentam no terreiro.

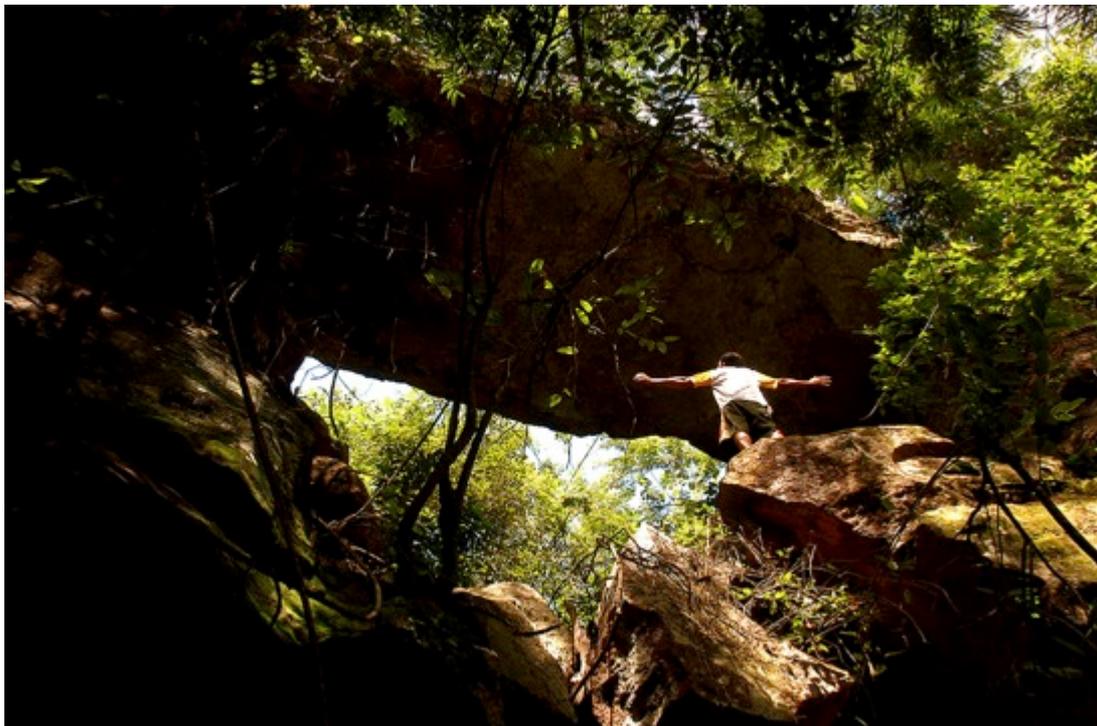


Figure 42: Ponte de Pedra, um dos muitos sítios mitológicos que compõem o rico patrimônio natural de Nova Olinda

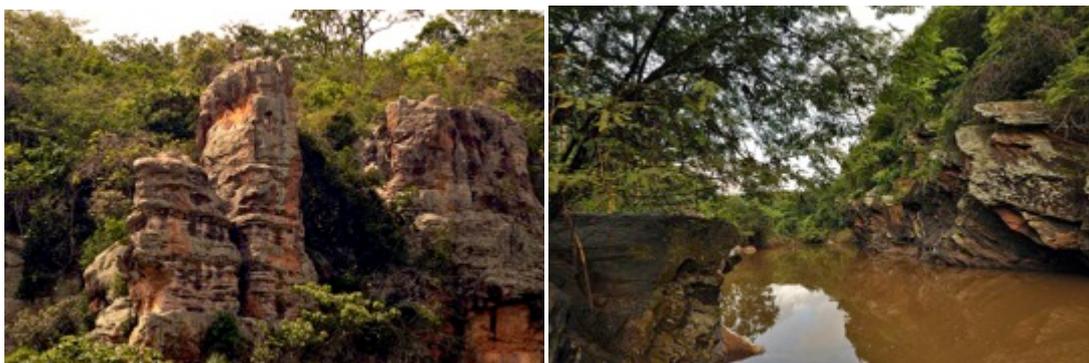


Figure 43: Pedra da Torre e Cama da Mãe d'Água, monumentos naturais da Chapada do Araripe

ARTESANATO

Expedito Seleiro (couro) – Trabalhando com o couro desde os oito anos de idade, seu Expedito Veloso de Carvalho é uma das referências em arte popular no Cariri, sendo reconhecido como Mestre da Cultura Popular. Aos 73 anos Expedito ainda trabalha em seu ateliê em Nova Olinda, onde ensinou aos filhos e netos o trabalho artesanal que hoje é reconhecido em boa parte do Brasil e até mesmo no exterior. Aprendeu a arte com o pai – que chegou a produzir sandálias para Lampião - e vem repassando o saber através das gerações. Sandálias, celas, gibões, bolsas, tudo vira arte pelas mãos do talentoso artista. Parte do material produzido é vendida para grandes centros, como São Paulo e Fortaleza.

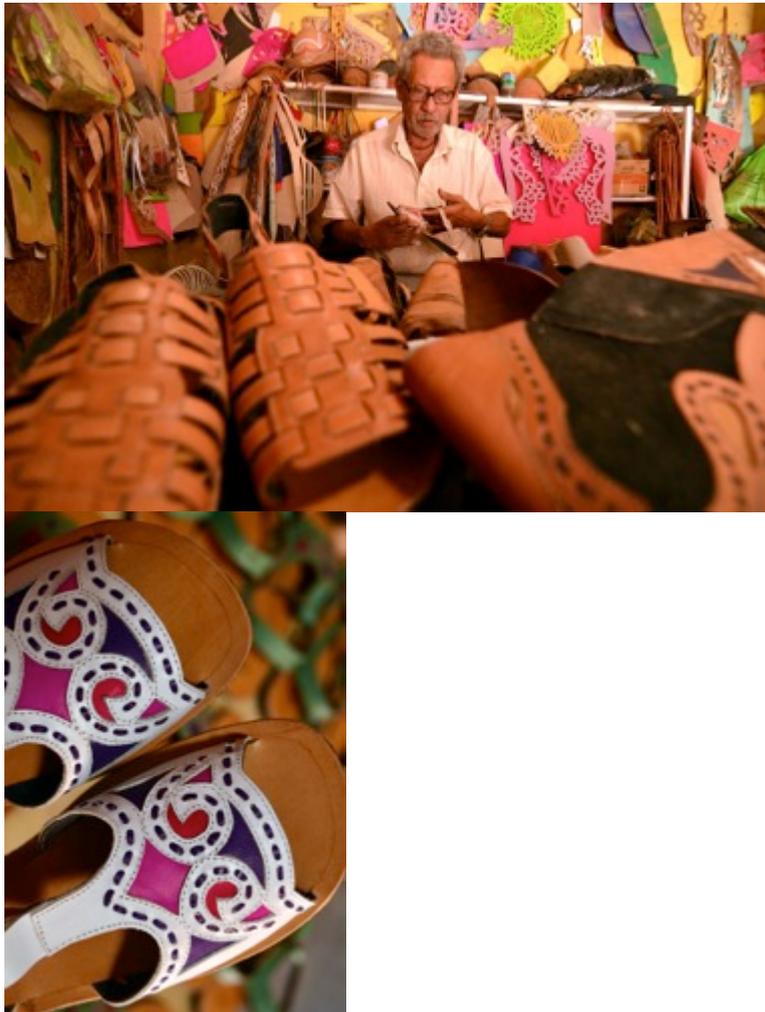


Figure 44: Expedito Seleiro em seu ateliê em Nova Olinda

Dona Dinha (tear manual) – Dona Raimunda Ana da Silva é uma das poucas artistas que ainda mantém viva a tradição do tear manual, produzindo redes no município de Nova Olinda. Aprendeu o ofício aos 12 anos, mas infelizmente não deu seguimento ao ensino da tradição. Além das tradicionais redes, Dona Dinha – como é conhecida popularmente a artista – produz mantas que são vendidas na cidade. O tear manual é uma peça pouco encontrada hoje no interior do Nordeste, sendo uma ferramenta trazida pelos colonizadores e que sofreu adaptações que remontam às antigas tradições indígenas da região. Dona Raimunda leva em média três dias para produzir uma única rede, o que demonstra o nível de detalhe que o processo exige, sendo 100% manual. Cada peça custa em média 160 reais.



Figure 45: Antiga tradição de tear manual, hoje quase extinta no Cariri

8.4. MISSÃO VELHA

HISTÓRICO

Como a maioria das pequenas cidades do Cariri cearense, Missão Velha surgiu a partir da criação de uma pequena igreja, de onde posteriormente deu-se a criação de uma vila. Suas origens remontam aos precedentes mineralógicos do Século XVIII, quando uma expedição mineradora administrada pelo Governo de Pernambuco colocou suas bases no antigo Sítio Cachoeira e lá iniciaram a Missão dos Cariris Novos. Missão Velha foi elevada a condição de Distrito em 1864 e tornou-se cidade em 1931.



Figure 46: Missão Velha é uma das mais antigas cidades do Cariri cearense, tendo suas origens ligadas á mineração

ASPECTOS ARQUITETÔNICOS



Figure 47: Aspectos arquitetônicos

Arquitetura Residencial – As poucas casas que restaram no que antes constituía o núcleo urbano original da cidade de Missão Velha, possuem características simples, construídas com poucos recursos, que imitavam, na construção popular de suas fachadas, os elementos arquitetônicos presentes nos edifícios mais abastados. O que as unifica é a associação entre a construção simples e a implantação remanescente do período colonial, em lotes de pequena testada e grande profundidade, sem recuos laterais, nem frontais.

Arquitetura Religiosa



Figure 48: Igreja Matriz de São José.

Igreja Matriz de São José – A construção é marcada por colunas da Ordem Coríntio, que tem como característica o capitel compósito formado por volutas jônicas sobrepostas de folhas de acanto, que fornecem um ritmo visual à arquitetura.

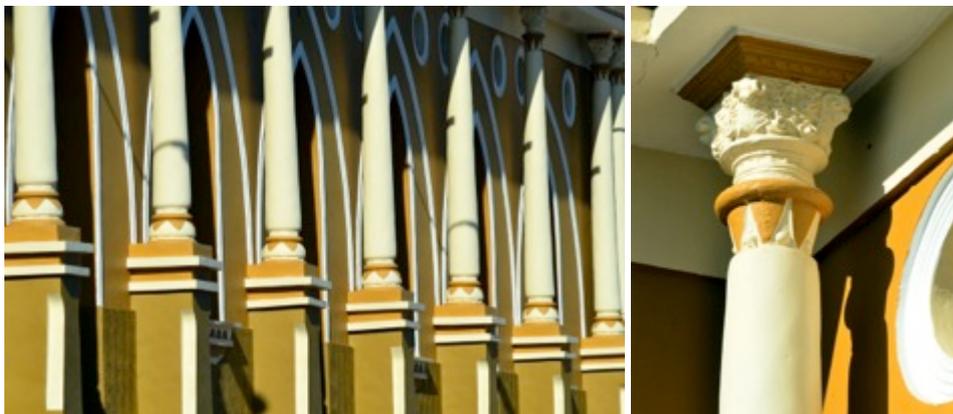


Figure 49: Colunas da Ordem Coríntio caracterizam a lateral da Igreja Matriz

As portas e janelas da igreja remetem ao estilo gótico, caracterizado pelos arcos ogivais, tendo também como ornamento os rendilhados – ornamento arquitetônico constituído por uma série de formas geométricas primitivas, sobretudo círculos – que ainda possui a função de dar forma às janelas.



Figure 50: Janelas e portas ogivais, características do estilo gótico

PATRIMÔNIO NATURAL

Geopark – Missão Velha faz parte do único Geopark da América Latina, criado pelo Governo do Estado do Ceará, sendo a Cachoeira de Missão Velha e o Geossítio Floresta Petrificada do Cariri os dois monumentos naturais preservados e abertos á visitação pública. A Floresta Petrificada é constituída por camadas de rochas avermelhadas (arenitos da formação Missão Velha) onde podem ser encontrados pedaços de troncos petrificados de aproximadamente 145 milhões de anos. Segundo os paleontólogos, estes fósseis mostram que, naquela época (período jurássico), existiam naquela região colinas cobertas por florestas recortadas por rios que transportavam os troncos caídos para locais arenosos, sendo fossilizados ao longo do tempo.



Figure 51: Geossítio Floresta Petrificada e Cachoeira de Missão Velha, patrimônios que fortalecem o turismo na região

ASPECTOS CULTURAIS

Missão Velha possui uma forte tradição de vaquejadas, sendo essa atração popular a mais importante festa do município, realizada sempre no mês de julho e que atrai milhares de visitantes. A Festa de São José, padroeiro da cidade, é realizada em março, sendo o dia 19 o ponto alto das celebrações religiosas. No artesanato destaca-se o trabalho com argila, realizado principalmente na zona rural por mulheres.



Figure 52: Vaquejada e artesanato em barro, duas vertentes que compõem a acervo de manifestações culturais de Missão Velha.



Figure 53: Santuário Mãe Rainha de Missão Velha, localizado no Espaço Terceiro Milênio, palco das manifestações religiosas da cidade

8.5. ABAIARA

HISTÓRICO

Antes um pequeno vilarejo que fazia parte do território do Município de Milagres, Abaiara começou a ensaiar sua emancipação em 1870, com a chegada do missionário Padre José Antônio Maria Ibiapina, que em visita ao vilarejo construiu uma capela dedicada a virgem Maria, intitulada Imaculado Coração de Maria. O nome da cidade vem do Tupi e significa “homem ilustre”, provavelmente uma referência aos primeiros colonizadores que chegaram à região por motivo da criação das sesmarias.



Figure 54: Sinalização urbana e Igreja Matriz

ASPECTOS ARQUITETÔNICOS

Arquitetura Residencial – Constatou-se que no município de Abaiara não se verifica nenhum exemplar relevante do patrimônio material arquitetônico. As construções não possuem elementos da arquitetura que as caracterizem como patrimônio, conforme podemos observar na imagem abaixo, captada no centro urbano da cidade.



Figure 55: Centro urbano de Abaiara

ASPECTOS CULTURAIS

Abaiara também é extremamente carente em manifestações culturais, não possuindo relevantes tradições nas áreas do artesanato nem da cultura popular. A única manifestação de caráter cultural que constitui certa tradição no município é a Festa de Coração de Maria, padroeira da cidade, realizada sempre no mês de setembro.

8.6. PORTEIRAS

HISTÓRICO

O município de Porteiras sempre exerceu importante papel na vida econômica do Cariri. Considerado um dos maiores produtores de cana-de-açúcar e grãos, Porteiras é um considerável exportador de frutas e verduras. Sobre a origem da cidade, data do século XVIII, quando a área onde hoje fica a sede era ponto de passagem para pessoas que vinha do sítio Simão (hoje Distrito do Simão) no pé da serra do Araripe, para a cidade de Jardim. Nos baixios que circundavam a elevação estava situadas Porteiras, ao lado de uma lagoa de nome Ariosa. Com o grande trânsito de pessoas no local, os proprietários colocaram duas porteiras, sendo uma na entrada e outra na saída do terreno. Com o tempo essas porteiras passaram a ser chamadas de Porteiras de Fora e Porteiras de Dentro, daí o nome que foi depois simplificado para Porteiras. Em 1920 Porteiras passou ser chamada de Conceição do Cariri para em 1938, voltar a ser chamado de Porteiras, nome que permanece até hoje.



Figure 56: Igreja Matriz de Porteiras, arquitetura simples e sem detalhes característicos de estilos específicos. Cartaz da Festa de Nossa Senhora da Conceição, momento maior da cultura local.

ASPECTOS ARQUITETÔNICOS

Arquitetura Residencial – A cidade de Porteiras não possui um casario de relevância histórica, sendo constituído basicamente de casas simples de porta e janela, sem adereços nem traços arquitetônicos que caracterizem um estilo específico ou o enquadre dentro de algum período construtivo. As únicas casas que ainda mantêm um traço original estão na zona rural do município, sendo caracterizadas por alpendres e tendo como principal material construtivo a taipa.



Figure 57: Casas do centro de Porteiras, sem relevantes traços arquitetônicos e exemplar de casa na zona rural do município Herança do período de fundação da cidade e caracterizada por alpendres e construída em taipa

ASPECTOS CULTURAIS

Além da Festa de Nossa Senhora da Conceição, realizada entre novembro e dezembro, quando grupos musicais se apresentam e pequenas vaquejadas são realizadas na zona rural do município, a cultura local é marcada pela tradição das bandas de pífano, hoje praticamente desaparecidas. Um exemplo claro desse processo de esquecimento das raízes culturais é a banda cabaçal de seu João Antônio da Silva, de 80 anos, que desde os 10 anos toca pífano e já fez parte de vários grupos locais. João conta que nenhum dos filhos quis aprender o ofício (ele também constrói os instrumentos) e que hoje a tradição está praticamente extinta na cidade. A banda Nossa Senhora da Conceição hoje se reúne esporadicamente, em especial durante as festas religiosas em homenagem á padroeira da cidade. Seu João conta ainda que na cidade já houve um grande número de grupos, incluindo reisados e penitentes, todos em franco processo de desaparecimento.



Figure 58: Seu João, tocador de pífano em frente a um muro pintado no centro de Porteiras. Tradição cultural praticamente extinta na cidade

8.7. JATI



Figure 59: Igreja Matriz

HISTÓRICO

Nos tempos de pré-colonização, o território de Jati era ocupado por índios vinculados à nação dos Kariris, que foram depois catequizados durante o Século XVIII. Seu primeiro nome foi Macapá, quando ainda pertencia ao município de Jardim. A Emancipação Política ocorreu em 1951.

ASPECTOS ARQUITETÔNICOS

Arquitetura Residencial – Jati, assim como muitas outras cidades do Cariri cearense, não resguarda em seu casario exemplares das edificações originais, sendo constituída praticamente de casas populares de porta e janela, a maioria erguida na década de 1970.



Figure 60: Exemplos do casario urbano de Jati, casas populares de porta e janela, sem relevantes traços arquitetônicos.



Figure 61: Jati está localizada às margens da BR 116. A devoção ao Padre Cícero é forte na região que faz fronteira com Pernambuco.

ASPECTOS CULTURAIS

A mais importante expressão cultural de Jati é a Festa do Pau da Bandeira de Senhora Santana, padroeira da cidade. Iniciada em 1970, sendo uma clara influência da secular celebração realizada em Barbalha em devoção ao Santo Antônio, a festa hoje é o carro chefe do calendário de eventos do município, quando ocorrem shows e apresentações de grupos folclóricos de cidades vizinhas, já que em Jati a tradição da cultura popular é quase nenhuma. Em algumas épocas do ano ocorrem também pequenas vaquejadas, sendo essas caracterizadas por shows de grupos de forró provenientes de cidades maiores.

8.8. BREJO SANTO

HISTÓRICO

Assim como praticamente todas as cidades que compõem a grande região do Cariri cearense, Brejo santo foi originalmente terras dos índios Kariri, catequisados e

colonizados pelas entradas que povoaram o interior do Nordeste brasileiro. Em função das notícias de que na região havia jazidas de ouro, famílias provenientes de Portugal acabaram chegando ao lugar e participando do processo de doação das sesmarias. Brejo Santo não foi diferente e surgiu nesse contexto, inicialmente como povoado ao redor de uma grande fazenda. Desde 1858, casas foram erguidas na cidade, não restando praticamente nenhum exemplar arquitetônico desse tempo.



Figure 62: Igreja Matriz de Brejo Santo

ASPECTOS ARQUITETÔNICOS

Arquitetura Residencial – Brejo Santo é um exemplo claro de cidade do interior cearense que cresceu em função da estratégica posição geográfica, ao lado da BR 116, mas que não soube preservar seu patrimônio histórico. Quase não se verificam construções do núcleo original, sendo o casario urbano formado por casas de arquitetura popular. Algumas poucas residências, especialmente da década de 1960, possuem traços da arquitetura popular caracterizada por desenhos geométricos. A maioria do conjunto está composta por casas simples, de porta e janela e sem adereços arquitetônicos relevantes, inclusive no que diz respeito ao patrimônio histórico, quase que totalmente restrito à bela Igreja Matriz.



Figure 63: Poucos exemplares da arquitetura original se mantêm intacta em Brejo Santo. Praticamente todo o casario que compunha o núcleo original da cidade foi substituído por construções modernas.

Arquitetura Religiosa



Figure 64: A Igreja Matriz está erguida no centro de uma grande praça, de onde se originou a cidade.

A Igreja Matriz de Brejo Santo tem como marco inicial o ano de 1864. Possui sequências de janelas ritmadas que remetem ao período neoclássico. O relógio que ainda hoje pode ser visto na torre da igreja foi construído por Pelúcio Correia. Com uma torre central em formato cônico, traz também influência do estilo gótico está

erguida na frente de uma grande praça, de onde se originou o núcleo urbano do povoado.

ASPECTOS CULTURAIS

Vaquejada - A maior manifestação da cultura em Brejo Santo é a tradicional vaquejada que já possui 43 anos de história. O evento cultural e de entretenimento é também uma grande oportunidade de negócios. Brejo Santo recebe visitantes de várias regiões do interior do Ceará e de Pernambuco, aquecendo a economia e fortalecendo o turismo na cidade. Quase toda a programação, no entanto, está restrita às atrações de massa, sendo a cultura popular local visivelmente menosprezada. Até mesmo a cultura do vaqueiro, com toda sua carga histórica, vem sendo gradativamente descaracterizada.



Figure 65: Vaquejada de Brejo Santo, expressão maior da cultura local.

9- PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

A arqueologia no Brasil tem se voltado cada vez mais para as comunidades e isso é desejável. No âmbito dessa pesquisa buscou-se na Arqueologia Pública, entendida como ação com o povo, a referência para o desenvolvimento das atividades do programa de educação patrimonial. A prática da Arqueologia Pública, significaria envolver a população local nos processos de interpretação arqueológica e na política

de gestão do patrimônio, uma Arqueologia mais próxima aos cidadãos e não encastelada nas torres acadêmicas, uma conquista de todos os cidadãos (GOMES E LOPES, 2012), para usarmos uma expressão de Paulo Freire, permite que tenhamos uma ciência aplicada em benefício das comunidades e segmentos sociais (FUNARI e ROBRAHN-GONZÁLEZ, 3:2006).

O Programa de Educação Patrimonial será realizado durante todas as etapas da pesquisa arqueológica. Nessa primeira etapa, “diagnóstico”, realizou-se o contato com as comunidades impactadas através de entrevistas e conversas com os moradores das comunidades atingidas (ADA), com o objetivo de interação equipe/comunidades, o que facilitará nas fases seguintes a execução dos trabalhos. As entrevistas revelaram aspectos importantes sobre o dia a dia das comunidades, suas relações com a memória, história e identidade. Em algumas entrevistas foi possível identificar pistas sobre artefatos e sítios arqueológicos existentes nas proximidades.

Das 50 entrevistas realizadas, ao explanarmos sobre o nosso trabalho e questionarmos sobre: “Você acha arqueologia importante?” Uma média de 90% acham que sim, 15% não sabem, 5% não acham a arqueologia importante. Dessa forma foi possível perceber a sensibilidade das comunidades impactadas pela obra sobre a pesquisa arqueológica, o que facilitará nossas ações futuras.

Selecionamos a seguir as entrevistas que consideramos mais relevantes para a pesquisa. Foram as seguintes:

Nº 01- Verônica Ponciano de Lima (57 anos de idade) Sítio Macapá - Reside em Jati, CE, há 24 anos.



Figure 66: Entrevista com Verônica Ponciano de Lima

“...só que eu já morei em três terreno dele, no que eu morei primeiro era uma terra de alto também, pro fundo do terreno tinha uns alto assim que tinha umas pedra bonitinha num sabe... parecia assim umas pedrinha de... como é que eu posso dizer a vocês... uma esmeraldinha pequeninha... umas pontinha, que tinha quina num sabe?, de cor, que brilhava. Fica aqui. Pronto. Quando a gente sai daqui, a primeira entrada que tem a esquerda daqui pra lá, era no primeiro sítio que eu morava. Daqui da entrada da pista lá onde eu morava, dá uma légua justinho... Sítio Baixa Funda... é linda as pedrinha. Todo mundo que ia na minha casa queria dessas pedrinha pra levar, num sabe; Tem a morada que é a casa que eu morava e tem um baixio, depois do baixio tem um alto, é lá naqueles alto lá... como eu ia dizendo a vocês, todo mundo que ia na minha casa ficava louco pra levar dessas pedrinha, todo mundo que andava na minha casa levava dessas pedrinha...”

Nº 02- José Cosme Damião –“Sr. Deca” (59 anos de idade) Reside em Jati há 35 anos. Sítio Macapá – Jati/CE



Figure 67: Entrevista com José Cosme Damião.

“...é, pra li tem a Mãe D’Água, a pedreira mesmo, que tirava muita pedra aí pra pista, num sabe. Dessa pista que foi feita... tem o rio que passa assim embaixo e ela fica mais pra cima. Praí é sítio Beleza, Mãe D’Água, Canoas, Os algodões... aí sai lá na Carnábas também se quiser ir por aí, numa vilazinha que tem.”

Nº 03- Antônio Martins dos Santos – (73 anos de idade) “Antônio de Esperança” – Sítio Beleza – Jati/CE.



Figure 68: Entrevista com Antônio Martins dos Santos

“...rapaz, aqui nesse trecho daqui eu acho que é difícil, porque ninguém nunca viu isso por aqui. Tem uma pedreira ali já exploraram muito essa pedreira, nunca encontraram nada. Aqui embaixo também lá nos Cesário também já exploraram lá e ninguém encontrou nada disso... Barro Branco é ali, depois de chegar na estrada que desce a seta aí vai direto pra lá. No Barro Branco caiu que matou um touro e uma vaca, tá com uns 4 ou 5 anos. Mas num acharam não! Nun disse que ela só sobre com 7 anos? É conversa do povo! Meu pai já achou uma. Nós ficamos com essa pedra a vida toda. Quando nós morava lá no Riacho Verde, aí na mudança que nós viemos de lá aqui pro Barro Branco, essa pedra se perdeu, ninguém sabe onde ela ficou! Rapaz ela era do jeito de um pé, só num tinha o peito mas, o calcanhar era do jeito de um pé. Agora uma pedra que cê batia uma pedra, fazia de um tudo com ela, num ficava nem risco. Parecia um pé, num sabe, um machadim, tinha o calcanhar direitinho, só não tinha os dedo. Pra frente ela era assim meia despontada, mas bem feita! E o calcanhar assim, nós pisava até tempero com ela. A pedra azul, a gente batia prego com ela, fazia tudo no mundo e ela num tinha nem marca... Aí na mudança quando nós viemos, faz muito tempo, que eu tinha o quê, eu tinha uns 9 anos, de 9 pra 10 anos. Aí na mudança quando ajeitamos as coisas ninguém sabe onde ela ficou, se ficou lá onde nós morava. Que meu pai sempre ele gostava de caçar e ele encontrava essas coisas. Lá no Barreiro do Cavalo também ele achou uma vez um cachimbo de barro que era dos cabôco e achava pedaço de panela deles com

dois dedo de grossura as panela deles. Inda hoje tem lá o Riacho da Cabocla que é onde eles vivia, né?! Depois foi explorado e... é daqui arrudiado umas 3 léguas. Embaixo chama Riacho da Cabôca e enriba na cabeceira dele chama Barreiro do Cavalo, um lambedô de gado e tinha um barreiro. Lá hoje é de uns parente meu... Havia nesse tempo havia lá, botava broca e achava lá os quebrado: panela, prato, cachimbo de barro bem feito rapaz, tudo florado, assim uns ramal de flor, tudo no barro mermo. Essas coisa faz muito tempo, eu era menino aí mermo que tivesse alguma coisa que nem tinha essa pedra, levou fim. .. aqui mermo onde eu tô falando papai falava que tinha um sítio lá que era Nego Morto. Tem uma cachoeira enriba e lá encontrava também. Aí esse nego morto, ficou o apelido de Nego Morto, eu num sei se foi os Cabôco que mataram um nego lá. Que eles começaram a matar gado. Eles tava matando muito gado aí que era de um coronel, aí ele escorraçou eles, botou a polícia e os jagunço neles aí. Andou matando uns e desterraram lá no Riacho da Cabôca. A aldeia deles era lá. Lá embaixo onde nós morava chama Riacho Verde, esse Riacho da Cobôca sai nele. Até o ôi d'água que tinha que os cabôco quando eles se viram apertado na presseguição... tinha um ôi dágua que nunca se acaba e eles entupiram. Eles fizeram uma bucha de croá musturada com a rapa de imbirapé que dava uma bucha bem e entupiram o buraco. Lá vai por o Brejo e por aqui. Por o Brejo é bom porque e estrada é asfaltada até a barragem.”

Nº 04- Otacílio Firmino (82 anos) – Sítio Balso – Jati/CE. (Mora na região desde 1957).



Figure 69: Entrevista com Otacílio Firmino.

“...Não conheço pedra de curisco, não. Acho que aqui num tem não! Porque ela cai onde tem braúna... Tem uns 5 anos que andaram por aqui procurando. Umas pedra que eu vi diferente aí, como quem é de fazer ferro. Nesse caminho que vai pra acolá. Meia preta, agora pesada. O menino juntou umas por aí, parece que foi Rodrigues, viu lá e juntou, é pequena mas um peso que eu nunca vi. Do canal pra cá. É aonde tirar terra porque pegaram um carro aí pra tirar barro. Agora pesada eu nunca vi daquele jeito! Aqui também apresenta uma pedra azul, ela é meia mole. Ela é meia enterrada e às vez apresenta uma parte enriba, mas ela não é dura não! Eu cavei um cacimbão aí mais o menino, parece que furamos 15 palmos nela. Coma punção o caba fura! É um lajeiro mole...”

Nº 05- Tereza Maria da Conceição “Dona Neuza” – Sítio Barro Branco, Jati, CE. (75 anos)



Figure 70: Tereza Maria da Conceição “Dona Neuza”.

“... às vez mermo quando nós ia pras areia nós achava umas coisa de barro dessa grossura assim que era do tempo antigo. Esse Riacho da Cabôca é assim dentro de uma grota. Quando cês chegar nos Peba fica de Joãozinho pra lá. Só que esse Riacho fica à esquerda do Açude do Atalho. Esse Riacho ele é meio valente, uma vez nos inverno bom ele cortou a margem do rio, cortou o rio quando ele descia tomou pra ele, a água do rio ficou cuma era um açude, aquela aguona morta de cabeça arriba assim, só subindo a água ele tomou de conta. Agora num é nem fundo esse riacho mas é valente pra danar...”

Nº 06- Assis Jacinto Ferreira (Sr. Pindô) – Sítio Bastos – Jati/CE. Reside há 32 anos na comunidade.



Figure 71: Entrevista com Assis Jacinto Ferreira (Sr. Pindô).

Afirma que na comunidade nunca encontrou nada, mas na comunidade vizinha conhecida por Extrema, onde ele nasceu, o povo costumava encontrar panela velha, colheres de latão que o povo dizia ser dos Flamengos. Na região havia uma serra e seu pai encontrava este material e afirmava ser dos Flamengos. Ele não sabe o que seu pai queria dizer quando afirmava ser a propriedade do material desses povos Flamengos³.

9.1. Palestras de Educação Patrimonial

As palestras de Educação patrimonial aconteceram nos seguintes Municípios: Jati, Porteiras, Abaiara, Brejo Santo, Missão Velha, Barbalha, Crato e Nova Olinda. Esta atividade atingiu diretamente um público de 600 estudantes do ensino fundamental médio das Escolas públicas das localidades.

³ “Flamengos” é uma referência popular no Cariri a presença da entrada holandesa na região.

Apresentamos a seguir uma tabela com a lista das escolas atendidas:

TABELA 1- PALESTRAS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

MUNICÍPIO	ESCOLA	Nº DE ALUNOS
JATI	Escola de E. F.M. Moisés Bento da Silva	60
PORTEIRAS	Escola Adalberto Leite Tavares	60
ABAIARA	Escola de Ensino Fundamental e Médio Belarmino Lins de Medeiros	60
BREJO SANTO	Escola de Ensino Fundamental Lourival Dantas Ribeiro	60
MISSÃO VELHA	Escola de Ensino Fundamental Dr. Stênio Dantas	60
BARBALHA	Escola Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar	60
CRATO	Colégio Municipal Pedro Felício	60
NOVA OLINDA	Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri	180



Figure 72: Palestra de Educação Patrimonial- Porteiras, CE.

9.2. Oficinas de Educação Patrimonial

As oficinas de educação patrimonial foram realizadas na sede da Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri no ARQ, Laboratório de Arqueologia, em parceria com as Secretarias de Educação dos Municípios. O público atendido foram crianças da rede pública escolar dos Municípios de Nova Olinda, Crato, Barbalha, Missão Velha, Abaiara, Brejo Santo, Porteiras e Jati.

Foram escolhidas 3 crianças de cada município participante e do Município sede participaram 20 crianças (ainda não participantes da Fundação Casa Grande). Ao todo, 41 crianças participaram das oficinas que foram realizadas em 4 módulos assim distribuídos:

TABELA 2

MUNICÍPIO	OFICINA	CARGA HORÁRIA	Nº PARTICIPANTES	DE
Nova Olinda e Crato	03/11/12	4h/a	10	
Nova Olinda, Barbalha e Missão Velha	10/11/12	4h/a	10	
Nova Olinda Abaiara e Brejo Santo	17/11/12	4h/a	10	
Nova Olinda, Porteiras e Jati	24/11/12	4h/a	11	



Figure 73: Oficina de Educação Patrimonial- Conhecendo a cerâmica indígena. Dia 17/11/ 2012.

10. PESQUISA DE CAMPO- ÁREA DIRETAMENTE AFETADA- ADA

Relacionamos na tabela abaixo todos os pontos de referência e relatamos no capítulo todos os pontos que consideramos relevantes para o estudo da área pesquisada, os pontos de ocorrência arqueológica ou sítios arqueológicos.

TABELA 3- LISTA COM AS COORDENADAS EM GPS- PONTOS PROSPECTADOS DO CAC

PONTO	X	Y	Z	DESCRIÇÃO
1	498739	9148734	480	Marco do ponto zero, no município de Jati/CE
2	498649	9148876	506	Ponto de referência
3	498695	9149154	494	Ponto de referência
4	498594	9149978	497	Ponto de referência
5	498458	9150103	489	Ponto de referência
6	498431	9150580	451	paredão rochoso escarpado
7	498060	9150749	451	paredão de aproximadamente 100m de largura e 30m de altura
8	498319	9150603	450	barragem “pedra e cal” já bastante erodida
9	498540	9150804	513	Ponto de referência
10	498578	9150949	499	Ponto de referência
11	498874	9151283	473	Verônica Ponciano de Lima (57 anos de idade) Sítio Macapá - Reside em Jati há 24 anos.
12	498009	9152926	472	Marco VBA – CAC M1A
13	498013	9152791	469	José Cosme Damião –“Sr.Deca” (59 anos de idade). Sítio Macapá – Jati/CE
14	497906	9152815	478	Ponto de referência
15	497314	9153383	469	Antônio Martins dos Santos – (73 anos de idade) “Antônio de Esperança” – Sítio Beleza – Jati/CE
16	497500	9153424	468	Sondagem de Teste de Solo – VBA
17	497443	9155024	514	Otacílio Firmino (82 anos) – Sítio Balso – Jati/CE. Foto: 98 (Mora na região desde 1957)
18	496992	9154499	508	Artefato lítico
19	497178	9154430	502	Sondagem de Teste de Solo – VBA
20	497114	9154471	516	Marco VBA SRH CAC PE NS 014
21	496882	9154556	498	Marco VBA SRH CAC PE AZ 14
22	496794	9154716	491	Marco VBA SRH CAC PE NS 016
23	496686	9154786	490	Ponto de referência
24	501068	9153858	483	Tereza Maria da Conceição “Dona Neuza” – Sítio Barro Branco (75 anos)
25	511427	9155355	443	Parede do Açude do Atalho – DNOCS
26	509960	9158432	401	Riacho da Cabocla
27	496935	9156001	489	Luís Rodrigues – Sítio Bálamo – Jati/Ce.
28	496932	9158192	480	Assis Jacinto Ferreira (Sr. Pindô) – Sítio Bastos – Jati/Ce. Reside há 32 anos na comunidade.
29	495964	9159289	495	Ponto de referência
30	496892	9160844	480	Ponto de referência
31	496859	9160823	483	Ponto de referência
32	496833	9160841	487	Sítio Lítico



33	496914	9160893	494	Sítio Lítico
34	497559	9162500	454	Seu Agenor (69 anos) - Sítio Boqueirão – Porteiras/Ce.
35	497281	9162348	448	Ponto de referência
36	497162	9162345	485	Marco VBA SRH CAC PE NS 041
37	495388	9166177	452	Marco Estaca: VBA Estaca M 005
38	495764	9165399	435	Capela de São Francisco – Sítio Moquém/Porteiras- Ce.
39	496502	9170557	482	Marco VBA SRH CAC PE NS 061
40	498218	9170162	435	Gravura rupestre
41	497763	9170565	470	Ponto de referência
42	497718	9170555	470	Pintura Rupestre
43	497799	9170511	449	Ponto de referência
44	495387	9175501	481	Marco VBA SRH CAC E36 500
45	495773	9175570	465	Ponto de referência
46	490715	9178101	940	Ponto de referência
47	495977	9179254	561	Ponto de referência
48	495681	9179618	563	Marco VBA SRH CAC PI 136
49	495258	9179862	565	Ponto de referência
50	494812	9180089	566	Ponto de referência
51	494438	9180418	563	Ponto de referência
52	494464	9180906	564	Ponto de referência
53	494318	9181365	570	Ponto de referência
54	494537	9181602	565	Ponto de referência
55	494697	9182076	570	Ponto de referência
56	494666	9182544	568	Ponto de referência
57	494233	9182626	570	Ponto de referência
58	493769	9182623	567	Ponto de referência
59	493498	9182883	575	Ponto de referência
60	493190	9183212	571	Ponto de referência
61	492894	9183668	569	Ponto de referência
62	492492	9183442	573	Marco VBA SRH CAC PE NS 92
63	495726	9175741	931	Entrevista com o Sr. João Manoel do Nascimento
64	495973	9176093	897	Entrevista com o Sr. Vicente Antônio da paz
65	495947	9176566	757	Ponto de referência
66	495681	9176904	630	Ponto de referência
67	495536	9177362	559	Ponto de referência
68	495370	9177801	430	Ponto de referência
69	495591	9178237	421	Ponto de referência
70	495963	9178545	428	Ponto de referência
71	496178	9178835	411	Ponto de referência
72	496013	9179298	408	Ponto de referência
73	495717	9179662	410	Ponto de referência
74	495294	9179906	407	Ponto de referência
75	494848	9180133	407	Ponto de referência
76	490977	9183952	486	Marco VBA SRH CAC PE NS 108
77	490985	9183776	481	Ponto de referência
78	491014	9183680	487	Marco VBA SRH CAC PE NS 107
79	491079	9183542	486	Marco VBA SRH CAC PE AZ 107



80	491318	9183649	482	Marco VBA SRH CAC PE NS 108
81	491362	9183702	399	Encontrado um pedaço de minério de ferro.
82	491738	9183894	481	Marco VBA SRH CAC PE NS 105
83	491744	9183898	480	Artefato lítico mão de pilão
84	491826	9183932	479	Marco VBA SRH CAC PE AZ 105
85	492011	9184023	490	Marco VBA SRH CAC PE NS 104
86	492408	9183753	495	Marco VBA SRH CAC PE AZ 103
87	492801	9193364	412	Ponto de referência
88	496229	9183655	488	Ponto de referência
89	496229	9193364	488	Ponto de referência
90	487129	9183275	427	Ponto de referência
91	487129	9183274	427	Marco VBA SRH CAC PE NS 126
92	487449	9183095	430	Ponto de referência
93	487921	9183325	498	Marco VBA SRH CAC PE NS 25,5
94	488199	9183503	480	Ponto de referência
95	476891	9184968	474	Marco VBA CAC SRH PE NS 148
96	477283	9185177	451	Marco VBA CAC SRH PE NS 148
97	477617	9185006	477	Ponto de referência
98	477679	9184796	464	Ponto de referência
99	478272	9184901	477	Marco VBA CAC SRH PE NS 144
100	478843	9184810	495	Marco VBA CAC SRH PE NS 143
101	479239	9184850	473	Marco VBA CAC SRH PE NS 142
102	479667	9184950	492	Ponto de referência
103	479897	9184835	482	Ponto de referência
104	480312	9185066	469	Ponto de referência
105	480416	9185179	486	Ponto de referência
106	480865	9185423	469	Marco VBA CAC SRH PE NS 138
107	480601	9185798	470	Marco VBA CAC SRH PE NS 137
108	481344	9186010	457	Marco VBA CAC SRH PE AZ 135
109	482006	9186090	455	Ponto de referência
110	481675	9186077	458	Ponto de referência
111	473068	9185810	493	Ponto de referência
112	473303	9185902	481	Marco VBA CAC SRH PE NS 157
113	473686	9186024	471	Marco VBA CAC SRH PE NS 156
114	473890	9185883	478	Ponto de referência
115	475752	9185052	478	Ponto de referência
116	475606	9185040	481	Marco VBA CAC SRH PE NS 151
117	475541	9185013	479	Fragmento de cerâmica
118	475270	9184903	492	Ponto de referência
119	475021	9184854	476	Vestígio de cerâmica 09/11 foto 7 e 8
120	474906	9184895	470	Marco VBA CAC SRH PE NS 152
121	474622	9185041	478	Marco VBA CAC SRH PE AZ 153
122	474497	9185421	449	Marco VBA CAC SRH PE NS 154
123	474287	9185684	483	Marco VBA CAC SRH PE NS 155
124	475467	9184575	485	Entrevista com morador
125	475869	9184690	514	Ponto de referência
126	475934	9184705	508	Ponto de referência
127	476179	9184757	475	Ponto de referência
128	476270	9184783	493	Ponto de referência



129	476338	9185069	491	Ponto de referência
130	476254	9185093	459	Ponto de referência
131	475864	9185054	499	Marco VBA CAC SRH PE NS 150
132	472831	9185772	507	Marco VBA CAC SRH PE NS 158
133	472580	9185774	507	Ponto de referência
134	472412	9185781	498	Marco VBA CAC SRH PE NS 159
135	471940	9185859	479	Marco VBA CAC SRH PE NS 160
136	471651	9185964	506	Marco VBA CAC SRH PE NS 161
137	471127	9186074	489	Marco VBA CAC SRH PE NS 162
138	471029	9186162	457	Ponto de referência
139	470810	9186424	504	Marco VBA CAC SRH PE NS 163
140	470841	9186721	494	Ponto de referência
141	470030	9186812	501	Ponto de referência
142	470030	9186818	502	Ponto de referência
143	470098	9187139	476	Ponto de referência
144	469891	9187648	474	Marco VBA CAC SRH PE NS 167
145	469781	9187299	500	Marco VBA CAC SRH PE NS 168
146	469370	9187760	489	Ponto de referência
147	469285	9188003	504	Ponto de referência
148	468960	9188414	492	Ponto de referência
149	468084	9188425	498	Marco VBA CAC SRH PE NS 171
150	468636	9188634	465	Ponto de referência
151	468084	9188634	465	Marco VBA CAC SRH PE AZ 173
152	467790	9189149	465	Ponto de referência
153	467632	9189295	484	Marco VBA CAC SRH PE NS 174
154	467209	9189278	477	Marco VBA CAC SRH PE AZ 175
155	467179	9189258	483	Ponto de referência
156	466728	9189212	495	Ponto de referência
157	465923	9188899	480	Marco VBA CAC SRH PE NS 177
158	466043	9189029	484	Ponto de referência
159	466334	9188956	483	Marco VBA CAC SRH PE NS 178
160	465497	9189709	489	Lítico encontrado
161	465318	9189260	455	Marco VBA CAC SRH PE NS 180
162	465004	9189905	477	Marco VBA CAC SRH PE NS 181
163	464280	9189642	490	Ponto de referência
164	464594	9189484	507	Ponto de referência
165	463797	9189346	500	Ponto de referência
166	463763	9189364	500	Fragmento de cerâmica
167	463692	9189268	480	Fragmentos de porcelana
168	463677	9189115	499	Fragmento de cerâmica
169	463506	9188853	480	Ponto de referência
170	463522	9188746	476	Ponto de referência
171	463449	9188664	477	Lítico encontrado
172	463036	9188707	476	Marco VBA CAC SRH PE NS 187
173	462738	9188543	468	Ponto de referência
174	462638	9189063	457	Ponto de referência
175	462469	9189205	478	Ponto de referência
176	462392	9189301	486	Marco VBA CAC SRH PE NS 191
177	461585	9189621	477	Ponto de referência



178	461149	9189910	473	Ponto de referência
179	461111	9190004	474	Ponto de referência
180	460882	9190176	446	Ponto de referência
181	460533	9190358	459	Sr. José Luís da Silva – sítio taquari/Barbalha
182	459782	9190611	475	Ponto de referência
183	458916	9190997	521	Ponto de referência
184	458565	9191279	549	Ponto de referência
185	458805	9191913	507	Ponto de referência
186	459070	9192122	494	Sr. Luís Barbosa – sítio Araticum/Barbalha
187	459168	9192054	487	Marco VBA CAC SRH PE NS 207
188	459667	9193265	462	Ponto de referência
189	458946	9193781	464	Sr. José Tavares Bezerra - sítio barreira/crato
190	458396	9194625	468	Ponto de referência
191	457660	9195242	465	Capela Sagrado Coração de Jesus – Baixio das palmeiras/Crato
192	457435	9195397	463	Posto de saúde – Baixio das palmeiras/Crato
193	457591	9196072	505	Ponto de referência
194	457890	9196382	474	Ponto de referência
195	458031	9196378	481	Escola no baixio do muquém - Crato
196	458039	9196493	474	Capela e posto de saúde no baixio do muquém - Crato
197	458039	9196492	476	Ponto de referência
198	457676	9196750	472	Ponto de referência
199	457806	9196907	461	Ponto de referência
200	457796	9197484	462	Ponto de referência
201	457964	9198635	485	Ponto de referência
202	457799	9199196	483	Ponto de referência
203	457681	9199963	485	Ponto de referência
204	457353	9200787	429	Ponto de referência
205	457400	9200893	421	Marco VBA CAC SRH PE NS 228 (PRÓXIMO AO SEMINÁRIO BATISTA)
206	457253	9201708	405	Ponto de referência
206	456031	9202280	416	Ponto de referência
208	456225	9202730	412	Ponto de referência
209	456624	9202966	416	Sítio lítico/ Cerâmico
210	456614	9202961	416	Sítio lítico/ Cerâmico
211	456664	9203011	419	Sítio lítico/ Cerâmico
212	456553	9203105	425	Sítio lítico/ Cerâmico
213	456602	9203747	443	Ponto de referência
214	456077	9204341	432	Marco VBA CAC SRH PE NS 236
215	455602	9205224	439	Ponto de referência
216	455159	9205730	452	Ponto de referência
217	454458	9206469	482	Ponto de referência
218	454666	9206937	501	Ponto de referência
219	454130	9207382	467	Ponto de referência
220	454050	9207927	465	Ponto de referência
221	454243	9208571	461	Ponto de referência
222	454197	9209485	477	Ponto de referência
223	453313	9209627	463	Ponto de referência



224	453047	9209875	463	Ponto de referência
225	453306	9210321	438	Ponto de referência
226	453097	9211260	473	Ponto de referência
227	453058	9211835	472	Ponto de referência
228	452736	9212010	478	Ponto de referência
229	452720	9212021	476	Marco VBA CAC SRH PE NS 258
230	452474	9212444	475	Ponto de referência
231	452418	9212418	474	Ponto de referência
232	452358	9212392	471	Ponto de referência
233	452350	9212392	471	Ponto de referência
234	452354	9212391	471	Ponto de referência
235	452348	9212390	472	Ponto de referência
236	452343	9212387	473	Ponto de referência
237	452298	9212373	475	Ponto de referência
238	452257	9212368	475	Ponto de referência
239	451690	9212369	473	Ponto de referência
240	451783	9212374	477	Marco VBA CAC SRH PE NS 260
241	452188	9212106	470	Ponto de referência
242	452253	9212039	462	Marco VBA CAC SRH PE NS 268
243	451028	9211696	451	Ponto de referência
244	450386	9211319	463	Ponto de referência
245	450278	9211037	460	Marco VBA CAC SRH PE NS 265
246	449660	9210384	445	Ponto de referência
247	448195	9210043	503	Ponto de referência
248	448632	9210554	478	Marco VBA CAC SRH PE AZ 270
249	447037	9212099	473	Marco VBA CAC SRH PE NS 275
250	443474	9212384	469	Ponto de referência
251	443364	9212729	472	Marco VBA CAC SRH PE NS 284
252	443231	9213126	476	Ponto de referência
253	443170	9213138	475	Ponto de referência
254	442330	9212971	468	Ponto de referência
255	442197	9212851	461	Marco VBA CAC SRH PE NS 287
256	441834	9212713	464	Ponto de referência
257	441788	9212729	463	Ponto de referência
258	441783	9212729	462	Ponto de referência
259	441785	9212731	462	Ponto de referência
260	441782	9212731	462	Ponto de referência
261	441781	9212731	462	Ponto de referência
262	441774	9212733	461	Ponto de referência
263	441772	9212734	461	Ponto de referência
264	441770	9212734	461	Ponto de referência
265	441648	9212766	469	Marco VBA CAC SRH PE AZ 288
266	442236	9212598	472	Capela de São Francisco – Monte Alverne/Crato
267	433655	9216379	411	Ponto de referência
268	434264	9215708	490	Ponto de referência
269	435031	9215134	481	Ponto de referência
270	434532	9215187	479	Ponto de referência
271	435932	9215100	489	Ponto de referência
272	436853	9214517	542	Ponto de referência



273	438319	9214611	495	Ponto de referência
274	438548	9214725	513	Ponto de referência
275	439464	9215465	458	Ponto de referência
276	439631	9215171	497	Ponto de referência
277	440629	9214919	478	Marco VBA CAC SRH PE NS 285
278	440131	9214634	478	Marco VBA CAC SRH PE NS 294
279	441570	9214426	470	Ponto de referência
280	456844	9203599	418	Ponto de referência

As prospecções iniciaram-se no Marco do CAC (Ponto Zero), no município de Jati/CE (Ponto 01 da arqueologia), à esquerda da BR-116, sentido CE/PE; o trecho total percorrido foi de 150 km.



Figure 74: Ponto zero da topografia. Ponto 01 (Arqueologia).



Figure 75: Início dos trabalhos prospectivos a partir do Ponto Zero. (Ponto 01- Arqueologia).

A região compreende uma depressão de morros e grotas acentuadas, de superfície recoberta por piçarras e filitos de cor azul-acinzentada e brilho sedoso. A paisagem é constituída por xerófitas de pequeno porte sofridas pela constante ação das brocas. Atravessando a BR-116, à direita, sentido Jati/Brejo Santo no Ponto 05, morro abaixo, avista-se um paredão rochoso escarpado distante uns 300 metros da linha do canal (Ponto 06), seguindo à margem do Riacho do Piau.



Figure 76: Paisagem da área. Município de Jati, CE.



Figure 77: Paredão Rochoso. Ponto 06.

Percorrendo a ribanceira do riacho Piau, a equipe caminhou por cima das rochas sulcadas pela ação das águas até uma barragem de “pedra e cal” já bastante erodida (Ponto 08) e acompanhando as gravações e pichações espalhadas até a frente do paredão. Esse paredão de aproximadamente 100m de largura e 30m de altura, pela beleza e imponência, é a atração daquele riacho intermitente, ora mais estreito ou mais largo de acordo com a depressão da grotta (Ponto 07).



Figure 78: Ponto 08.



Figure 79: Ponto 07.

Neste percurso foram realizadas algumas entrevistas de Educação Patrimonial (entrevistas já transcritas no capítulo 9) com moradores das comunidades afetadas, que revelaram algumas informações importantes de vestígios arqueológicos existentes na área.

No Ponto 16, registramos uma sondagem topográfica realizada pela VBA para estudo de solo.



Figure 80: Sondagem para estudo de solo realizada pela VBA. Solo arenoso com granulometria de cascalhos grosseiros e coloração marrom. Sítio Beleza. Jati, Ce.

No Ponto 18 foi registrado e coletado a primeira ocorrência arqueológica do percurso, um artefato lítico (núcleo de arenito silicificado), encontrado entre muitos seixos. Foto: 106 – Sítio Balso – Jati/CE.



Figure 81: Ponto 18- Ocorrência arqueológica. Núcleo de arenito silicificado médio.

No Ponto 19- foi registrado a Sondagem de Teste de Solo da VBA com 70cm de profundidade – Sítio Balso, Jati/CE.



Figure 82: Sondagem para estudo de solo realizada pela VBA. Solo arenoso com granulometria de cascalhos grosseiros de coloração marrom. Sítio Balso, Jati, CE.

Ponto 26- Riacho da Cabocla. Jati, CE.

O Riacho da Cabocla é um afluente do Riacho Verde, ora eles se encontram e se separam pela depressão. Foi prospectado a localidade descrita por Dona Neuza (entrevista Nº: 05) como “Areias”. Este trecho é completamente rodeado por montanhas, à depressão de um vale mais aberto que, à esquerda de um de seus braços avista-se um paredão rochoso. O riacho está localizado à esquerda do vale do Açude do Atalho, tendo sua cabeceira no Sítio Barro Branco, há aproximadamente 12km pela estrada de terra. O lugar deverá ser alvo à futuras prospecções arqueológicas que compreendam toda a sua extensão. Embora não tenhamos encontrado nenhum vestígio arqueológico, pelo o que sugere o topônimo e também os relatos das entrevistas, o local deverá ser alvo de prospecções intensivas na Etapa 2.



Figure 83: Prospecção no Riacho da Cabocla. Ponto 26. Jati, CE.

No Ponto 29 o eixo do canal passará paralelo a Transnordestina sentido Jati/Porteiras/Brejo Santo e a BR116. Seguindo o horizonte observa-se um imenso baixio onde se localizam famílias que já foram afetadas com as obras da Transnordestina e novamente, agora com o canal.



Figure 84: Ferrovia Transnordestina, Jati,Ce. Ponto 29.

Ponto 32 e 33 - Sítio Lítico

Entre o Baixio dos Bastiões e o Boqueirão na margem esquerda da BR116, ao lado da Transnordestina e no eixo do Cinturão das Águas foi registrado uma ocorrência lítica (batedor), Ponto 32. O material foi fotografado e coletado. Próximo ao ponto anterior (Ponto 33) encontramos um outro artefato que em função da proximidade do anterior, identificamos como um possível Sítio Lítico para posteriores pesquisas na Etapa 2.



Figure 85: Batedor de sílex com marcas de uso antrópico. Ponto 32.



Figure 86: Batedor (2) de sílex com marcas de uso antrópico. Ponto 33.

Ponto 37- Sítio Moquém, Porteiras/CE. (Próximo à CE que liga Porteiras à BR116).
Nesta comunidade serão atingidas diretamente 16 residências.



Figure 87: Entrevista na Comunidade do Sítio Moquém. Porteiras, CE. Ponto 37

Ponto: 39 – Estaca de referência: VBA SRH CAC PE NS 061 –

Comunidade do Baixo dos Bois – Brejo Santo/CE. No percurso até esta comunidade foi visualizado um paredão localizado próximo a uma baixada de riacho, conhecida como Serra da Cacimbinha. Foi realizado um trajeto percorrendo a base da Serra da Cacimbinha em virtude de sua proximidade com o CAC, precisamente 1.700m. Neste percurso foi identificado numa cota de 470m de altitude uma gravura cupuliforme única, (Ponto: 40). Localizado à esquerda da gravura, aproximadamente 10 a 15 metros encontra-se uma furna (Ponto 41) e dentro dela uma mancha de pigmento vermelho com forma não identifica devido aos processos de erosão da rocha (Ponto 42).

É possível observar ainda deste ponto olhando para o horizonte, sentido norte/sul toda a Cidade de Brejo Santo. Na descida da Pedra da Cacimbinha, foi encontrado uma lasca, que foi fotografada e coletada. Ponto 43.



Figure 88 : Paredão do Sítio Cacimbinha



Figure 89: Abrigo rochoso do Sítio Cacimbinha



Figure 90: Gravura cupuliforme.



Figure 91: Vestígio de pigmento ocre.



Figure 92: Lasca de arenito silicificado. Sítio Cacimbinha.

Ponto: 44 - Estaca Auxiliar VBA SRH CAC E36 500 – Sondagem de Solo de da VBA com aproximadamente 1m de profundidade com dimensões de 80x1,20m. Localizada num ponto onde é possível ver a Comunidade de São Felipe ao sopé da Chapada do Araripe. Seguindo pela estrada que liga Brejo Santo à Comunidade de São Felipe acompanhando a Chapada do Araripe, chega-se às Comunidades Aleixo, Terra Dura e Pontal da Serra, de onde pode-se enxergar todo o Vale que divide estas comunidades com a comunidade de Jamararu que chega até o Riacho Seco por onde vai passar o CAC. Ponto: 46.



Figure 94: Sondagem de Solo de da VBA.

Sedimento arenoso amarelo.

Granulometria média.



Figure 93: Foto Panorâmica da Comunidade São Felipe- Missão Velha, CE. Ponto 46.

Ponto 45: No percurso do trecho do Canal do Município de Abaiara, as atividades iniciaram na altura do KM 45000, no sítio Escondido. No Marco VBA SRH CAC PI 136, encerrando no Marco VBA SRH CAC PE NS 92. Esse trecho é uma área de baixio que serve de pastagem com serras ao redor e cortada pelo Riacho do Pau branco, dentro desse trecho é visível a presença maciça da intervenção humana em atividades agrícolas e pecuária dificultando muito a constatação de vestígios arqueológicos.



Figure 95: Marco VBA SRH CAC PI 136.



Figure 96: Marco VBA SRH CAC PE NS 92.

Ponto 83: Próximo ao Marco VBA SRH CAC PE NS 105, foi encontrado um artefato fragmentado ao meio (mão de pilão) de material granítico, registrado e coletado.



Figure 97: Mão de pilão encontrada disposta em superfície. Ponto 83.

Ponto 87: No sítio Coité/ Município de Missão Velha, no Marco VBA SRH CAC PE NS 110, numa localidade com a presença da poucos moradores, a conversa foi com a Senhora Luciana landim Aquino que em seu relato contou que chegou a ver uma “pedra” parecida com uma machadinha indígena quando era criança, ela via os trabalhadores da roça achar as pedras, mais que devido ao tempo e a falta de interesse não registrou em sua memoria o local exato desses achados.



Figure 98: Sítio Coité. Missão Velha, CE.



Figure 99: Ponto 47. Sítio Coité.

Dando continuidade o trabalho foi realizado o percurso do canal pelo sítio Coité/Missão Velha no Marco VBA SRH CAC PE NS 126 indo até o sítio barreira / Missão velha sem muitas novidades na ocorrência arqueológica (Ponto 91).

Ponto 95: No sítio barreiras/Missão velha, Marco VBA SRH CAC PE NS 148.



Figure 100: Ponto 57. Sítio Barreiras.

Ponto 117. Sítio Barreiras/Município de Missão Velha, marco VBA SRH CAC PE NS 151. Fragmentos de cerâmica e faiança em uma área que apresenta características de uma antiga moradia. Foi realizado a coleta e o registro do material.



Figure 101: apêndice cerâmico.



Figure 102: Fragmentos de bojo de cerâmica e faiança branca.

Ponto 132: Sítio Roncador/Município de Barbalha, no Marco VBA SRH CAC PE NS 158. Vegetação muito densa com um relevo muito irregular com a presença de muitas grotas.



Figure 103: Sítio Roncador. Ponto 132.

Ponto 154- Município de Barbalha no Marco VBA SRH CAC PE AZ 175, nas proximidade da fábrica de cimento Itapuí Barbalhense S. A., (Ponto 159), foi encontrado um artefato lítico de arenito silicificado.



Figure 104: Fábrica de Cimento Itapuí.



Figure 105: Ponto 66- Artefato Lítico.

Ponto 165, 166, 167: Município de Barbalha. Fragmentos cerâmicos e de porcelana dispersos. Estendendo a caminhada um pouco fora do eixo encontramos outro seixo no Ponto 160.



Figure 106: Fragmentos cerâmicos.



Figure 107: Fragmentos de faiança branca.



Figure 108: Fragmentos cerâmicos.



Figure 109: Artefato Lítico de arenito silicificado.

Ponto 181- Sítio taquari/Barbalha , foi realizada entrevista com o Sr. José Luís da Silva, no sítio Araticum/Barbalha e com o Sr. Luís Barbosa, 80 anos, que mora no local desde 1954, e com seu sobrinho Vilenício José de Souza.



Figure 110: Sr. José Luís da Silva



Figure 111: Sr. Luís Barbosa e Vilenício José de Souza

Ponto 189- Sítio Baixio dos Barreiros/Crato, foi realizada entrevista com o Sr. José Tavares Bezerra de 83 anos e mora no mesmo local desde 1950.



Figure 112: Prospecção- Baixio dos Barreiros.



Figure 113: Sr. José Tavares Bezerra

Ponto 191 – Sítio Baixio das Palmeiras, Crato, CE.



Figure 114: Capela do Coração de Jesus. Sítio Baixio das Palmeiras, Crato, CE.

Ponto 195- Baixio do Muquém, Crato, CE.



Figure 115: Centro de Saúde do Sítio Baixio do Muquém, Crato, CE.

Pontos 209 a 212- a Vila São Bento e o Sítio Lagoa Encantada (Crato, CE), são partes contínuas de uma mesma área arqueológica onde afloram em superfície e também em profundidade artefatos líticos e cerâmicos de grupos ceramistas pré- históricos. Provavelmente a área foi habitada por indígenas até o contato, pois trata-se de um prolongamento de um grande vale fluvial do Rio Batateira que tem sua origem geomorfológica em suas nascentes, ao sopé da Serra do Araripe, passando o rio (que depois foi desviado em seu percurso), em épocas pretéritas pelo local aonde foi instituído o aldeamento da Missão do Miranda (Sé Catedral de Nossa Senhora da Penha) e se espraiando ao Leste da Chapada do Araripe ao encontro do vale do Rio Salgado. Trata-se de uma área Arqueológica já bastante impactada pela crescente urbanização, comercialização e extração de areia para a construção civil. Parte dessa

área já foi escavada em 2008 (LIMAVERDE, 2008)⁴ e resgatado grande quantidade de material cerâmico e lítico. Devido a novos achados na área, uma nova campanha arqueológica está em curso a partir de Dezembro (2012)⁵, mas os resultados ainda não foram publicados. Ao longo do percurso do CAC que compreende o Sítio São Bento e Lagoa Encantada, foram registradas novas ocorrências arqueológicas, uma vez que o CAC vai impactar consideravelmente parte do Sítio.



Figure 116: Sítio São Bento, prospecção arqueológica área de percurso do CAC onde aflora material arqueológico.



Figure 117: Fragmentos de bojo e borda de cerâmica. Figure 118: Fragmentos de borda de cerâmica

⁴ Projeto de Estudo, Levantamento e Resgate Arqueológico do Sítio São Bento. Processo IPHAN nº 01496.000112/2007-83.

⁵ LIMAVERDE, Rosiane. Programa de Resgate Arqueológico e Educação Patrimonial do Sítio Lagoa Encantada, Crato, Ce. Processo IPHAN nº. 01496.001075/2012-98.

Ponto 229- (Entre os marcos VBA CAC SRH PE NS 236 e VBA CAC SRH PE NS 258) - O percurso entre o km 118 e o Km 121 é composto de uma área com pequenos riachos. Entre o km 119 e 121 do lado direito do canal sentido Crato/ Nova Olinda localiza-se a Vila São Francisco e a Vila Já, seguindo o trecho do km 122 ao km 124 percorre-se por cima de muitos morros até as proximidades do distrito de Ponta da Serra, (Crato, CE).



Figure 119: Paisagem entre os Km 119/121



Figure 120: Paisagem entre os Km 119/121



Figure 121: Distrito de Monte Alverne. Ponto 266.

Ponto 266- Distrito de Monte Alverne. Crato, Ce.

Ponto 277- Região entre serras. Vila Nova, Crato, CE.(Marco VBA CAC SRH PE NS 285). Nova Olinda, CE.



Figure 122: Ponto 183.



Figure 123: Ponto 184.

Ponto 278- Sítio Poço, Nova Olinda, CE. (Marco VBA CAC SRH PE NS 294).

Ponto 280- Ponto final da prospecção.

11- RESULTADOS

11.1. Ocorrências e sítios arqueológicos identificados.

TABELA 4

PONTO	X	Y	Z	MUNICÍPIO	DESCRIÇÃO
18	496992	9154499	508	JATI	Artefato lítico
32	496833	9160841	487	JATI	Sítio Lítico
33	496914	9160893	494	JATI	Sítio Lítico
40	498218	9170162	435	BREJO SANTO	Gravura rupestre
42	497799	9170511	449	BREJO SANTO	Pintura rupestre
83	497744	9183898	480	BREJO SANTO	Artefato lítico mão de pilão
117	475541	9185013	479	MISSÃO VELHA	Fragmento de cerâmica
166	463763	9189364	500	MISSÃO VELHA	Fragmento de cerâmica
167	463692	9189268	480	BARBALHA	Fragmentos de porcelana
168	463677	9189115	499	BARBALHA	Fragmento de cerâmica
209	456624	9202966	416	CRATO	Sítio lítico/ Cerâmico Lagoa Encantada.
210	456614	9202961	416	CRATO	Sítio lítico/ Cerâmico Lagoa Encantada.



211	456664	9203011	419	CRATO	Sítio lítico/ Cerâmico Lagoa Encantada.
212	456553	9203105	425	CRATO	Sítio lítico/ Cerâmico Lagoa Encantada.

11.2. Recomendações.

No eixo do Canal (área diretamente afetada) e também nas suas proximidades (área de impacto direto) foram identificados 14 ocorrências arqueológicas que devem ser alvo de prospecções intensivas na Etapa 2 da pesquisa para obtenção da licença de instalação do empreendimento. Destas 14 ocorrências relacionadas (pág. 140), foram identificados dois sítios arqueológicos:

1 Sítio Lítico em Jati, CE. Pontos 32 e 33. Dispersão dos vestígios: 100m.

1 Sítio Lítico/ Cerâmico (Sítio Lagoa Encantada). Pontos 209, 210, 211 e 212. Dispersão dos Vestígios: 200m.

Além dessas áreas prioritárias identificadas, todo o eixo deve ser prospectado através de sondagens nos seus 150 km de extensão, no intervalo de 1km em 1km.

O Programa de Educação Patrimonial deverá ter continuidade com atividades para públicos de todas as idades, da zona urbana e rural dos municípios atingidos pelo empreendimento.

12- BIBLIOGRAFIA

AB'SABER, Azis Nacib (1991). Problemas das migrações pré-históricas na América Latina. Clio-série arqueológica n. 4, extraordinário. Anais do I simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro (Recife, 1987), UFPE, p. 11-14.

ASHMORE, W. e KNAPP, Bernard A. (eds.). Archaeology off landscape: contemporary perspectives. Oxford, Editora Blackwell, 1999.

ASTON, M. Interpreting the Landscape. Landscape Archaeology in Local Studies. Londres: B. T. Batsford, 1989.

BARBOSA, A. M. A Imagem no Ensino da Arte. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. A terra da Mãe de Deus: um estudo do movimento religioso de Juazeiro do Norte. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. A derradeira gesta: Lampião e Nazarenos guerreando no sertão. Rio de Janeiro: Mauad, FAPERJ, 2000.

BASTOS, R. Lopes. O papel da arqueologia na inclusão social. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 33 – Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. Brasília: IPHAN, p. 289 – 303, 2007.

BINFORD, Lewis R. En busca del pasado. 3ª ed. Barcelona: Crítica, 1994, il.

BINFORD, Lewis R. & SABLOFF, J. A. Paradigms, Systematics and Archaeology. Journal of Anthropological Research, 38:137 – 153, 1982.

BROCHIER, L.L. Abordagens geoarqueológicas em faixas de depleção: perspectivas metodológicas e controles informacionais. (Comunicação). Anais do I Congresso

Internacional da SAB, XIV Congresso da SAB, III Encontro do IPHAN e Arqueólogos. Florianópolis: UFSC, SAB, 2007.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. 2002. A Museologia como uma Pedagogia para o Patrimônio. Ciências & Letras - Revista da Faculdade Porto Alegre. Porto Alegre: FPA, v. 31, p. 87-97.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Breve história política do Juazeiro: do processo de autonomia municipal ao protagonismo regional-nacional a partir de 1914. In: Padre Cícero Romão Batista e os fatos do Joazeiro: autonomia político administrativa. Luitgarde Oliveira Cavalcante Barros, organizadora. Fortaleza: Editora SENAC, 2012.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org.) História dos índios no Brasil. São Paulo, Ed. Cia das Letras, 1992.

CHOAY, F. A alegoria do patrimônio. São Paulo: UNESP, 2001.

CORTEZ, Antônia Otonite de. A construção da cidade da cultura (1889-1960). Rio de Janeiro, 2000. (Dissertação do Mestrado em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro)

COSTA, Fábio José Rodrigues da. Ensino da arte e proposta triangular: do pós-Moderno ao pós-Modernismo. Disponível em [www.revista.art.br/site-numero-04/trabalhos/13] Revista Digital Art.& - ISSN 1806-2962 - Ano II - Número 02. Acessado a 05/11/2007.

DINCAUZE, D. F. Environmental Archaeology. Principles and Practice. Cambridge: University Press, 2000.

FERREIRA, Josier. Projeto de trabalho da disciplina História do Cariri, 2002.

FILHO, Waldemar Arraes de Farias. Crato: evolução urbana e arquitetura (1740-1960). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.

FIGUEIREDO FILHO, José. (1964). História do Cariri. Crato. Faculdade de Filosofia.

FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos. 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra. Patrimônio Histórico e Cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo. Arqueologia. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, il.

FUNARI, Pedro Paulo A; ROBRAHN GONZÁLEZ, Erika. Editorial, Revista de Arqueologia Pública Nº 01, UNICAMP, 2006.

GIRÃO, Raimundo. (1987). O Ceará Pré-Histórico. Revista do Instituto do Ceará. Tomo especial 8:9-30.

GOMES, Antonio Gomes de. (1971). A cidade de Frei Carlos. Faculdade de Filosofia. Crato

GOMES, Raimundo Ney da Cruz; LOPES, Rhuan Carlos dos Santos. Cacareco de Índio e artefato arqueológico: conversas entre arqueólogos e a Família Souza no Sítio Cedro, Santarém – Pará 2012. Revista de Arqueologia Pública Nº 4. UNICAMP, 2011.

HODDER, Ian & ORTON, Clive. Spatial Analysis in Archaeology. Cambridge: Cambridge: University Press, 1986.

HORTA, Maria de Lourdes P.; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

LIMAVERDE, Rosiane. Os Registros rupestres da Chapada do Araripe, Ceará, Brasil. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Arqueologia e Preservação do Patrimônio. Recife, UFPE, 2006.

LIMAVERDE, Rosiane. ESTUDO, LEVANTAMENTO E RESGATE ARQUEOLÓGICO DO SÍTIO SÃO BENTO, CRATO – CEARÁ. Relatório Final apresentado ao IPHAN. Nova Olinda, 2008.

LIMAVERDE, Rosiane. DIAGNÓSTICO ARQUEOLÓGICO EM ÁREA DESTINADA A EXTRAÇÃO DE CALCÁRIO PELA EMPRESA ITAPUÍ BARBALHENSE INDÚSTRIA DE CIMENTOS S.A. RELATÓRIO FINAL . Nova Olinda, 2009.

LIMAVERDE, Rosiane. CARIRI, ARQUEOLOGIA E PAISAGEM. Anais do XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Belém, 2009.

MARTIN, Gabriela. Pré-história do Nordeste do Brasil. 4ª ed. Recife, Editora Universitária, UFPE, 2005.

MATURANA, Humberto R. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MEDEIROS, José Gomes. A origem de Brejo Santo. Fortaleza: Gráfica Editel, 2000.

MEDEIROS, Ricardo Pinto de. Povos Indígenas do Sertão Nordestino no Período Colonial: Descobrimientos, Alianças, Resistências e Encobrimentos. Fundamentos II. São Raimundo Nonato (PI): FUMDHAM, 2002.

MELO, José Marques de e JACONI, Sônia Maria Ribeiro (orgs.). Luitgarde: uma voz dos silenciados. São Paulo, INTERCOM, 2011.

MORAES, Antônio Carlos Robert. Ideologias geográficas. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

MORAIS, J. L de. Tópicos de Arqueologia da Paisagem. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: MAE/USP, 10:3-30, 2000.

NEVES, Napoleão Tavares. Barbalha Sesquicentenária. 1996.

NÓBREGA, Fernando Maia da. De Brejo da Barbosa à Brejo Santo: breve sinopse do município. Crato: Tipografia e Papelaria do Cariri, 1981.

MORAIS, J. L de. O Direito Ambiental e a Arqueologia de Impacto. In: H. A. Mourão; A. Ch. Vaz (org). Direito Ambiental: Enfoques variados. São Paulo: Lemos & Cruz Editora, p. 357 – 386, 2004.

OLIVEIRA, José Carlos Loures de. Ecologia e Arqueologia da Paisagem: um estudo de sítios pré-coloniais na Zona da Mata mineira. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora (MG): UFJF, 2007; Resumo in: Revista de Arqueologia, 20: 177 – 178, 2007.

PEIXOTO, Marcos e PALHANO, Mariana. Análises municipais: Cariri 2001.

PROUS, A. Arqueologia brasileira. Brasília: UnB, 1992, il.

QUEIROZ, Maria I. P. de. O Messianismo no Brasil e no Mundo. São Paulo: Alfa Omega, 1976.

QUEIROZ, Moema Nascimento. A educação patrimonial como instrumento de cidadania. Disponível em [www.revistamuseu.gov.br] Acessado a 7/11/2007.

RENFREW, A. C.; ROWLANDS, M. J.; SEGRAVES, B. A. (ed.). Theory and Explanation in Archaeology. Nova York: Academic Press, 1982.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul.. Arqueología. Teorías, métodos y práctica. 2ª ed. Madri: Akal, 1993.

RUBIN, Júlio César, ROSICLER, T. Da Silva. GEOAQUEOLOGIA, TEORIA E PRÁTICA. Editora UCG, 2008.

SANTOS. Cícero Joaquim dos. Passado alumiado: representações históricas de Porteiras. Fortaleza: IMOPEC, 2011.

SILVA, Antonio Carlos; LANÇA, Maria João. Alqueva: 4 anos de investigação arqueológica para a cultura e o desenvolvimento. 3º Colóquio de Arqueologia. Évora: Universidade de Évora: EDIA, DAP, 2001.

SILVA, J. Coelho. Memória e patrimônio arqueológico. Comunicação. Anais do V Congresso Regional do Nordeste e XXI Cong. Nacional de História (História e Memória) - ANPUH, Recife, UFPE, 2004.

SILVA, J. Coelho. Oficinas líticas em Zona de Cocal no Maranhão, Brasil. Clio Arqueológica, v. 2, nº 21. Recife: UFPE, p 155-180, 2006 (ISSN 0102 – 6003).

SILVA, J. Coelho; ROCHA, Alessandra S. Arqueologia, patrimônio e ambiente cultural. Alguns aspectos legais. Clio Arqueológica, n. 17. (Digital). Recife: UFPE, p. 6-16, 2004.

SIQUEIRA, Baptista. Os Cariris do Nordeste. Editora Cátedra, 1978.

SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. & SOUZA, Marcos André Torres de. O registro arqueológico dos grupos escravos. Questões de visibilidade e preservação. In:

Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 33 – Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. Brasília: IPHAN, p. 215 – 243, 2007.

SOBRINHO, Henrique Fernandes Lopes. Barbalha em tempos passados. Crato: Tipografia e Papelaria do Cariri.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.

TILLEY, C. (ed.). Reading Material Culture. Oxford: Blackwell, 1990.

TOCHETTO, Fernanda & THIESEN, Beatriz. A memória fora de nós: a preservação do patrimônio arqueológico em áreas urbanas. In: Revista do Patrimônio Histórico e

Artístico Nacional, n. 33 – Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. Brasília: IPHAN, p. 175 – 199, 2007.

VARGAS, G. V. et alli. Geomorfologia. In: Projeto RADAM . Rio de Janeiro: MME/DNPU, 1973.

VIANA, Verônica ; NASCIMENTO, Cibele ; LUNA, Daniel ; PEDROZA, Igor . Ceramistas Tupi na região fisiográfica do Cariri, Ceará. In: I Congresso Internacional da SAB (Sociedade de Arqueologia Brasileira) XIV Congresso da SAB, 2007, Florianópolis - SC. Anais do I Congresso Internacional da SAB/XIV Congresso da SAB, 2007.

VIANA, Verônica. Estudos integrados do patrimônio cultural ao longo da linha de transmissão 230 KV Milagres-CE/Coremas-PB circuito 2. Fortaleza: CONSPLAN/CHESF, 2006.

_____. Estudos Arqueológicos na área de intervenção da LT 230 KV Milagres-CE/Coremas-PB, circuito 2. Programa de resgate arqueológico. Relatório final de

acompanhamento da obra. Abertura de Praça. Abertura de estradas de acesso. Escavação de cavas. Fortaleza: CONSPLAN/CHESF, 2009.

WATSON, P. J.; LEBLANC, S. J; REDMAN, C. L. El método científico en arqueologia. Madri: Alianza, 1974.

INTERNET

<http://cariricangaco.blogspot.com.br/2010/02/tragedia-das-guaribas-de-chico-chicote.html> (I)

http://cariricangaco.blogspot.com.br/2010/02/tragedia-das-guaribas-de-chico-chicote_17.html (II)

<http://cariricangaco.blogspot.com.br/2010/02/tragedia-guaribas-de-chico-chicote.html> (III)

<http://www.blogger.com/profile/10089437872870486712>

<http://jatitemhistoria.blogspot.com.br>

<http://porteirasceara.blogspot.com.br>

<http://porteirasinforma.blogspot.com.br/2011/05/pedra-branca-porteiras-ceara.html>

<http://porteirasonline.com.br/porteiras>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Abaiara>

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/ceara/abaiara.pdf>

<http://www.citybrazil.com.br/ce/abaiara/historia-da-cidade>

<http://www.ceara.com.br/m/abaiara>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Brejo_Santo

http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/historico_conteudo.php?codmun=230250

<http://www.mfrural.com.br/cidade/brejo-santo-ce.aspx>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Miss%C3%A3o_Velha

<http://portaldonc.wordpress.com/missao-velha-ce>

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/ceara/missaovelha.pdf>

<http://www.missaovelha.ce.gov.br/cidade/missao-velha>

<http://www.mfrural.com.br/cidade/missao-velha-ce.aspx>

<http://www.missaovelha.ce.gov.br/cidade/historia>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Barbalha>

<http://crajubar.blogspot.com.br/2007/07/barbalha.html>

<http://www.mfrural.com.br/cidade/barbalha-ce.aspx>

<http://barbalhaonline.com.br/b/historia-barbalha>

<http://cafehistoria.ning.com/group/historiadocratoce>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Crato_%28Cear%C3%A1%29

<http://crato.ce.gov.br/index.php/a-cidade/67-a-cidade-historia-da-cidade/290-historia-do-crato>

<http://luceliamuniz.blogspot.com.br/2010/08/dados-referentes-ao-municipio-de-nova.html>

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/ceara/novaolinda.pdf>

<http://www.novaolinda.ce.gov.br/portal1/municipio/historia.asp?ildMun=10012312>

3